



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE LINGUAGENS E LITERATURAS (ILL)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM (PPGLin)**

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA LOPES

**O ATOR DA ENUNCIÇÃO CONSTRUÍDO EM *MEMES* SOBRE O SUJEITO-
PROFESSOR**

**ACARAPE/CE
2023**

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA LOPES

O ATOR DA ENUNCIÇÃO CONSTRUÍDO EM *MEMES* SOBRE O SUJEITO-
PROFESSOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas textuais discursivas.

Orientadora: Profa. Dra. Otávia Marques de Farias

ACARAPE/CE
2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Lopes, Luiz Fernando de Oliveira.

L864a

O Ator da Enunciação construído em memes sobre o sujeito-professor / Luiz Fernando de Oliveira Lopes. - Acarape, 2023.
146f: il.

Dissertação - Curso de Mestrado Em Estudos Da Linguagem, Programa De Pós-graduação Em Estudos Da Linguagem, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2023.

Orientadora: profa. Dra. Otávia Marques de Farias.

1. Linguística - Enunciação. 2. Ator da enunciação. 3. Meme.
4. Semiótica Discursiva. I. Título

CE/UF/Dsibiuni

CDD 469.5

LUIZ FERNANDO DE OLIVEIRA LOPES

O ATOR DA ENUNCIACÃO CONSTRUÍDO EM *MEMES* SOBRE O SUJEITO-
PROFESSOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguística. Linha de pesquisa: Práticas textuais discursivas. *Campus* Palmares.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Otávia Marques de Farias (orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ricardo Lopes Leite

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Lucas Porto de Queiroz

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Maria Leidiane Tavares Freitas

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Neste momento especial, gostaria de expressar minha gratidão a todas as pessoas que tornaram possível a realização deste trabalho. Agradeço a Deus, cuja graça e orientação têm sido fundamentais em minha jornada acadêmica e pessoal. A fé e a força que encontrei em sua presença foram um farol constante ao longo deste caminho, farol aceso por São Miguel Arcanjo.

Minha família merece um agradecimento especial. A vocês deixo minha profunda gratidão por seu apoio constante que mesmo de longe e em silêncio fortaleceram-me dia a dia, de incentivo foram o alicerce deste projeto e a razão pela qual cheguei até aqui.

Quero expressar minha mais profunda gratidão à minha noiva. Sua paciência, amor, zelo e apoio constante foram meu alicerce durante todo o processo de criação desta dissertação. Agradeço por estar sempre ao meu lado, por acreditar em mim e por ser o ponto de apoio nos momentos mais difíceis desse processo.

Além disso, quero expressar minha sincera gratidão à minha orientadora, Otávia Marques. Sua orientação, apoio e experiência desempenharam um papel fundamental na realização deste trabalho de pesquisa. Suas contribuições foram inestimáveis para o sucesso deste estudo.

Gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos os membros desta ilustre banca pela dedicação, tempo e expertise dedicados à avaliação do meu trabalho de mestrado. Agradeço profundamente pela oportunidade de defender minha pesquisa diante de uma equipe tão qualificada e experiente.

Também quero estender meus agradecimentos a todos os professores, colegas do mestrado, amigos e colegas que compartilharam seus conhecimentos comigo ao longo desta jornada acadêmica.

Por fim, agradeço a todos aqueles cujas contribuições, diretas ou indiretas, influenciaram positivamente este trabalho. Seja por meio de recursos, informações valiosas ou simplesmente por estar presente em momentos de dificuldade, sua ajuda foi inestimável.

Este estudo não teria sido possível sem o apoio e a colaboração de todas essas pessoas incríveis. A todos vocês, o meu mais profundo agradecimento.

A linguagem reproduz a realidade. Isso deve entender-se da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem. Aquele que fala faz renascer pelo seu discurso o acontecimento e a sua experiência do acontecimento. Aquele que o ouve apreende primeiro o discurso e, através desse discurso, o acontecimento reproduzido. Assim a situação inerente ao exercício da linguagem, que é a troca, e do diálogo, confere ao ato de discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade

Émile Benveniste

RESUMO

O estudo propõe uma abordagem analítica da configuração do Ator da Enunciação a partir dos discursos de memes sobre o cotidiano docente, distribuídos na rede social Pinterest. A escolha dessa plataforma deve-se à precisão apresentada pelos buscadores, permitindo uma coleta eficiente de dados relacionados ao tema. Foram utilizadas palavras-chave como *professor*; *professores*; *memes professores*; *professores memes*; *professora* e *vida de professor*, resultando na coleta de 14 memes, que foram submetidos à análise sob proceitos da Semiótica Discursiva. A fundamentação teórica do estudo baseia-se na Teoria Semiótica, especialmente no Percurso Gerativo de Sentido de Greimas e Courtés, além de outros percursos teóricos da Semiótica Discursiva. O objetivo central do trabalho é analisar como se configura o Ator da Enunciação com base nos dados contidos nos discursos de memes sobre o sujeito-professor. Isso implica compreender os domínios que permeiam a atividade laboral docente, bem como as organizações discursivas que traduzem os desafios da profissão. A ordenação do Ator da Enunciação está no nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido, envolto por figuras e temas. O contexto que motivou a pesquisa refere-se às mudanças nas práticas sociais e discursivas decorrentes das novas tecnologias. O *meme*, enquanto gênero discursivo, torna-se objeto de análise promissor para entender como uma classe profissional. A abordagem semiótica greimasiana é escolhida por fornecer subsídios teóricos e metodológicos para a análise discursiva, focando na apreensão e produção de sentido. A metodologia proposta inclui a separação dos *memes* pela recorrência de assuntos para a categorização inicial dos dados. A análise, realizada no nível narrativo e discursivo do Percurso Gerativo de Sentido, busca compreender a constituição do Ator da Enunciação a partir dos temas e figuras, bem como das isotopias que integram ao texto o "efeito de realidade". Nos memes sobre o professor, o Ator da Enunciação constitui-se temática e figurativamente a partir de organizações singulares pertencentes aos ambientes discursivos digitais, em virtude dos teores humorístico, satírico e hiperbólico dos *memes*, com a expressividade de discursos que versam sobre desafios do fazer docente. O Ator da Enunciação, ora crítico, ora hiperbólico, ora humorístico e, às vezes, tudo de uma vez, demonstra que a situação de parte dos professores é desgastante, maçante, cansativa e, em alguns casos, insalubre. Revestido pelo humor característico dos memes, o Ator da Enunciação revela um tom crítico ante a situação marcada nos textos.

PALAVRAS-CHAVE: Ator da Enunciação. *Meme*. Semiótica Discursiva.

ABSTRACT

The study proposes an analytical approach to the configuration of the Enunciative Actor based on the discourses of memes about the daily life of teachers, distributed on the social network Pinterest. The choice of this platform is due to the precision provided by search engines, allowing for efficient data collection related to the subject. Keywords such as *teacher*; *teachers*; *teacher memes*; *teachers memes*; *teacher*; and *teacher's life* were used, resulting in the collection of 14 memes that were subjected to analysis using principles of Discursive Semiotics. The theoretical foundation of the study is based on Semiotic Theory, especially on the Generative Trajectory of Meaning by Greimas and Courtés, as well as other theoretical trajectories of Discursive Semiotics. The central objective of the work is to analyze how the Enunciative Actor is configured based on the data contained in memes about the teacher-subject. This implies understanding the domains that permeate the teaching profession, as well as the discursive organizations that translate the challenges of the profession. The ordering of the Enunciative Actor is at the discursive level of the Generative Trajectory of Meaning, surrounded by figures and themes. The context that motivated the research refers to changes in social and discursive practices resulting from new technologies. The meme, as a discursive genre, becomes a promising object of analysis to understand a professional class. The Greimasian semiotic approach is chosen for providing theoretical and methodological subsidies for discursive analysis, focusing on the apprehension and production of meaning. The proposed methodology includes the separation of memes by the recurrence of subjects for the initial categorization of data. The analysis, carried out at the narrative and discursive levels of the Generative Trajectory of Meaning, seeks to understand the constitution of the Enunciative Actor based on themes and figures, as well as the isotopies that integrate the "effect of reality" into the text. In memes about teachers, the Enunciative Actor is thematically and figuratively constituted from unique organizations belonging to digital discursive environments, due to the humorous, satirical, and hyperbolic content of memes, with the expressiveness of discourses addressing the challenges of teaching. The Enunciative Actor, sometimes critical, sometimes hyperbolic, sometimes humorous, and sometimes all at once, demonstrates that the situation of some teachers is exhausting, tedious, tiring, and in some cases, unhealthy. Cloaked in the characteristic humor of memes, the Enunciative Actor reveals a critical tone towards the situation depicted in the texts.

KEYWORDS: Actor of Enunciation. Meme. Discursive Semiotics.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Meme</i> sobre as concepções do termo <i>meme</i>	24
Figura 2 –	Processos de constituição dos <i>memes</i>	29
Figura 3 –	Exemplificação dos processos de constituição em <i>memes</i> sobre professores.....	30
Figura 4 –	Esquema de organização da temporalização	52
Figura 5 –	Exemplificação ilustrada.....	62
Figura 6 –	Quadrado semiótico /vida/ e /morte/.....	64
Figura 7 –	Quadrado semiótico /vida/ e /morte/.....	64
Figura 8 –	<i>Meme</i> sobre carreira do professor.....	67
Figura 9 –	<i>Meme</i> para a representação de embreagem	77
Figura 10 –	<i>Meme</i> para a demonstração das isotopias.....	83
Figura 11 –	<i>Meme</i> sobre baixa remuneração	92
Figura 12 –	Leiaute da rede social Pinterest.....	97
Figura 13 –	Ilustração do conhecimento geral.....	99
Figura 14 –	<i>Meme</i> 1.....	102
Figura 15 –	<i>Meme</i> 2.....	104
Figura 16 –	<i>Meme</i> 3.....	113
Figura 17 –	<i>Meme</i> 4.....	107
Figura 18 –	<i>Meme</i> 5.....	113
Figura 19 –	<i>Meme</i> 6.....	115
Figura 20 –	<i>Meme</i> 7.....	117

Figura 21 –	<i>Meme 8</i>	119
Figura 22 –	<i>Meme 9</i>	121
Figura 23 –	<i>Meme 10</i>	124
Figura 24 –	<i>Meme 11</i>	127
Figura 25 –	<i>Meme 12</i>	129
Figura 26 –	<i>Meme 13</i>	131
Figura 27 –	<i>Meme 14</i>	133

LISTA DE QUADROS E TABELA

Quadro 1 – Trabalho de Letras/ Linguística e Comunicação sobre <i>memes</i>	36
Quadro 2 – Debreagens de primeiro e segundo graus.....	51
Quadro 3 – Tecnologias enunciativas	54
Quadro 4 – Esquema do percurso gerativo de sentido	65
Quadro 5 – Modalização do ser	70
Quadro 6 – Tipos de manipulação.....	71
Quadro 7 – Estrutura discursiva do percurso gerativo	80
Quadro 8 – Programas de competência e de <i>performance</i>	94
Tabela 1 – Temáticas.....	101
Quadro 9 – Temas e figuras do <i>meme</i> 1.....	104
Quadro 10 – Temas e figuras do <i>meme</i> 2.....	107
Quadro 11 – Temas e figuras do <i>meme</i> 3.....	109
Quadro 12 – Temas e figuras do <i>meme</i> 4.....	112
Quadro 13 – Temas e figuras do <i>meme</i> 5.....	114
Quadro 14 – Temas e figuras do <i>meme</i> 6.....	116
Quadro 15 – Temas e figuras do <i>meme</i> 7.....	119
Quadro 16 – Temas e figuras do <i>meme</i> 8.....	121
Quadro 17 – Temas e figuras do <i>meme</i> 9.....	123
Quadro 18 – Temas e figuras do <i>meme</i> 10.....	126
Quadro 19 – Temas e figuras do <i>meme</i> 11.....	129
Quadro 20 – Temas e figuras do <i>meme</i> 12.....	131

Quadro 21 – Temas e figuras do <i>meme</i> 13.....	132
Quadro 22 – Temas e figuras do <i>meme</i> 14.....	135

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 MEMES, SEMIÓTICA E CULTURA DIGITAL	22
2.1 Memes e semiótica	33
2.2 Memes e sua estrutura compósita na esfera digital	39
2.3 Dualismo digital	40
3 ÂNCORAS TEÓRICAS SOBRE ENUNCIÇÃO	44
3.1 Operações enunciativas e enuncivas de debreagem e embreagem	48
3.2 Enunciação em meios digitais	53
4 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	60
4.1 Nível fundamental	66
4.2 Nível narrativo	68
4.3 Nível discursivo	72
4.3.1 Tematização e figurativização	78
4.3.2 Isotopias temáticas e figurativas	82
4.3.3 Ator da Enunciação	84
5 CAMINHO METODOLÓGICO	90
6 DAS ANÁLISES	101
6.1 Memes sobre desgaste, exploração, cansaço e excesso de trabalho	101
6.2 Memes sobre o cotidiano escolar e a relação professor/aluno	123
7 DAS CONCLUSÕES	136
8 REFERÊNCIAS	141

1 INTRODUÇÃO

O trabalho traz uma abordagem analítica da configuração do Ator da Enunciação apoiada nos discursos de *memes* sobre o cotidiano docente distribuídos na rede social Pinterest. A plataforma tornou-se o *lócus* da pesquisa em virtude da precisão apresentada pelos buscadores. Isso envolve dizer que a inserção de palavras-chave na área de busca da rede social oportunizou vasta quantidade de dados direcionados ao recorte de pesquisa.

Neste estudo, foram utilizadas as seguintes combinações para compor o banco de dados: professor; professores; *memes* professores; professores *memes*, professora; e vida de professor. Nessa ambiência, foram coletados 14 *memes*, e submetidos à análise.

Para dar conta do proposto, recorreu-se à Teoria Semiótica, em especial, ao arcabouço teórico-metodológico do Percurso Gerativo de Sentido assentes em Greimas e Courtés (1989; 2008), Fiorin (1996; 2000; 2005; 2008); Barros (2002; 2005); Discini (2018a; 2018b): dentre outros percursos teóricos que se localizam no vasto campo de estudos da Semiótica Discursiva (SD).

Teoria desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, a SD propõe que os textos são formados por unidades mínimas de sentido e que tais unidades, quando relacionadas, compõem sequências narrativas e discursivas. Além desses aspectos, também são levados em consideração os atores sociais envolvidos no discurso; suas intenções e seus valores; bem como os contextos cultural e histórico em que os discursos ocorrem.

O objetivo central foi analisar de que modo se configura o Ator da Enunciação, com base nos dados contidos nos discursos de *memes* sobre o sujeito-professor, ciente de que é preciso compreender os domínios que permeiam a atividade laboral docente, bem como as organizações discursivas que traduzem os desafios da profissão, visto que, na linguagem, se orientam e se externalizam os modos pelos quais é acessada a representação de uma categoria de trabalho.

Convém lembrar que a ordenação do Ator da Enunciação acha-se recoberta pelo nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido e esse conceito é envolto por figuras e temas. Aqui, nesta abordagem mais introdutória, demonstra-se que, muito possivelmente, nos *memes* sobre professores, o Ator da Enunciação constitui-se a partir de organizações singulares pertencentes aos ambientes discursivos digitais, em virtude dos teores humorístico, satírico e hiperbólico dos *memes*, além de, certamente, haver expressivos discursos que versam sobre os desafios do fazer docente.

Antes de adentrar no cerne da teoria semiótica, não há preocupação com os conceitos íntimos da teoria, que serão apresentados detalhadamente no decorrer da dissertação. Nesta parte, importa a exteriorização dos motivos que levaram a esse objeto de pesquisa.

As novas tecnologias, a rapidez na transmissão de informações e o perfil multifacetado da sociedade atual redefinem as práticas sociais e discursivas. O tecido social brasileiro é heterogêneo, em sua composição, logo, as relações discursivas também são. Um país, notadamente envolto pela diversidade e dinamicidade, integrou suas singularidades a um gênero discursivo¹ mundialmente popular, o *meme*, que se manifesta como objeto de análise promissor para entender como uma classe profissional é representada por meio desses discursos originários, sobretudo, em ambientes digitais.

Soma-se a isso uma vertente dos estudos da linguagem que dá conta de perceber os percursos gerativos de sentido dos textos, inclusive, os textos sincréticos. O Percorso Gerativo de Sentido vale-se do texto em sua integralidade, seja ele verbal, imagético, ou multimodal, como nos *memes* que compõem este estudo.

Além de propor uma apreciação do Ator da Enunciação nos textos objeto deste estudo, pretendeu-se também verificar como se estabelecem as isotopias que integram, ao texto, o “efeito de realidade”. Tal efeito, para Bertrand (2003), atua como “impressões referenciais”. Exige-se, pois, uma análise acurada das isotopias temáticas e figurativas sob os preceitos da SD.

A opção pela teoria semiótica greimasiana está no fato de ela concernir à teoria da significação e à instalação de preceitos teórico-metodológicos que orientam a análise discursiva. Assim, de modo geral, “sua primeira preocupação será, pois, explicitar sob forma de construção conceptual, as condições da apreensão e da produção do sentido” (Greimas; Courtés, 1989, p. 415). O aporte teórico do Percorso Gerativo de Sentido, que possibilita uma análise integral dos objetos sob os prismas dos níveis fundamental, narrativo e discursivo, será abordado sistematicamente em seção específica.

Outro aspecto que merece menção inicial é o sincretismo inerente aos *memes*. Esse aspecto terá sua exposição diluída nos próximos capítulos, uma vez que os *memes* se constituem como *corpus* da pesquisa. Para tanto, propõe-se examinar como o sincretismo verbo-visual decorrente dos *memes* concorre, no nível discursivo, para a constituição de figuras e temas que envolvem o sujeito-professor.

¹ Em visão completa e sistêmica, admite-se a definição de Bakhtin (2003) para gêneros discursivos, os quais se classificam-se como formações sócio-históricas relativamente estáveis.

Ao considerar o *meme* como parte integrante dos correntes modos de comunicação, enunciação e interação, assume-se o desvelo em constituir reflexões quanto a esse gênero discursivo em crescimento gradual de exploração nos estudos semióticos. Tendo isso em vista, esta pesquisa apoiou-se nos preceitos teóricos que fundamentam a estruturação da semiótica greimasiana, especialmente em estudos que versam sobre enunciação e Ator da Enunciação. Sob o pressuposto de que práticas discursivas estão diretamente associadas às atividades sociais, promoveu-se uma análise semiótica sobre os textos envolvidos na configuração enunciativa do gênero discursivo *meme*, sobretudo no nível discursivo evidenciado nas organizações temáticas e figurativas.

Assim, sintetizando o disposto, na instância dos discursos originários dos ambientes digitais, foram estabelecidas relações analíticas sob o pressuposto da teoria da significação no *corpus* em investigação. Para que fosse factível tal propositura, foram avaliadas, dentro da era da informação e comunicação, as diversas perspectivas de pesquisas quanto aos aspectos dos discursos sincréticos em meios digitais.

Em vivências recentes, experienciou-se trabalhar com elaboração de vídeos explorando conceitos de produção textual; abordagem do ensino de português com o uso de *memes*; produção de narrativas a partir da técnica de *stop motion*; e investigação de estratégias de multiletramento no ensino de literatura. Esses ensaios possibilitaram a percepção dos correntes processos no século XXI e as formas de reinvenção, a partir dessas circunstâncias, atravessam os modos de interação, comunicação e discursivização. Importa destacar que os momentos citados anteriormente culminaram em produções científicas.

Dentre elas, está o (I) “Uso de memes em aulas de Português: um olhar voltado à inovação de práticas pedagógicas na área de Linguagens e Códigos” (Lopes; Fernandes, 2020), publicado na *Revista Educação, Escola e Sociedade*; (II) “Inovação de práticas educacionais: o uso de memes como recurso didático-pedagógico” (Lopes; Fernandes, 2019) publicado como capítulo do livro *Educação em Debate: Política, Formação Docente e Inovações Pedagógicas*; (III) “Discurso coletivo sobre práticas pedagógicas inovadoras: percepções de professores de um instituto federal de ensino superior” (Fernandes, *et al.*, 2019) publicado na *Revista de Educação, Língua e Literatura (REVELLI)*.

Completa-se esse percurso com publicações em torno dos métodos de ensino e aprendizagem inovadores oportunizados por professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Essas, no entanto, não se aproximam do objeto de pesquisa do presente trabalho, embora tenham auxiliado no amadurecimento pessoal em face

do funcionamento da pesquisa científica. Tais experiências suscitaram o interesse em análises em conformidade com os pressupostos teóricos da SD, valendo-se de *memes* como objeto de exploração.

Além das relevâncias teóricas e pessoais, podem ser traçadas dimensões teórico-acadêmicas da presente pesquisa, a qual visa ampliar os estudos em face do Ator da Enunciação, com um *corpus* dinâmico e carregado de possibilidades na teorização das práticas enunciativas. Na medida em que, quanto mais diversificados e constantes forem os espaços de discussão sobre os percursos constitutivos do Ator da Enunciação, nos mais variados gêneros discursivos, pode-se inferir e propor novas maneiras de compreensão de tal conceito.

Fazendo, agora, alusão a este estudo, é relevante pontuar que o ensejo da investigação de *memes*, em um escopo geral, deriva da participação em eventos e, principalmente, em um projeto de extensão no qual os *memes* eram os artigos basilares das ações. Este trabalho advém das inquietações instauradas na graduação e que, certamente, não terão fim neste trabalho.

Os aportes teóricos que forneceram subsídios a esta pesquisa foram, principalmente, as concepções que derivam da semiótica greimasiana, com ênfase no conceito de Ator da Enunciação. A razão desse recorte teórico balizou-se no fato de a SD instaurar um percurso de investigação do Ator da Enunciação a partir da sintaxe e da semântica do nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido. Além de oferecer a base teórica sólida, a SD ainda garantiu um aparato metodológico bastante refinado, fundamental para a compreensão dos acontecimentos discursivos.

Em síntese estreita, Bertrand (2003) assinala que o objeto dos estudos semióticos firma-se no sentido; é acessível pelo funcionamento da linguagem; e, de forma mais sensível, pela materialidade discursiva.

Cabe, aqui, evidenciar as discussões fundadoras da Semiótica. No plano linguístico, as questões geradoras envolvem-se, em parte, no Estruturalismo saussuriano; na concepção da língua e sua disposição social; e no formalismo hjelmsleviano; nesta última, explorando o campo da expressão e do conteúdo.

O Estruturalismo destaca-se por ser um movimento interdisciplinar, dada a sua disposição basilar, que ensejou o desdobramento de tantas outras teorias. Há, portanto, de se conceber o Estruturalismo como base fundadora das diversas vertentes teóricas com as quais dialogamos atualmente. Alves (2021, p.13) reitera que “é consenso entre os estudiosos

pluralizar a palavra Estruturalismo, em reconhecimento ao fato de que essa escola linguística deu origem a outros modos de pensar, além daquele apresentado pelo mestre franco-suíço”.

Em linhas gerais, existe um ponto destacável, nos postulados saussurianos, que são as reflexões acerca de língua e linguagem, as quais contribuíram efetivamente para diversos desdobramentos teóricos. Embora essa linha de estudo tenha seguido caminhos particulares, pode-se compreender a importância das discussões iniciais que permeiam língua e linguagem.

No domínio antropológico cultural, a Semiótica frui do funcionamento coletivo dos discursos, afastando-se da prática singular do sujeito falante. Esse interesse advém da predileção por investigar “os usos culturais do discurso que modelam o exercício da palavra individual: rituais, hábitos, mantidos sedimentados na práxis coletiva das linguagens” (Bertrand, 2003, p. 18).

Norteadas por essas perspectivas, a Semiótica apresenta-se como matriz de diversas discussões teóricas, as quais concedem subsídios de análise e reflexão quanto à fundação do sentido, em virtude dessa interdisciplinaridade.

Estreitando as discussões, destacam-se os caminhos teóricos seguidos neste trabalho, em consonância com os estudos do discurso e a SD.

No escopo da enunciação, Benveniste (2005; 2006) produz discussões significativas em referência ao modo de organização enunciativo, especialmente, aponta-se a relevância de compreender a organização da teoria da enunciação disposta pelo autor, bem como entender particularidades da enunciação dentro da criação dos sentidos na SD.

Conexo a esse entendimento, depreende-se que a organização enunciativa se vale da disposição do sujeito enunciativo no ato de comunicação. Com isso, o conceito evidenciado na pesquisa, que foi parte integrante das reflexões e análises, o Ator da Enunciação constitui-se a partir de temas e figuras.

Conforme aduz Barros (2016, p.14) “os temas e figuras trazem ao Ator da Enunciação as marcas de sua inserção sócio-histórica e ideológica, e, além disso, como as figuras investem sensorialmente, os temas dão-lhe corpo”. Acrescenta-se que o objetivo da pesquisa incluiu analisar de que modo se configura o Ator da Enunciação no *corpus* constituído. Ainda, conjuntamente, foram analisadas as regularidades na apresentação do Ator da Enunciação, de modo a investigar quais temas e figuras se mantinham constantes ou variavam nessa instância dos enunciados do *corpus* estudado.

Os estudos semióticos produzem considerável aplicação prática para o entendimento da organização discursiva. Convém apresentar que “o exame dos atores da enunciação é,

portanto, o modo como os estudos semióticos procuram dar à enunciação identidade corporal e sócio-histórica” (Barros, 2016, p.14).

Antes do encerramento desta discussão, notabiliza-se que o conceito investigado foi o de Ator da Enunciação, atentando-se em viabilizar uma análise pautada nos preceitos teóricos do Percurso Gerativo de Sentido.

O *meme*, enquanto gênero discursivo, é caracterizado pela dinamicidade comunicacional, sua composição multimodal e a forma satírica, cômica e, muitas vezes, crítica, de abordar os diversos assuntos que permeiam a sociedade do século XXI. Nesse sentido, merecem referência os conceitos que permeiam os processos de concepção desse gênero. Para Lopes e Fernandes (2020, p. 3), as partes constituintes dos *memes* “são, essencialmente, as linguagens verbais, não verbais e os demais elementos semióticos do discurso, como vivências, cultura e as diferentes leituras que os integram”.

Para a Semiótica, o *meme* é um acontecimento discursivo, como as diversas outras organizações discursivas, dentro, cada uma, de suas particularidades. Os *memes* podem, ainda, ser apreciados sob o prisma dos textos plurissemióticos, que se constituem, por essência, pela relação dialética das múltiplas semióticas.

Concebemos os *memes* como uma inovação discursiva, em virtude da sua atual ascensão nos processos de comunicação, os quais “são compreendidos com base na categoria analítica do intertexto pois, na prática, perpassam inúmeros textos (multimídias), constituindo paródias e outras formas de referência” (Meili, 2014, p. 355).

Resta, ainda, apresentar o revestimento estrutural desta pesquisa. O estudo está disposto em sete partes. A primeira parte é esta, mais introdutória, na qual constam os objetivos da pesquisa, os motivadores que trouxeram à presente discussão, bem como as hipóteses e questões que nortearam esta investigação.

Logo depois, são tecidas considerações acerca da conceituação do gênero *meme*, da disposição do contexto social no qual o gênero se insere e dos modos configurativos da linguagem à luz de Benveniste. Constrói-se, primeiramente, o percurso para a compreensão das características que envolvem os *memes* em uma acepção mais geral. Em seguida, constam as reflexões acerca da conceituação etimológica de *meme*, baseadas em Shifman (2014) e Dawkins (2007).

Ainda no espaço de discussão reservado aos *memes* e suas organizações nos espaços digitais, reserva-se um lugar para apontar uma tendência emergente nos estudos do discurso, o dualismo digital, na qual é posta em matéria se as investigações que se valem de discursos

digitais levam em consideração todo o ecossistema que circunda esses discursos. Nesse ponto, foi adotada uma visão pós-dualista, por se entender, com base em Paveau (2021), que os *memes* não logram os mesmos efeitos comunicativos, humorísticos e satíricos fora da esfera digital, e isso implica dizer que os *memes* perdem substância se analisados isoladamente do seu veículo.

Convém sublinhar que, nas terceira e quarta parcelas do trabalho, encontra-se a sustentação teórica da pesquisa. Intitula-se âncora teórica, a quarta parte, em virtude de lá haver o objeto de fundamental percepção, a enunciação, entendida como o pôr em prática o uso da língua. É preciso, ainda, atentar-se para a enunciação organizada com base nas operações de debrageme e debragem enunciativa e enunciva, bem como considerar as formas de enunciação em meios digitais.

Há, na quarta seção do estudo, uma discussão ampliada a respeito dos processos constituintes do sentido. Estabeleceu-se uma segmentação do Percurso Gerativo de Sentido em seus três níveis. Alguns aspectos relevantes envolvem a teoria gerativa do sentido. Um deles é a possibilidade de explorar separadamente os níveis, bem como estabelecer verificações sob a totalidade da teoria, pois os níveis afirmam-se em um contínuo de significação.

Em relação à quinta parte da pesquisa, dispõem-se o percurso metodológico que norteará o roteiro de coleta e análise dos dados. Nessa parte, são propostas as abordagens de análise: (i) A separação dos *memes* pela recorrência dos assuntos auxilia na categorização inicial dos dados; e (ii) a análise, sob o pressuposto teórico do Percurso Gerativo de Sentido, em seu nível discursivo, principalmente. Teremos também disposta uma demonstração de como funcionará a categorização e a análise ao abrigo do Percurso Gerativo de Sentido.

Na sexta parte, consta o processo de análise dos *memes* com base em dois níveis do Percurso Gerativo de Sentido - o narrativo e o discursivo. Nessa parte do trabalho, fez-se necessário estabelecer uma subdivisão na seção; desse modo, os tópicos de análise estão contidos em: *memes* sobre o desgaste e a exploração profissional; *memes* sobre o cansaço e o excesso de trabalho; e *memes* sobre o copiando escola e a relação professor-aluno. Ao todo, 14 textos estruturam as discussões no trabalho.

Na sétima e última seção deste trabalho, encontram-se as conclusões resultantes dos processos reflexivos durante a elaboração do texto. Essa seção tem como objetivo encerrar as discussões propostas, com considerações sobre a fundamentação teórica e identificando potenciais pontos de destaque e lacunas na dissertação. Reconhecer o papel do Ator da

Enunciação em *memes* que abordam, de forma geral, professores, não foi uma tarefa simples, mas desafiadora e, ao mesmo tempo, gratificante.

Iniciam-se, adiante, as discussões teóricas que norteiam o funcionamento da pesquisa. Na próxima parte do trabalho, são abordados os *memes* sob alguns pontos de vista teóricos, inclusive, o semiótico.

2 MEMES, SEMIÓTICA CULTURA DIGITAL

A definição de *meme*, embora pareça óbvia e dispensável, é material útil aos estudiosos da linguagem, sobretudo, aos que chegarem neste trabalho a fim de explorar tal conceito ou, até mesmo, constituir desdobramentos acerca de um objeto que, progressivamente, se encontra em teses, dissertações, artigos, mesas-redondas de eventos, dentre outros mecanismos de divulgação das investigações científicas.

Como base teórica dessa conceituação, são trazidos os estudos realizados por Shifman (2013; 2014); Marino (2018) e Barros (2021). Seguramente, a partir de uma visão do senso comum, o entendimento mais popular é que *meme* é tudo aquilo que viraliza na rede digital, seguindo uma organização textual cômica, satírica, ou os dois em simultâneo.

Há, pois, íntima relação entre *meme* e viral, contudo, é necessário reconhecer as particularidades de cada classe. Shifman (2014), em sua obra *Memes in digital culture*, dedica um espaço particular no que diz respeito à viralidade e aos *memes*, apresentando as aproximações e os distanciamentos entre os termos.

Shifman (2014, p. 55) elenca os três atributos que permeiam a viralidade para que se possa entender melhor os movimentos de cada conceito: “(i) um modo de difusão de pessoa para pessoa; (ii) grande velocidade, que é aprimorada pelas plataformas de mídia social; e (iii) amplo alcance, que é obtido pela ponte entre várias redes” (tradução nossa).

Como se percebe, a viralidade tem suas principais características potencializadas pela ampliação promovida pelas relações nas redes. Esse fator gera, em primeiro plano, a associação comum feita entre viralidade e *memes*. No entanto, a viralidade, como uma condição não exclusiva dos *memes*, tendo em vista que podem existir notícias virais, reportagens virais, filmes virais e, claro, *memes* virais. Esse atributo contribuiu para dar visibilidade ao *meme* em espaços de investigação científica.

Para melhor conceituar, a viralidade estrutura-se pela disposição em espalhar-se em grande escala. O termo, originário da biologia, “o termo viralização remete a algo que se espalha de maneira contagiosa, infectando e se disseminando na internet” (Torres, 2016, p. 61)

No Brasil, por exemplo, o Laboratório de Comunicação, Culturas Políticas e Economia da Colaboração da Universidade Federal Fluminense (coLAB-UFF) teve a iniciativa de criar o museu digital, intitulado Museu de *Mememes*, o qual pode ser acessado pelo seguinte endereço eletrônico: <https://museudememes.com.br>. Nesse canal, além de *memes* sobre diversas temáticas, também são expostas produções científicas.

Na aba de apresentação, dedica-se um espaço para ponderar a individualidade dos *memes* e de objetos virais. De modo conciso, é apresentada a distinção entre *meme* e viral; assim percebe-se, graças a esse destaque, que

quando nos referimos a um viral, como o videoclipe de Gangnam Style no YouTube ou aquele áudio de um humorista fazendo piada que recebemos de grupos no WhatsApp, estamos sempre falando de um único conteúdo. Por outro lado, quando falamos em memes, como o Willy Wonka Irônico ou os bordões de Bela Gil, raramente estamos fazendo menção a um só conteúdo, se não a um grupo ou uma coleção deles (Museu de *Memes*).²

Cabe aqui, antes de aprofundar as discussões, trazer a definição primeira do termo *meme*, cunhado pelo biólogo britânico Richard Dawkins. O teórico aborda, na obra *O gene egoísta*, a viabilidade de criar um vocábulo que acompanhe o movimento de transmissão cultural.

Esse autor é responsável por apresentar a definição primeira do termo no escopo sociobiológico, em busca de uma acepção que representasse um replicar de ideias na e pela sociedade, considerado, pois, “uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação” (Dawkins, 2007, p. 214).

Shifman (2014, p. 41), por sua vez, preocupa-se em conceituar os *memes* pertencentes à cultura digital e sugere

Que, para os *memes* da Internet — que geralmente são baseados em uma taxa de mutação extensa e rápida — pode ser útil virar a definição de Dawkins de cabeça para baixo olhando para os *memes* não como ideias isoladas ou fórmulas que se propagam bem, mas como grupos de itens de conteúdo. Combinando esses dois princípios, defino um meme da Internet como: (a) um grupo de itens digitais que compartilham características comuns de conteúdo, forma e/ou postura, que (b) foram criados com consciência mútua e (c) circularam, imitaram e/ou transformaram via Internet por muitos usuários.³

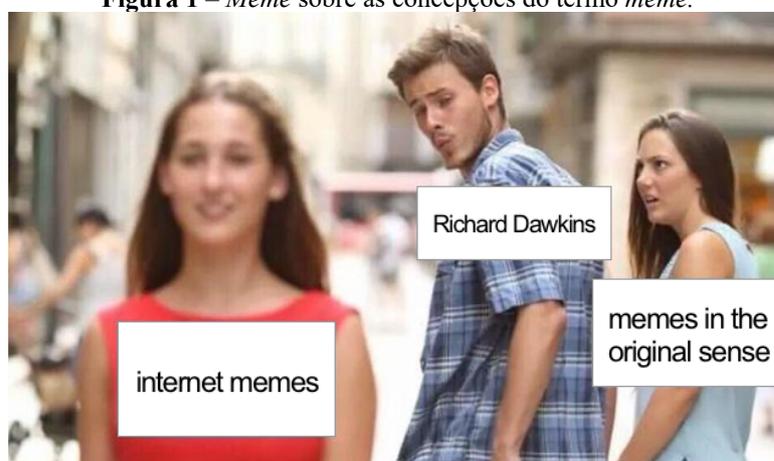
² Todos esses exemplos são clicáveis e podem ser acessados no decorrer da leitura deste trabalho para complementar o entendimento dos conceitos teóricos no decurso do texto. Sugere-se uma visita ao museu digital e a leitura do artigo *De tempos-espacos físicos aos digitais: memes, museus e a arquitetônica de paisagens linguísticas/semióticas na atualidade*, produzido pela professora e pesquisadora Eliane Fernandes Azzari, no qual tece considerações relevantes quanto à ressignificação dos espaços digitais após a expansão e aprimoramento das ferramentas digitais de comunicação e informação, cujo objeto de análise é o Museu de *Memes* (Azzari, 2018).

³ I suggest that for Internet memes—which are often based on an extensive and swift mutation rate – it may be useful to turn Dawkins’s definition on its head by looking at memes not as single ideas or formulas that propagate well, but as groups of content items. Combining these two principles, I define an Internet meme as: (a) a group of digital items sharing common characteristics of content, form, and/or stance, which (b) were created with awareness of each other, and (c) were circulated, imitated, and/or transformed via the Internet by many users.

É relativamente compreensível a distinção de conceitos pensados em e para períodos diferentes da história. Dawkins (2007) deu conta de construir uma definição que pudesse representar os modos de replicação de ideias dispostas culturalmente. Enquanto Shifman (2014), imbuída dos contextos que envolvem a comunicação digital, buscou conceituar os *memes* em sua disposição contemporânea.

A distinção entre *memes* em sua primeira acepção e *memes* da internet rendeu, por sua vez, um *meme* da internet. Elaborado pela revista digital *Science Friday*, a produção aborda de forma descontraída a definição do biólogo evolucionista e a acepção da pesquisadora sobre cultura e mídias digitais no artigo *The Origin Of The Word 'Meme'*. (Fig. 1).

Figura 1 – Meme sobre as concepções do termo *meme*.



Fonte: ScienceFriday.com. Disponível em: <https://www.sciencefriday.com>. Acesso em: 22 jan. 2023.

Reitera-se que a disposição desse *meme* não reflete as marcações teóricas que envolvem os estudos de Dawkins (2007), tampouco os de Shifman (2014). O texto em questão marca, apenas, a organização recorrente em trabalhos sobre *memes*, o sentido inicial do termo e o seu desdobramento.

Entende-se que a definição apresentada por Dawkins (2007) deve ser observada, em razão da estrutura teórica estabelecida entre os termos *gene* e *meme*. “Enquanto o *gene* está ligado diretamente à evolução humana, o *meme*, saindo do campo biológico, relaciona-se, intimamente, com as evoluções dos processos culturais, dentre eles, os hábitos, as práticas e os costumes” (Lopes, Fernandes, 2019, p. 42).

Lembra-se, ainda, que essa acepção foi proposta em 1976 e não contempla, portanto, as abrangências que o termo adquiriu na contemporaneidade. Entretanto, é reconhecida a importância de observar a organização etimológica da palavra, dado que, embora não tenha

sido concebido de acordo com a conjuntura do século XXI, o termo simboliza, de maneira geral, o funcionamento dos *memes* enquanto ordenação cultural.

Dawkins (2007, p. 214) sugere reflexões para a constituição de algo que ele conceitua como novo replicador da cultura humana:

Acho que um novo tipo de replicador recentemente surgiu neste próprio planeta. Ele está nos encarando de frente. Ainda está em sua infância, vagueando desajeitadamente num caldo primordial, mas já está conseguindo uma mudança evolutiva a uma velocidade que deixa o velho gene muito atrás. O novo caldo é o caldo da cultura humana. Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. "Mimeme" provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como "gene". Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para *meme*. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a "memória", ou à palavra francesa *même*.

A observância dos processos culturais, por Dawkins (2007), combina a organização evolutiva do campo biológico com o quadro evolutivo cultural, respeitadas, todavia, as particularidades de cada campo. Para o autor, alguns exemplares de *memes* podem ser “melodias, ideias, ‘slogans’, modas do vestuário, maneiras de fazer potes ou de construir arcos” (Dawkins, 2007, p. 215). Em paralelo, o autor propõe que:

os genes se propagam no "fundo" pulando de corpo para corpo através dos espermatozoides ou dos óvulos, da mesma maneira os memes propagam-se no "fundo" de *memes* pulando de cérebro para cérebro por meio de um processo que pode ser chamado, no sentido amplo, de imitação.

O enquadramento conceitual proposto pelo biólogo apresenta proximidades com o que se chama, atualmente, de *memes* da internet, mas, certamente, é possível afirmar que o autor não construiu tais proposições para classificar o gênero discursivo *meme*. Para dar conta da amplitude significativa do conceito, investiu-se nos estudos dispostos, sobretudo, em Marino (2018), semioticista e profissional de Marketing Digital, graduado em Estudos de Comunicação pela Universidade de Palermo/Itália e doutor em Semiótica pela Universidade de Turim/Itália.

O estudioso constrói um percurso estruturado acerca da conceituação referente aos *memes* da internet. Nessa ambiência, Marino (2018) chancela a importância de propor uma abordagem semiótica, sobretudo, no domínio discursivo.

O que, particularmente, interessa, nas avaliações do autor, é a marcação indispensável das interações da internet “como um sistema autônomo, com suas próprias especificidades (os

modos de criação e difusão dos conteúdos gerados), existindo em relação dialética com a ‘sociedade *offline*’ (num intercâmbio mútuo de formas e de conteúdo)” (Marino, 2018, p.10).

Importante frisar que, para o semioticista, a forma como a sociedade interliga-se às redes sociais possibilita ambientes de discursivização, bem como vale-se delas como sistema linguístico. Marino (2018) também reconhece a limitação conceitual disposta por Richard Dawkins, em razão de não haver clareza quanto à marcação do entendimento a ser considerado, metafórica ou ontologicamente. Ou seja, não se sabe, com base em Dawkins (2007) “se o conceito de ‘*meme*’ deve ser compreendido metaforicamente (hipótese fraca) ou ontologicamente (hipótese forte)” (Marino, 2018, p.11).

Verticalizando essas duas concepções, a hipótese fraca relaciona os *memes* à unidade de imitação, na qual se estabelecem as implicações culturais. Por outro lado, a hipótese forte possibilita compreender os *memes* enquanto unidades autônomas, que se reproduzem nos cérebros, instituindo essa relação de independência em face dos elementos imitados.

Reitera-se, mais uma vez, que a apresentação da significação inaugural do termo *meme* serve de comparativo com as atuais tendências de investigação, especialmente, nos estudos semióticos.

Shifman (2014) disserta, em seu livro *Memes in digital culture*, sobre a dimensão teórica que permeia os *memes* da internet, e, por muito tempo considerava-os replicadores autônomos, como se as interferências cultural e humana também assim o fossem. Subscreeve-se o entendimento da autora quando articula que a sociedade não atua como transmissores culturais passivos, e sim atores ativos, com poder de decisão, diretrizes sociais e preferências.

Desse entendimento, certamente, deriva o funcionamento dos *memes* da internet enquanto manifestações discursiva e cultural. “Embora os *memes* sejam artefatos aparentemente triviais e mundanos, eles, na verdade, refletem profundas estruturas sociais e culturais”⁴ (Shifman, 2014, p.15, tradução nossa).

Nesse delineamento, outro questionamento surge: quando os *memes* se tornaram digitais? Pois, como visto, o termo foi idealizado muito antes da era das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). Shifman (2014) parte dos atributos propostos por Dawkins, quais sejam: longevidade, fecundidade e fidelidade, para compor discussões acerca do processo de “digitalização” dos *memes*.

A longevidade refere-se, basicamente, à permanência dos *memes* no tempo e espaço no qual estão inseridos, ou seja, seu prazo de subsistência. Para um *meme* organizar-se como

⁴ While memes are seemingly trivial and mundane artifacts, they actually reflect deep social and cultural structures.

tal, é preciso que se estabeleça no tempo e nos espaços de circulação; apesar da fluidez que esses discursos apresentam, há, nos espaços de circulação digital, um tempo médio de manutenção dos *memes*.

Por sua vez, a fecundidade dá-se pelos processos de propagação, isto é, a fecundidade relaciona-se ao grau de disseminação dos *memes*. Para terminar, a fidelidade requer uma dimensão reprodutiva dos *memes*; em outras palavras, podemos dizer que fidelidade conecta-se aos aspectos iniciais do termo *meme*, a imitação.

Shifman (2014, p.17) reconhece que o digital potencializa as características dispostas acima, porque

A transmissão de memes *on-line* tem maior fidelidade de cópia (ou seja, precisão) do que a comunicação por outras mídias, uma vez que a digitalização permite a transferência de informações sem perdas. A fecundidade (o número de cópias feitas em uma unidade de tempo) também é bastante aumentada – a Internet facilita a difusão rápida de qualquer mensagem para vários nós. A longevidade também pode aumentar potencialmente, porque as informações podem ser armazenadas indefinidamente em vários arquivos⁵ (tradução nossa).

Ademais, além dos atributos de longevidade, fecundidade e fidelidade, de Dawkins (2007), explorados por Shifman (2014), são atributos relacionados à cultura digital, e aos *memes*, a modelagem de ações, os comportamentos e as formas de socialização. Shifman (2013) pontua, de modo essencial, esses outros três atributos, que permeiam os *memes* na cultura contemporânea.

Em primeiro lugar, os *memes* partilham da fecundidade, uma característica inerente à sua essência. Convencionamos chamar esse atributo de “compartilhabilidade”, isso porque “os memes podem ser mais bem compreendidos como informações culturais que passam de pessoa para pessoa, mas gradualmente se transformam em um fenômeno social compartilhado”⁶ (Shifman, 2013, p. 365, tradução nossa).

Sem dúvida, reconhecendo o direcionamento teórico de Limor Shifman, é de se notar que o compartilhamento nas redes sociais constitui um ato a ser investigado, inclusive, em aspectos pré-digitais e propriamente digitais. A autora apresenta a ação de compartilhar sob

⁵ Online meme transmission has higher copy fidelity (that is, accuracy) than communication through other media, since digitization allows lossless information transfer. Fecundity (the number of copies made in a time unit) is also greatly increased – the Internet facilitates the swift diffusion of any given message to numerous nodes. Longevity may potentially increase, as well, because information can be stored indefinitely in numerous archives.

⁶ memes may best be understood as cultural information that passes along from person to person, yet gradually scales into a shared social phenomenon.

duas perspectivas: (i) compartilhar na qualidade de distribuição de modo geral; e (ii) compartilhar enquanto prática comunicativa.

Nessa linha de intelecção, Shifman (2014, p.19) exemplifica:

Quando posto um clipe engraçado no Facebook, distribuo um item cultural e ao mesmo tempo expesso meus sentimentos sobre ele. E, na maioria das vezes, prevejo que outros continuarão divulgando a peça de que tanto gostei. Em outras palavras: compartilhar conteúdo – ou espalhar memes – agora é uma parte fundamental do que os participantes experimentam como a esfera digital.⁷

Outro ponto importante constitutivo dos *memes* e da esfera digital é a viabilidade de acondicionar os *memes* em um processo traduzido em reempacotamento que, na verdade, é um processo de imitação. Shifman (2014) esclarece que, se uma pessoa deseja remontar ou reproduzir por meio da oralidade, deverá valer-se dos seus sentidos, para efetivar esse processo de partilha. Nesse processo, algumas características perdem-se e outras são atribuídas, isso ocorre pelo fato de ser improvável reconstituir os *memes* tais quais foram vistos, por exemplo, na tela de um celular.

A partir do que foi exposto anteriormente sobre compartilhabilidade, são estabelecidas relações com o atributo do reempacotamento, visto que, a partir daquele recurso, pode-se, simplesmente, por meio de um clique, reproduzir precisamente as propriedades básicas dos *memes* e, às vezes, com contribuições particulares ao compartilhar. Com isso, “na era digital, no entanto, as pessoas não precisam reembalar os *memes*: elas podem espalhar o conteúdo como está, encaminhando, vinculando ou copiando” (Shifman, 2014, p. 20).

Embora se reconheça que existem replicadores de *memes* que atuam diretamente na criação ou modificação de outros já existentes, o processo de compartilhamento exerce o maior poder de disseminação desses discursos.

Com vistas a ilustrar o processo de criação ou modificação dos *memes*, a autora reconhece os dois principais mecanismos de reempacotamento. Para começar, o primeiro mecanismo é nomeado de mimetismo e organiza-se em conformidade com a base significativa da palavra. Na biologia, o mimetismo é a capacidade de plantas e animais se adequarem ao ambiente em que se encontram, fazendo-se, assim, uma imitação dessa atmosfera. Na *Web*, o mimetismo envolve o refazer, ou seja, uma imitação tendo um *meme* como discurso de base.

⁷ When I post a funny clip on Facebook, I distribute a cultural item and at the same time express my feelings about it. And most often, I anticipate that others will continue spreading the piece that I have enjoyed so much. In other words: sharing content – or spreading memes – is now a fundamental part of what participants experience as the digital sphere.

Aqui, coloca-se o segundo elemento de reempacotamento, um pouco mais recente, o *remix*, que compreende a modificação dos *memes* com auxílio de tecnologias, como editores de foto, tendo como base um *meme* inicial. Existe, atualmente, uma variedade de aplicativos que apoiam o processo de *remix*.

Para favorecer a visualização, de forma mais prática, desses dois processos, a autora apresenta, a partir de *memes*, os dois processos que serão demonstrados agora. (Fig. 2).

Figura 2 – Processos de constituição dos *memes*



Fonte: Shifman (2014, p. 21).

Adequando essa concepção ao objeto desta investigação, pode-se ter o arranjo reproduzido na Figura 3 relacionado aos processos de *remix* e mimetismo.

Figura 3 – Exemplificação dos processos de constituição em *memes* sobre professores



Fonte: Google imagens. Disponível em:
<https://www.google.com.br/imghp?hl=pt-PT&tab=ri&authuser=0&ogbl>. Acesso em: 2 fev. 2023.

Ao incorporar essa orientação teórica, depreende-se um percurso análogo ao proposto por Shifman (2014). O primeiro *meme* instaura a definição de “original”, embora se saiba que a primeira representação, de fato, ocorreu em um programa televisionado na grande mídia.

Merece referência que o *meme* em questão advém de um programa humorístico de televisão chamado Escolinha do Professor Raimundo, cujo ator, Chico Anysio, que representava o professor Raimundo, tinha como frase de efeito: “e o salário ó” e, em complementação, os dedos em formato de pinça faziam alusão à reduzida remuneração, como representado no primeiro *meme* da Figura 3.

No segundo *meme*, percebe-se, pois, com clareza, a composição por meio do *remix*. Observa-se que há sobreposição do *meme* de base, e criado um novo *meme* em caráter cômico, no qual se estabelece a oposição entre altos e baixos salários.

No último *meme*, a figura do professor Raimundo é substituída, mas, ainda assim, existem polos referenciais que levam ao *meme* inicial. Sobretudo, os dedos em formato de pinça portam um grau alusivo ao primeiro *meme*. Logo, tem-se o processo de mimetismo. O objeto em questão é multifacetado e desponta discursivamente de diversas maneiras.

Shifman (2013, p. 365) versa sobre essa multiplicidade de possibilidades de reestruturação dos *memes* e indica que:

O termo “*meme*” é particularmente adequado para descrever esse excesso de retrabalhos, pois o conceito – deliberadamente conotando “mimese” – é flexível o suficiente para capturar uma ampla gama de intenções e ações comunicativas, abrangendo todo o caminho desde da cópia ingênua à imitação desdenhosa⁸. (tradução nossa).

Em uma compreensão mais direcionada, Marino (2018) elabora breve percurso cronológico do surgimento dos *memes*. Considera-se necessário expor esse percurso aqui pois apoia a observância dos preceitos constituintes dos *memes* da internet. Ademais, esses *memes* podem ser encontrados facilmente na internet, tendo em vista as noções de investigabilidade (Paveau, 2020) ou de rastreabilidade (Merzeau, 2012) inerentes aos discursos digitais, as quais, em termos de conceitualização, se tornam noções próximas e referem-se aos modos de investigar, em um sentido rememorativo, os discursos digitais.

Primeiros memes da Internet

Uma lista dos primeiros memes de Internet famosos (ou seja, memes de Internet definidos como tal, que já eram considerados clássicos entre 2004 e 2006) inclui:

- Bebê dançante (1996): uma perturbadora animação em 3D de um bebê dançando;

⁸ The term “meme” is particularly suitable to describe this glut of re-works, as the concept – deliberately connoting “mimesis” – is flexible enough to capture a wide range of communicative intentions and actions, spanning all the way from naïve copying to scornful imitation.

- Mr. T Ate My Balls (1996): um site contendo imagens de Mr. T – um personagem da série de TV The A-Team (1983-1987) – legendadas com frases sem sentido;
- All your base are belong to us (1998): uma captura de tela do jogo de videogame Zero Wing, de 1989, exibindo a referida frase (uma tradução incorreta para o inglês do original em japonês);
- Emotion Eric (1998): imagens de uma pessoa imitando emoticons;
- Hampster dance (1998): uma página completamente preenchida com GIFs animados de hamsters dançantes;
- Yatta! (2001): uma canção cômica do grupo musical japonês fictício Green Leaves;
- Star Wars kid (2002): um vídeo em que uma pessoa imita o personagem de Star Wars Darth Maul (do filme Star Wars Episódio I: A Ameaça Fantasma, de 1999);
- Leeroy Jenkins (2004): uma paródia em vídeo do jogo de videogame World of Warcraft;
- Numa Numa (2004): um vídeo com uma personagem dublando uma versão da canção Dragostea din tei;
- Páginas dos websites satíricos The Best Page in The Universe (1997) e Real Ultimate Power (2002) e o website chocante Goatse (1999). (Marino, 2018, p.13).

Dentro dessa disposição, os *memes* têm sua estruturação articulada em três fases. Na década de 1990, a primeira fase viabiliza, a partir dos fenômenos sociais e culturais, a circulação dos *memes*, particularmente, por *e-mails*, os quais assumiram a forma de “correntes, boatos e vírus, como o *Goodtimes*, que se espalhou em 1994, e grupos de discussão na *Usenet*” (Marino, 2018, p.13). Essa fase refere-se à de *Proto-Memes* de internet.

O próximo momento diz respeito à subcultura dos *memes* de internet, marcada temporalmente no fim dos anos 1990 até 2005. A diferença, nessa fase, é meio de circulação e forma de construção dos *memes*. Nessa condição, a forma de circulação estabelecia-se por fóruns e *blogs* pessoais. Marino (2018) marca essa fase pelo estabelecimento da estrutura dos *memes* contemporâneos, ou seja, estrutura-se, aqui, a forma dos *memes* da atualidade.

A subcultura de *memes* de Internet, destaca o autor, tem como “os mais importantes desses fóruns são o *4chan9* (uma verdadeira fábrica de *memes*, criado em 2003 pelo *geek* americano de 15 anos, Christopher Pool, também conhecido como *moot*) e o *Reddit10* (criado em 2005). Essas duas aplicações podem ser observadas circulando, nos dias atuais. Recomenda-se, para conhecer melhor essas duas estruturas de *memes*, fazer breve pesquisa com essas duas siglas no Google Imagens e, rapidamente, surgirão recortes dessa fase dos *memes* da internet.

Para terminar, a última fase compreende o recorte temporal de 2005 até os dias atuais e tem a perspectiva de evidenciar os *memes* de Internet globais. É uma fase marcada pela popularização e pelo desenvolvimento das redes sociais, além do surgimento de recursos específicos para a criação de *memes* na Internet, nos quais se encontram “*websites* temáticos

com galerias bem estruturadas, geralmente oferecendo ferramentas semiautomáticas para que leigos também possam criar seus *memes*” (Marino, 2018, p.14).

O autor elenca, ainda, alguns *sites* que fizeram parte desse processo, quais sejam: “*I Can Has Cheezburger* (2007), *Memegenerator* (2009), *Quickmeme* (2010) e *Know Your Meme* (2008). O último é uma espécie de ‘censo’ dos *memes* de Internet, que coleciona, cataloga e os estuda, utilizando métodos quantitativos e estatísticos” (Marino, 2018, p. 14).

O desenho cronológico proposto por Marino (2018) ajuda a compreender o processo evolutivo e de consolidação dos *memes* enquanto ferramenta discursiva e mediadora das relações sociais. Percebe-se que a expansão do uso das redes sociais atua como fator atenuante de firmamento dos *memes* nas relações sociais.

A seguir, estão explicitadas algumas abordagens que envolvem a teoria semiótica e os *memes*.

2.1 Memes e semiótica

Nos estudos semióticos, tem-se percebido um interesse de pesquisadores em constituir estudos que envolvam os *memes* e o construto teórico-metodológico da Semiótica. Neste tópico, estão expostos, sucintamente, dois trabalhos que estabeleceram essas conexões. Ambos enquadram-se na categoria de dissertação e referem-se aos anos de 2020 e 2021.

O primeiro trabalho selecionado converge ao conceito investigado neste trabalho, Ator de Enunciação. O trabalho de Brito (2020) intitulado *A construção semiótica do ator da enunciação nos memes verbovisuais de orientação política: o estilo de um gênero midiático* propõe a investigação do Ator da Enunciação construído em *memes* que, em sua maioria, se constituem de personalidades políticas do Brasil e, da parte verbal, com enunciados críticos e bem-humorados da corrente conjuntura no país.

Sob a orientação de Norma Discini, o autor realiza um alinhamento aos preceitos teóricos de sua orientadora, que possui trabalhos que versam sobre Ator da Enunciação, Corpo e Estilo. Inicialmente, Brito (2020) pretendia usar uma única figura política, a do então Presidente da República, Michel Temer, porém, essa orientação foi alterada e abordados *memes* do campo dos atores políticos brasileiros de forma mais ampla.

Na dissertação, Brito (2020) dedica especial espaço para a exploração do modo enunciativo de *memes*, sobretudo, na relação enunciador e enunciatário. Quando veicula um

meme em seu perfil, o autor projeta uma imagem de si a partir de alinhamentos políticos, sociais, ideológicos.

Isso posto, Brito (2020, p.15) reforça que, em sua maioria, os *memes* não têm uma autoria definida.

Isso significa que não há um "eu" assumido mediante uma assinatura. Qualquer um pode tê-los feito. E particularmente, para a brincadeira das trocas meméticas, isso importa muito pouco. O enunciador, que, fora do texto, pode ser o autor ou pode ter pego o *meme* de algum lugar virtual, fabrica uma imagem de "si" para o seu enunciatário. Na memesfera o maior valor em jogo é o efeito de identidade construído pelo modo de dizer. (grifos do autor).

A partir dos modos de enunciar, apesar do anonimato, ou do distanciamento da noção de autoria mais tradicional, consegue-se estabelecer a imagem do enunciador, seja ele coletivo, anônimo ou personificado. O enunciatário, nesse modo de enunciar, atua como coprodutor dos enunciados com os quais interage; a constituição do sentido, por sua vez, advém do sincretismo verbo-visual dos *memes*.

Para a Semiótica, o *meme* é essa realização sincrética, produzindo sentido por meio dos aspectos verbais, imagéticos, auditivos e sensoriais, de maneira geral. “Um *meme*, como texto, evoca significativamente o seu contexto, ou melhor, o *meme* vem de um outro texto que o subjaz, na concepção semiótica, ou a intertextualidade não seria compreendida” (Brito, 2020, p. 39).

Ainda em volta dos processos de significação dos *memes*, o autor alinha esses textos na perspectiva de textos pluri-isotópicos, pois, de certo modo, possuem várias coberturas figurativas e temáticas, o que possibilita múltiplas interpretações.

Greimas e Courtés (1989, p. 336) demarcam:

Entende-se por pluriisotopia a superposição, num mesmo discurso, de isotopias* diferentes. Introduzida por conectores* de isotopias, está ela ligada aos fenômenos de polissemia*: uma figura plurissemêmica, que propõe virtualmente vários percursos figurativos*, pode dar lugar – contanto que as unidades figurativas no nível da manifestação não sejam contraditórias – a leituras diferentes e simultâneas.

A ressalva de que não deve haver contradição no entendimento das unidades figurativas é de fundamental importância, porque, embora exista ampliação dos percursos figurativos, é preciso seguir uma estrutura minimamente lógica e orientada pelo texto. Brito (2020, p. 40) destaca que os *memes* “são textos figurativos por excelência, por isso criam um

efeito forte de realidade”. Os efeitos de realidade dispostos pelo autor são notadamente pelos temas e as figuras que revestem os *memes*.

Brito (2020) constrói um caminho similar ao empregado neste presente estudo. Dedicar especial espaço ao entendimento do gênero discursivo *meme*; constitui reflexões em torno dos três níveis do Percurso Gerativo de Sentido; e concentra as análises no nível discursivo por meio da configuração enunciativa, bem como dos temas e das figuras que recobrem os *memes* políticos constituintes do seu estudo.

Na perspectiva de que um discurso pressupõe outro e de que os *memes* se estabelecem a partir de outros (Brito, 2018), o autor faz uma análise dos *memes* associados às *hashtags*⁹ *#belarecadataedolar* e *#ficatemer*. Esses discursos derivam da cadeia de discursos fundados na *hashtag* *#foratemer*, que se organizam em torno de uma fala de Marcela Temer, esposa do Ex-presidente Michel Temer. Brito (2020) institui esse recorte para exemplificar a relação de referências comuns na maioria dos *memes* veiculados na internet.

Nas análises, são estabelecidas as relações interdiscursivas e conclui-se, diante de todo o processo analítico, que, nos *memes* associados à *hashtag* *#belarecadataedolar*, o Ator da Enunciação assume o papel de censor no julgamento do ator “do enunciado que condena a submissão feminina pela figura masculina” (Brito, 2020, p.106).

Nos *memes* relacionados à *hashtag* *#ficatemer*, o autor conclui que o Ator da Enunciação estabelecido nesses discursos faz surgir a figura de outro personagem político, Bolsonaro, um possível candidato à Presidência, à época. Logo, esse ator constituído na cadeia de *memes* da *hashtag* citada corresponde a um Ator Coletivo que concebe a ideia de Bolsonaro na Presidência da República como algo que causa repúdio.

Com base nessa breve observação a respeito do trabalho de Brito (2020), sobre o potencial da teoria semiótica para a análise de diversos modos de enunciar, notou-se que o autor concedeu um especial espaço à enunciação nos ambientes digitais. A efetivação desses discursos ocorreu a partir dos *memes*, o que demonstra um gradativo e crescente interesse por esse objeto discursivo.

A segunda dissertação, defendida em 2021, aborda *memes* cuja temática é o ambiente da pós-graduação na rede social Instagram sob os preceitos teóricos e metodológicos da Semiótica de linha francesa. Ferreira (2021, p.14) elenca como questionamento central de sua pesquisa o entendimento de “quais mecanismos enunciativos são constituídos no plano do

⁹ *Hashtag* é um termo associado a assuntos ou discussões que se deseja indexar em redes sociais, inserindo o símbolo da cerquilha (#) antes da palavra, frase, ou expressão.

conteúdo e da expressão, como estratégias discursivas pelos enunciadores/ enunciatários nos *memes* sobre o discurso da pós-graduação?”.

No trabalho intitulado *Mememes sobre pós-graduação: uma análise semiótica na rede social Instagram*, o objeto discursivo para análise é o mesmo; a autora opta por fazer uma análise semiótica de forma mais abrangente, evidenciando as estratégias discursivas estabelecidas pelos enunciadores e enunciatários dos *memes*.

Antes de dar continuidade à apresentação do trabalho de Ferreira (2021), faz-se relevante apresentar, no Quadro 1, o levantamento bibliográfico feito pela autora de trabalhos na área de Letras, Linguística e Comunicação, que se valem de *memes* para constituir produções científicas.

Quadro 1 – Trabalho de Letras/ Linguística e Comunicação sobre *memes*

Artigo/ Dissertação/Tese	Autor	Título	Meios de Divulgação	Ano
Artigo	Raquel da Cunha Recuero	Mememes em <i>weblogs</i> : a proposta de uma taxonomia	Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Escola de Comunicação, Artes e Design. <i>Revista Famecos</i> .	2007
Artigo	Viktor Chagas	“NÃO TENHO NADA A VER COM ISSO”: cultura política, humor e intertextualidade nos <i>memes</i> das Eleições 2014	Encontro Anual de Compôs, UFG. <i>Link</i> : https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/handle/bdtse/6729	2016
Artigo	Viktor Chagas; Janderson Toth	Monitorando <i>memes</i> em mídias sociais	Livro: <i>Monitoramento e pesquisa em mídias sociais</i> . Capítulo 12	2016
Artigo	Viktor Chagas; Fernanda Alcântara; Daniel Rios; Dandara Magalhães.	A política dos <i>memes</i> e os <i>memes</i> da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de <i>memes</i> dos debates eleitorais de 2014	UFRGS – Programa de Pós-graduação em Comunicação. <i>Revista Intexto</i> .	2017
Dissertação	Livia Maia Brasil.	<i>Mememes</i> imagéticos: sobre as eleições de 2014: uma análise de discurso e representação política no Facebook	UFRN – Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia. <i>Link</i> : https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/23203 .	2017
Artigo	Viktor Chagas	Sobre vaiais: considerações acerca do jogo político (<i>political game</i>) e da brincadeira política (<i>political play</i>).	Livro: <i>Memória das olimpíadas no Brasil: diálogos e olhares</i> . Capítulo 6	2017
Dissertação	Wânia Gomes Vieira.	O enunciado verbo-visual de <i>memes</i> sobre o sujeito professor: diálogos sobre a identidade docente	UFG – Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. <i>Link</i> : https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/8841	2018

Artigo/ Dissertação/Tese	Autor	Título	Meios de Divulgação	Ano
Artigo	Gabriele Marino	Qual a semiótica da propagabilidade: uma abordagem sistemática de <i>memes</i> e virais de internet	<i>Revista Ícone</i> , Recife	2018
Dissertação	Gabriel de Souza Oliveira	<i>Memes</i> e semiose na <i>web</i> : uma perspectiva ecossistêmica dos processos de comunicação na cultura contemporânea	UFA – Programa de Pós-graduação em Ciência da Comunicação. <i>Link</i> : https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/7518	2019
Dissertação	Raniere Marques de Melo	A valoração dos <i>memes</i> : um estudo dialógico no campo da comunicação do discurso religioso.	UFPB – Programa de Pós-graduação em Linguística. <i>Link</i> : https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/12022?locale=pt_BR .	2018
Artigo	Viktor Chagas	Da memética aos estudos sobre <i>memes</i> : uma revisão da literatura concernente ao campo nas últimas cinco décadas (1976-2019)	Livro: <i>A cultura dos memes</i> . Capítulo 1	2020
Artigo	Viktor Chagas	A febre dos <i>memes</i> de política	Livro: <i>A cultura dos memes</i> . Capítulo: 9	2020

Fonte: Ferreira (2021, p. 34-35).

Embora os trabalhos levantados não sejam integralmente em Semiótica, estabeleceu-se um gradual crescimento no interesse de se valer de *memes* para a produção de conhecimento científico na grande área de estudos da linguagem. Outro ponto destacável é o expressivo aumento desses estudos nos anos de 2016 a 2020. Ressalta-se que esse recorte feito pela autora é apenas um demonstrativo de como o gênero discursivo *meme* vem se destacando nos processos de investigação científica.

Agora, retomando o estudo de Ferreira (2021), efetivamente, nota-se que a autora reitera a opção pela SD, por essa ser uma teoria que abrange o texto em sua integralidade. Além disso, a escola fundamenta-se no fato de ser uma teoria geral, que estuda as diferentes formas de constituição do significado pelos aportes verbais, gestuais, visuais, sonoros, ou todos esses em um sincretismo.

Em sequência, Ferreira (2021, p. 36) pontua que “ao realizarmos uma análise interna e imanente dos fatos, junto aos elementos sociais e históricos, evidenciamos que essa semiótica traz importantes ferramentas teóricas para a realização de análises de *memes*”. Assim apresentadas, as predileções teóricas da autora delineiam um percurso similar ao estabelecido neste presente estudo.

Primeiramente, são feitas considerações iniciais acerca do gênero *meme* e da organização da cultura das mídias. Após, são estabelecidas reflexões em torno do Percurso

Gerativo de Sentido e, por fim, as análises são construídas. Nessas três grandes partes do trabalho, os *memes* aparecem, principalmente no capítulo de fundamentação teórica, no qual são apresentadas amostras de *memes* para exemplificar os conceitos discutidos.

Para falar de interdiscurso, por exemplo, Ferreira (2021, p. 56) baseia-se em *memes* para demonstrar as relações interdiscursivas e assevera: “os *memes* apresentam geralmente resgate histórico de outro discurso, conhecido como interdiscursividade. A construção de um *meme* se baseia em ideias e textos anteriores, para tomar como base na elaboração/ criação”. O mesmo preceito teórico abordado em Brito (2020) reaparece aqui, e um discurso advém de outro, pois os *memes* estabelecem uma cadeia interdiscursiva com outros *memes*.

No espaço dedicado às análises, Ferreira (2021) subdivide os tópicos de acordo com as temáticas gerais dos *memes* considerados. A primeira delas é a relação estabelecida em torno de expectativa e frustração, na qual são apresentados e analisados *memes* que abordam as expectativas de alunos da pós-graduação ao adentrarem nessa fase de estudos e as frustrações decorrentes das vivências nesse período. Ferreira (2021) opta por analisar dois, dos 12 *memes* coletados por ela e delinea os três níveis do percurso para a constituição de sua abordagem.

A segunda parte das análises envolve a relação do orientando com o orientador. A relação com o orientador, muitas vezes, apresenta-se como um dilema na vida de estudantes de mestrado e doutorado. Desse modo, *memes* com esse teor tornaram-se frequentes, no trabalho em questão. A autora esmiúça analiticamente mais dois *memes*, a partir dos níveis do Percurso Gerativo de Sentido.

Na terceira e última seção de análise, a autora aborda dois *memes* que versam sobre a saúde emocional dos estudantes da pós-graduação. Mais uma vez, estabelece uma análise completa em torno dos preceitos da geração de sentido na Semiótica. Antes de seguir para as considerações finais de seu trabalho, Ferreira (2021) apresenta, de forma integrada, os seis *memes* analisados, pontuando semelhanças e diferenças.

Em linhas conclusivas, constituiu-se “um conjunto de valor para pós-graduandos de mestrado ou doutorado. Inclusive, apresentam oposições semânticas com ênfase no processo emocional: euforia/disforia; equilíbrio/desequilíbrio; relaxamento/tensão; extrovertido/introvertido; aparência/essência; sanidade/ loucura” (Ferreira, 2021, p. 92). Diante disso, percebe-se que a teoria semiótica dá conta de extrair com maestria os processos de significação em textos de toda ordem.

A seguir, serão apresentadas considerações complementares ao que foi disposto neste capítulo para que se possa compreender as relações dos *memes*, da esfera digital e dos processos evolutivos da sociedade.

2.2 Memes e sua estrutura compósita na esfera digital

Etimologicamente, a palavra “discurso” provém do ato de discursar, do latim *discursus*. Em um alcance mais recente, o vocábulo discurso concedeu ensejo para as mais diversas discussões, nas mais variadas áreas do conhecimento, sobretudo, na diversificada área dos estudos da linguagem.

Diante dessa organização, o termo adquire valor polissêmico, a julgar pelo amplo espaço de investigação científica. Na atualidade, a palavra discurso ganha um aliado, em sua composição, o prefixo *tecno*. Essa integração sobrevém da forma particular de discursivização em ambientes tecnológicos, ou, melhor, digitais.

Um expoente teórico que fomentou a integração do prefixo *tecno* à palavra discurso, bem como compôs um desdobramento de discussões pertinentes à Análise do Discurso Digital, foi a contemporânea pesquisadora e professora de Ciências da Linguagem da Universidade Sorbonne Paris XIII, Marie-Anne Paveau.

A gênese dessa teoria é dada pela tentativa de superar um canônico mandamento que dita a organização dos estudos linguísticos, sob o respaldo do que é linguístico é analisável e tudo o que não é, configura-se como extralinguístico. Nessa tendência, Paveau (2021) presta-se a uma abordagem ecológica. Essa perspectiva leva em consideração assumir como objeto o ambiente ecológico, que considera todos os aspectos aos quais os elementos languageiros se integram (Paveau, 2013).

Paveau (2021, p. 159) considera, ainda, que essa concepção “está assentada na ideia de que os discursos são constitutivamente integrados a seus contextos e não podem ser analisados apenas a partir da matéria languageira”.

O pilar dessa querela estabelece-se a partir das proposições de Paveau (2021), ante a necessidade da redefinir ou construir métodos que considerem os aspectos que compõem os tecnodiscursos. Inúmeros estudos são concebidos com *corpora* inerente aos ambientes digitais, contudo, valendo-se de métodos de análise pensados para e em uma perspectiva predigital. É oportuno, portanto, perceber que tais métodos, em sua maioria, desconsideram

aspectos do funcionamento dos discursos exclusivamente digitais, a julgar pela construção dos mecanismos de análise que precedem as concepções dos discursos nativos da Era Digital.

A produção de Paveau (2021) está disposta em forma de dicionário, na qual os conceitos vão sendo apresentados em forma de verbetes. Todavia, a organização em ordem alfabética, própria de dicionários, não prejudica nem torna desconexas as discussões propostas. A organização e disposição dos conceitos facilitam a consulta e abrem numerosos espaços para discussão, uma vez que podem ser evidenciados verbetes específicos e construídas pesquisas com base nas concepções destacadas. A obra reveste-se de *insights* para novos percursos de pesquisa, até então inexplorados nos estudos da linguagem.

A observância isolada da linguagem do seu suporte digital causa a sensação de que os discursos podem existir fora do digital sem nenhum prejuízo semântico e composicional. Contudo, existem condições específicas das produções digitais moduladas pelas plataformas nas quais se vinculam. Acerca do deslocamento, Paveau manifesta que as análises podem ser estereotipadas, suprimindo os ruídos operantes do digital. A autora reconhece esse vínculo como relacionalidade, no qual:

A especificidade dos discursos nativos da internet é justamente, entre outras, sua intensa relacionalidade, isto é, sua integração numa rede de relações algorítmicas que garantem o funcionamento e a circulação, ao mesmo tempo que lhes confere características linguísticas inéditas como a clicabilidade no plano morfolexical ou a imprevisibilidade no plano discursivo (Paveau, 2021, p. 30).

Os conceitos de clicabilidade, imprevisibilidade, e outros conceitos relacionados aos tecnodiscursos, serão abordados adiante, em tópicos específicos. Aqui, importa frisar a percepção do discurso e sua relação de interdependência com os ambientes que os integram (Maingueneau, 1993). Assente-se à percepção de que a segregação do real/virtual, homem/máquina, on-line/off-line não conjuga com o corrente contexto de comunicação e produção dos discursos, comungando com a ideia de que as relações em redes digitais *on-line* compreendem e integram o funcionamento social. Adiante, será aprofundado o conceito de Dualismo Digital.

2.3 Dualismo Digital

Para possibilitar uma melhor compreensão do *corpus* em análise, é necessário que sejam estabelecidas reflexões em torno dos contextos teóricos que abrangem os discursos na esfera digital. De acordo com Paveau (2021), esse movimento segregador, nomeado como

Dualismo Digital, por Nathan Jurgenson, corresponde a teorias que predicam, de fato, a cisão entre as produções provenientes dos espaços físicos e as produções dos ambientes virtuais. Ao analisar criticamente, marca-se que a segregação estabelecida na perspectiva do Dualismo Digital não se respalda nas reais e correntes relações sociais, haja vista o vínculo intrínseco do digital e a organização social.

Concordamos com Jurgenson (2012), quando o autor propõe uma visão alternativa, na qual a realidade assenta-se em paradigmas tecnológico e orgânico, digital e físico, em uma perspectiva síncrona. Não há, para o autor, *Eus* apartados, isto é, não se constitui um eu primeiro (real) e um eu segundo (virtual). Somos, portanto, compostos pelas relações virtuais e materiais; completa-se que o eu dualista não se sustenta, o *eu*, no corrente contexto, é compósito, logo, um eu aumentado.

A proposição do autor “é que as novas tecnologias em questão – especialmente a *web* móvel altamente inter-relacionada e as mídias sociais – efetivamente mesclam o digital e o físico em uma realidade aumentada”¹⁰ (Jurgenson, 2012, p. 84, tradução nossa).

O eixo realidade aumentada merece definição, diante da configuração proposta por Jurgenson (2012). Nesse sentido, pontua-se que, ao invés da visão dos dualistas digitais, em que as mídias sociais substituem o fazer *off-line*, ressalta-se um aumento, sob o prisma da extensão da vida *on-line* e *off-line*.

Interessante notar que essa discussão proposta na década passada mostra-se tão atual quanto relevante, no vigente contexto, no qual é trabalhoso pensar a dissociação do virtual e real no desenvolvimento de tarefas que alternam entre o *on-line* e *off-line*. Tomemos como exemplo a organização da rede social Facebook, pensada, em 2004, como uma plataforma composta pela foto e uma curta descrição dos estudantes de Harvard e, posteriormente, expandida para as demais universidades e estudantes do ensino médio. Essa disposição atendia às demandas iniciais da proposta.

As ulteriores funcionalidades da rede, conhecidas hoje, remodelaram-se, nos anos seguintes, com base na percepção dos idealizadores do projeto, a partir das dinâmicas sociais. No Brasil, mostram-se consideráveis os percursos teóricos reflexivos empreendidos por Júlia Lourenço. A pesquisadora dedica-se, principalmente, à investigação dos espaços enunciativos informatizados; em outras palavras, atua na grande seara dos discursos digitais. Lourenço (2021), na III Jornada Internacional Semântica e Enunciação, em uma proposição inovadora em referência aos métodos canônicos de apresentação de trabalhos acadêmicos, divulga, em

¹⁰ is that the new technologies in question – especially the highly interrelated mobile web and social media—effectively merge the digital and physical into an augmented reality.

complemento ao texto escrito, um vídeo, apresentando os pontos a serem discutidos, contextualizando com exemplificações de discursos digitais em voga no ano de 2021 e os motivos de furtar-se da concepção de dualismo digital dos contextos de análise.

No trabalho em questão, a abordagem da autora centra-se na *hashtag* #elenão, para demonstrar que os discursos digitais se encontram em uma zona relacional entre o urbano e o digital; nas palavras da autora, não há que se falar em limites de enunciação em suporte “real” e virtual, mas sim de fronteiras, as quais podem ser transpassadas em continuidade pelos sujeitos da enunciação. Lourenço (2021, p. 3) preconiza que “em certa medida, o dualismo digital estabelece uma falsa compreensão de que existe uma vida chamada de ‘real’, pois vivida no espaço físico, e outra ‘virtual’, isto é, que se desenrola na internet” (grifos no original).

Para a compreensão desse pensamento, é indispensável subscrever que não existem dois sujeitos atuando no real e no virtual e, sim, um único, que se conduz entre esses dois ambientes. Ademais, “de uma perspectiva linguístico-discursiva, apesar de as instâncias de discurso *on-line* e *off-line* serem de naturezas distintas, é necessário pensar também a linguagem com base nesse *continuum* entre átomos e *bits*; entre físico e digital” (Lourenço, 2021, p. 3).

Giering e Pinto (2021, p. 36) sintetizam a atualização necessária à observância das práticas discursivas no contexto digital, as quais “ não podem ser analisadas apenas a partir do domínio linguístico, cultural, social, político, ético, mas também como composições intrinsecamente imbricadas entre o languageiro (de caráter plurissemiótico) e o tecnológico de natureza informática”

Reforça-se, assente em Ribeiro, Goulart Blank e Freitas (2021, p. 217), que

Todo discurso objetiva ganhar a adesão dos interlocutores, portanto não pode contar apenas com mecanismos linguísticos preestabelecidos. Os gêneros discursivos fornecem uma base para o locutor seguir, mas cabe a ele organizar a situação na qual pretende se manifestar.

Concretamente, isso significa que os processos de produção dos discursos passam por transformações. Para Silva (2020, p. 28), essas ações decorrem da dinamicidade dos novos gêneros discursivos multimodais e pontua que a

multimodalidade, apesar de ser um recurso antigo, aparece, portanto, como um espaço de escrita em novas mídias digitais para que os usuários possam articular de forma mais dinâmica opiniões, sentimentos ou atitudes em relação a um fato corriqueiro ou inusitado.

Corroborando com a noção de discursividade, ou melhor, de Análise do Discurso, Orlandi (2005, p. 15), com o domínio que lhe é inerente, expõe que

A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Com enfoque na transformação do homem e, conseqüentemente, da realidade, entende-se que as formas discursivas acompanham essas mudanças e, ao julgar a noção de realidade, tem-se não mais uma realidade somente material, tangível, mas uma realidade ampliada, interconectada e conjuntamente virtual.

Bem por isso, acredita-se que caminhamos para uma relação cada vez mais próxima e inter-relacional. Refutando, mais uma vez, a perspectiva de que o físico e o digital atuam de modo autônomo, sem considerar as convergências entre essas instâncias. Para Jurgenson (2012, p. 88), caminha-se para uma realidade com relações cada vez mais estreitas entre *on-line* e *off-line*.

Tem-se, portanto, uma realidade aumentada e, para o autor, essa concepção “capta melhor a razão pela qual as tecnologias móveis e sociais estão tão estreitamente associadas à atmosfera de dissidência que se prolifera em todo o globo”¹¹ (tradução nossa).

Do exposto, conclui-se que esse arranjo do *on-line* e *off-line* e os movimentos constantes em busca das mudanças diante do digital, percorrendo as relações sociais, contribuem para a constituição de um novo normal. Uma estabilidade que, aos olhos desatentos, passará despercebida. Dito isso, a seguir, são apresentadas alguns aspectos da enunciação.

Transpondo semiticamente as reflexões propostas pelo autor podemos inferir que os *memes* transitam em uma esfera complexa. De tal modo que os espaços físicos e digitais se imbricam.

11 best captures why mobile and social technologies are so closely associated with the atmosphere of dissent proliferating across the globe.

3 ÂNCORAS TEÓRICAS SOBRE ENUNCIÇÃO

Para dar início às discussões aqui pretendidas, cumpre destacar os postulados da teoria da enunciação, para que, logo após, se consiga compreender de forma mais específica o conceito de Ator da Enunciação. Os estudos sobre enunciação datam do século XVII. Costa e Naedzold (2021) estabelecem percursos histórico e teórico acerca dos pressupostos que permeiam os estudos da enunciação. O levantamento feito pelas autoras detém o período do ano de 1660 ao ano de 2018, obviamente, com seus devidos recortes.

Como o intuito aqui não é fazer esse levantamento bibliográfico, mas, sim, apresentar as principais definições que circundam o termo enunciação, valemo-nos de algumas reflexões dispostas pelas autoras, bem como dos princípios teóricos dos autores da base dessa teoria.

As marcações preambulares referentes à enunciação apresentam-se a partir de Antoine Arnauld e Claude Lancelot na obra *Gramática de PortRoyal ou Gramática geral e razoada* (Costa; Naedzold, 2021). Nesse primeiro exemplar, o termo enunciar, enunciado ou enunciação, sequer aparecem, apesar das abordagens que convergem para o que temos hoje como enunciação. O termo ganha expressivo emprego nos escritos aproximadamente três séculos após esse primeiro recorte.

Na obra *Os gêneros do discurso*, de Michael Bakhtin, foram encontrados “77 vezes o termo ‘enunciar’; 212, o termo ‘enunciados’ e 10 vezes o termo ‘enunciações’” (Costa; Naedzold, 2021, p.117). De lá até os dias atuais, as recorrências só aumentaram, bem como o interesse pela exploração dessa teoria que oportunizou, e oportuniza, diversos desdobramento e fundamenta inúmeras pesquisas científicas.

Apesar da recorrência do termo em estudos das mais variadas classes, consideramos como expoentes referenciais para tal conceito os autores: Michel Bréal; Émile Benveniste; Oswald Ducrot; e Algirdas Julius Greimas. Antes de acessar as premissas desses autores, retoma-se a etimologia da palavra do latim *enuntiatiōne*, que figura no processo de gerar o enunciado.

De acordo com o Oxford Dictionaries, enunciação é o ato individual de utilização da língua pelo falante, ao produzir um enunciado em dado contexto comunicativo. Logo, consegue-se estabelecer uma relação predicativa; há enunciação com a efetivação dela, ou seja, o enunciado.

Os estudos de Breal (1992) não são propriamente focados em conceituar a enunciação como um ato discursivo, porém, o autor tece considerações importantes aos processos construtivos da significação. Em sua obra, *Ensaio de semântica*, são tratados aspectos de

linguagem e significação, fazendo surgir a atuação do sujeito nesse processo, bem como a carga subjetiva que permeia toda essa conjuntura. Talvez, a maior proximidade estabelecida pelo autor envolva esses elementos subjetivos da linguagem, os quais, depois, seriam explorados por Émile Benveniste, enquanto pronomes pessoais, sobretudo, a primeira pessoa, no campo da subjetividade e, a terceira, no campo da objetividade. Benveniste, em linha similar, encara tais pronomes como dêiticos.

Nessa aproximação, “sobre as três pessoas do verbo, há uma que se reserva de modo absoluto (a que se convencionou chamar a primeira). Deste modo ela opõe sua individualidade ao resto do universo. [...] Pode-se, pois, dizer que só a terceira pessoa representa a porção objetiva da linguagem” (Bréal, 1992, p. 242). Verifica-se, adiante, no tópico sobre *debreagens*, que as marcações actanciais do *eu* e *ele* versam exatamente do caráter de subjetividade e objetividade, respectivamente.

Os estudos de Émile Benveniste, mais especificamente o conceito de enunciação desenvolvido pelo autor, dão enfoque ao fato de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (Benveniste, 2006, p. 82). Apesar dos estudos que consideravam os atos individuais de fala pouco expressivos, à época, o autor assinala a importância de considerar tais atos, tendo em conta que “o mesmo sujeito, os mesmos sons não são jamais reproduzidos exatamente, e que a noção de identidade não é senão aproximativa mesmo quando a experiência é repetida em detalhe”.

É legítimo, portanto, considerar a diversidade situacional de enunciações e enunciados, bem como perceber o percurso de formação dos sentidos a partir das palavras. Nessa perspectiva, o uso efetivo da língua constitui a sede dessa discussão, considerando que:

antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor, de forma sonora que atinge um ouvinte e que suscita uma outra enunciação de retorno (Benveniste, 2006, p. 83-84).

A esse processo, Benveniste (2006, p. 82) empreende três possibilidades de investigação: (i) a enunciação como “realização vocal da língua”; (ii) o mecanismo de estruturação da enunciação, o qual instaura a “conversão individual da língua em discurso”; (iii) por último, perceber a enunciação em seu quadro formal de realização. Salienta-se a indicação do autor desse último método de estudo como o objeto das reflexões propostas na

obra. Assim, ele busca, no interior da língua, tracejar as propriedades formais da enunciação com base nas manifestações individuais.

O primeiro fundamento da teoria da enunciação é a consideração da subjetividade na linguagem, na qual atuam quadros que vão além da estrutura formal da língua. E, assim, com a consagrada assertiva de que é na e pela linguagem que o homem se estabelece como sujeito.

Em tal caso, a subjetividade a que se refere o teórico concerne ao potencial do enunciador colocar-se como sujeito. Para tanto, a pessoa que enuncia desenvolve uma consciência de que há inter-relações subjetivas onde atuam um *eu* sujeito e um *tu* como alocutário. Entende-se, também, que esses papéis se alternam recíproca e constantemente, porque “a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso” (Benveniste 2005, p. 286).

Importa acentuar aspectos importantes, acerca de locutor e alocutário, *eu* e *tu*, que não correspondem à igualdade ou simetria. O autor apresenta os dois polos para destacar que a concepção destes, depende, em certo grau, um do outro. Contudo, o *eu* ocupará um lugar acentuado, ante os processos enunciativos.

Em reforço, pela linguagem regula-se o incremento de subjetividade, porque se compõe de formas adequadas aos modos de expressão. O discurso, em sequência, chama para si a subjetividade, a qual, portanto, define o enunciador. Benveniste (2005, p.289) ressalta: “a linguagem de alguma forma propõe formas ‘vazias’ das quais cada locutor em exercício do discurso se apropria”. O discurso é, portanto, a instância “constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito e das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes”.

Em sentido complementar, imprime-se, em Benveniste (2006, p. 83), na instância enunciativa, “enquanto realização individual, a enunciação pode se definir, em relação à língua, como um processo de apropriação, o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios; de outro”.

Oswald Ducrot tece notáveis contribuições acerca da enunciação, especialmente, nos aspectos dos falantes/ouvintes; locutores/alocutários; e enunciadores/destinatários. Dentre essas relações, Ducrot (1992) estabelece certa linearidade nos processos enunciativos, ou seja, apesar de diversos, há uma orientação basilar para a estrutura dos enunciados.

Lebler e Santorum (2020, p.11), assentes em Ducrot (1987), sintetizam o pensamento do teórico.

a enunciação tem três acepções: a primeira delas caracteriza-se por ser a atividade psico-fisiológica envolvida na produção do enunciado. A segunda, o produto da atividade do sujeito falante, que é o próprio enunciado. A terceira, e a considerada pelo autor como adequada à descrição semântica que pretende realizar, é definida como o acontecimento histórico que constitui o aparecimento do enunciado. Sendo assim, a enunciação é um acontecimento que culmina no surgimento do enunciado, ou seja, há um momento em que o enunciado ainda não existe e outro em que ele não existe mais. Esse intervalo de tempo é a enunciação.

A partir dessas acepções, percebe-se que os estudos da enunciação perpassam várias correntes teóricas e constituem uma confluência, no ato de pôr em prática a língua.

Nos estudos semióticos, Greimas e Courtés (2011) valem-se do conceito de enunciação para alicerçar a teoria da significação em seus três níveis de profundidade: fundamental, narrativo e discursivo. Os dois primeiros estão no escopo semionarrativo e, o último, relaciona-se com as manifestações do discurso. Desse modo, como vistos em Benveniste (2005) e, agora, em Greimas e Courtés (2011), a enunciação é a instância na qual se instaura o sujeito no espaço e tempo.

Assim, “a enunciação é o conceito-chave para que o percurso gerativo de sentido seja um modelo harmônico e coeso, pois ela permite a passagem da estrutura ao acontecimento, os dois elementos que ordenam o discurso” (Fiorin, 2017, p. 976).

Barros (2005, p. 53-54) percebe a enunciação “como a instância de mediação entre estruturas narrativas e discursivas. Pode, nas diversas concepções linguísticas e semióticas, ser reconstruída a partir sobretudo das ‘marcas’ que espalha no discurso”. Para a autora, a enunciação é manifestada nas estruturas discursivas e é “onde mais facilmente se apreendem os valores sobre os quais ou para os quais o texto foi construído. Analisar o discurso é, portanto, determinar, ao menos em parte, as condições de produção do texto”.

Fazendo alusão à pragmática, no escopo da enunciação, situa-se Fiorin (2002), acerca dos valores pragmáticos e semânticos que atuam em uma relação compósita. Embora, por vezes, estruturalmente, tenham sido processadas oposições entre pragmática e semântica. Na

posição de Fiorin (2002), assentada em Ducrot (1977), não se assume a organização distintiva e opositora entre os dois níveis.

Na esteira dos aspectos concernentes à enunciação, as relações situacionais, em síntese, inauguram a organização comunicativa com o parceiro do ato comunicativo. Sartini, Popoff e Cortina (2018, p. 100) aludem que, na relação comunicacional “o *Eu* perfaz o trajeto da manifestação da língua por meio do constituinte linguístico eu, que se assume na instância do discurso, pressupondo o tu na enunciação”.

Tem-se, portanto, a produção de enunciados envolvida pela relação entre *eu* e *tu*. Importa, ainda, reconhecer a enunciação enquanto ato e o enunciado como produto. Greimas e Courtés (1989, p. 146) apontam para o enunciado como partícula resultante do ato enunciativo. A enunciação, por sua vez, “aparece como a instância de mediação, que assegura a colocação em enunciado-discurso das virtualidades da língua”.

Consideramos os estudos sobre enunciação como uma base que contribuiu para a consolidação de outras teorias, como é o caso da SD. A partir dos postulados benvenistianos, surgiram desdobramentos fundamentais para a compreensão da subjetividade da língua e a percepção de um sujeito da enunciação a partir das estruturas actanciais, espaciais e temporais.

Por fim, acentua-se que, na égide da teoria enunciativa, a enunciação constitui um objeto pertinente e contínuo das análises, sobretudo, nos estudos semióticos e discursivos

3.1 Operações enunciativas e enuncivas de debreagem e embreagem

Neste tópico, pretende-se explorar as marcações enuncivas e enunciativas, a partir da noção de debreagem. Por debreagem, estabelecem-se os atributos relacionados à marcação do *eu-aqui-agora*, bem como o delineamento das instâncias do *ele-alhures-então*. “A debreagem consiste, pois, num primeiro momento, em disjuntir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um não-eu, um não-aqui e um não-agora” (Fiorin, 1995, p. 26).

O conceito de debreagem deve sua existência tanto a Benveniste quanto a Jakobson, cujo “shifter” foi traduzido em francês por N. Ruwet como “embrayeur”. O termo “débrayeur” (debrador) parece-nos mais adaptado à abordagem gerativa que vai da enunciação ao enunciado, tanto mais que a dicotomização do conceito jakobsoniano nos parece necessária: opondo a debreagem o termo embreagem (que designa o retorno das formas já debreadas ao enunciador), lança-se um pouco mais de clareza nesse mecanismo a um tempo elementar e fortemente complexo (Greimas; Courtés, 1989, p. 97).

À marcação do sujeito, espaço e tempo, atribui-se o conceito de *debreagem* enunciativa e a não instauração do *eu-aqui-agora* demarca-se, pois, pelo processo de *debreagem* enunciativa, na qual são estabelecidas as instâncias do *ele-alhures-então*.

Essa elasticidade conceitual da instauração enunciativa faz perceber as possibilidades de análise diante de uma abrangência conceitual que permeia o processo de *debreagem*. Bem por isso, é dedicado um espaço significativo para a abordagem dos aspectos actanciais, espaciais e temporais, no cerne da instância da enunciação.

Quando se produz um ato de fala, o enunciador apropria-se do conhecimento linguístico e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”. “Eu” é quem diz “eu”, quem toma a palavra. Então, o ato de dizer estabelece um “eu” e, ao mesmo tempo, como esse “eu” fala para alguém, ele constitui simultaneamente um “tu”. Esse “eu” fala num determinado espaço, que é o “aqui”, o lugar do “eu”. A partir desse marco espacial, são estabelecidas todas as diferenças de espaço: por exemplo, em português, aqui, ali, lá, acolá, etc. Além de falar num dado espaço, o “eu” fala num certo tempo, o “agora”. O “agora” é o momento da fala. “Agora” é o momento em que o “eu” toma a palavra (Fiorin, 2017, p. 971).

Primeiramente, é preciso alocar o espaço teórico no qual se combina o estudo das *debreagens*. Essa partição integra o nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido. Nos tópicos subsequentes, serão estabelecidas discussões próprias para o entendimento da instauração do sentido segundo a semiótica greimasiana. Agora, insiste-se na discussão acerca da instalação das instâncias de *actorialização*, *espacialização* e *temporalização*.

Como se percebe, enunciar traça aproximações com a *discursivização*, ou seja, é o processo pelo qual o pensamento transforma-se em discurso, tornando-se, assim, um ato realizado. Neste tópico, aborda-se, especialmente, como as marcas do *eu-aqui-agora* aparecem na materialidade discursiva.

Essa discussão é fundamental para se compreender o funcionamento do nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido, pois a investigação do arranjo de pessoa, espaço e tempo encontra-se nessa instância do percurso. Para iniciar as observações, a *debreagem* actancial imprime, na enunciação, um *eu*. Barros (2002) ressalta que esse *eu* marcado ou implícito instaura também uma não pessoa.

A marcação de pessoa, no âmbito do processo de *debreagem*, decorre da projeção de pessoa e não pessoa. “Obtêm-se, assim, enunciados que resultam da projeção do *eu/tu* e enunciados decorrentes da projeção do *ele*. O *eu* e o *ele* projetados são actantes e atores do enunciado, distintos dos da enunciação.” (Barros, 2002, p.73).

Greimas e Courtés (1989, p. 95) evidenciam que “é preciso primeiro insistir no fato de que o sujeito da enunciação, responsável pela produção do enunciado, fica sempre implícito e pressuposto, de que ele nunca é manifestado no interior do discurso enunciado”.

Ainda na seara da debreagem actancial, marcam-se os painéis de subjetividade e objetividade, que apontam os aspectos enunciativos e enuncivos na unidade discursiva. Para ilustrar, seguem os exemplos dispostos em Barros (2002, p.73), que circunscrevem as categorias de *eu* e *ele* em enunciados.

Em certo dia de data incerta, um galo velho e uma galinha nova encontram-se no fundo de um quintal... (Fernandes, 1975).

Todo ovo
que eu choco
me toco
de novo (Buarque, s.d.)

Os dois exemplos tratam das ocupações actanciais nos enunciados, particularmente, no movimento debreativo. O primeiro demonstra a instalação do *eu* decorrente do estabelecimento de um narrador e de um narratário pressuposto, o *tu*. Barros (2002) conceitua essa ocorrência como simulacros discursivos que atuam de acordo com as intencionalidades enunciativas. No que diz respeito ao enunciado em tela, consta uma organização objetiva do discurso, pois o uso da terceira pessoa aufere essa dimensão objetiva. Logo, tem-se uma debreagem enunciva.

A subjetividade, por conseguinte, instala-se nos discursos em primeira pessoa, os quais ancoram as marcações do *eu* na enunciação-enunciada, formando uma debreagem enunciativa. Nessa linha de conceituações, Barros (2002, p.74) assinala que “a subjetividade e a objetividade entendem-se, no sentido que lhes atribui Benveniste, como efeitos criados pelas diferentes relações que os tipos de enunciado mantém com a enunciação”.

De maneira mais prática, Farias e Leite (2021, p. 227) ilustram a demarcação dessas instâncias na enunciação.

Uma vez que a instância da enunciação pode ser concebida como o sincretismo do “euaqui-agora”, teremos respectivamente uma debreagem actancial, espacial e temporal, tanto enunciativa quanto enunciva. A título de exemplificação, teríamos uma debreagem enunciativa no enunciado eu achei um livro ali, ontem, em que não temos a determinação da pessoa, nem do tempo e nem do espaço; por outro lado, teríamos uma debreagem enunciva se fossem instauradas no enunciado essas marcas de pessoa, tempo e espaço, como ocorre no enunciado "Paulo achou um livro na estante de sua casa, no dia 23 de abril de 2020".

Também há de ser feita menção às debreagens de primeiro e segundo graus, nas quais se acomodam os interlocutores do diálogo (Quadro 2). Para explicitar, Barros (2002) traceja um esquema que facilita a visualização desses processos.

Quadro 2 – Debreagens de primeiro e segundo graus



Fonte: Barros (2002, p.74).

Com esse esquema, é possível entender os diversos processos de instauração da debreagem. Essas formações são facilmente perceptíveis em textos nos quais o narrador organiza os momentos enuncivos e enunciativos. Barros (2002) vale-se de uma crônica de Drummond para demonstrar as subdelegações de vozes reguladas pelo *eu* narrador.

Para Greimas e Courtés (1989, p. 96), as debreagens internas são recorrentes nos discursos “de caráter literário: a partir de uma estrutura de diálogo, um dos interlocutores pode facilmente ‘debrear’, desenvolvendo uma narrativa que instalará por sua vez, a partir de um actante do enunciado, um segundo diálogo, e assim por diante”.

Nesse passo, é fácil perceber que as marcações deixadas nos enunciados podem ser observadas sob o prisma da SD, em especial, pela sintaxe do nível discursivo.

Em se tratando de debreagem espacial, o funcionamento é similar, quanto às características enunciativas e enuncivas, ao levar em conta que, nessa subdivisão, também atuam os processos de aproximação e distanciamento marcados no enunciado.

Tem-se, desse modo, a manifestação de um aqui, ou um alhures, que são “dois sistemas de referência espaciais, capazes de estabelecer duas redes de posições às quais poderiam ser relacionados os diferentes programas narrativos do discurso especializado” (Greimas; Courtés, 1989, p. 98).

Barros (2002), de modo mais acessível, ilustra a categoria do *alhures* como *lá*. Apresentando, dessa forma, o critério de objetividade na referenciação espacial. Nota-se que a demarcação do *lá* aloca a referência espacial mais distante do enunciador, afastando-o dos sistemas de referência. Intercorrem, assim, programas narrativos de concomitância, os quais se mostram anteriores ou posteriores ao *lá* (Barros, 2002).

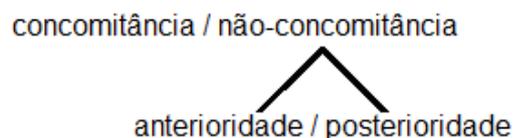
Em notas finais, destaca-se, assente em Greimas e Courtés (1989, p. 98), a consideração do espaço *alhures* (*lá*) “como um espaço enuncivo, vê-se que a projeção do termo *aqui*, que simula o lugar da enunciação, é igualmente possível, e que a partir da posição pode ser constituído um espaço de *aqui*, de ordem enunciativa”.

Na esfera da debreagem temporal, Greimas e Courtés (1989, p. 97) consideram seu encadeamento “como um processo de projeção, no momento do ato de linguagem, fora da instância da enunciação do termo *não-agora*, e que tem por efeito instituir de um lado, por pressuposição, o tempo *agora* da enunciação, e, de outro, permitir a construção de um tempo ‘objetivo’ a partir da posição que se pode chamar *tempo de então*”.

Dentro dessas categorias, são construídos, assim como nos processos anteriores, aspectos enuncivos e enunciativos, sob o prisma da objetividade e subjetividade, respectivamente. Para que dada atribuição temporal instale-se no enunciado, é imperativa a marca do *agora* ou do *então*. Importa dizer, ainda, que essas dimensões topológicas temporais, dispostas por Barros (2002, p. 88), “determinam-se pela categoria topológica da /concomitância vs. não-concomitância/ e a /não-concomitância/ articula-se, por sua vez, em /anterioridade vs. posterioridade/”.

Na Figura 4, apresenta-se o funcionamento dessas categorias, conforme Greimas e Courtés (1989).

Figura 4 – Esquema de organização da temporalização.



Fonte: Greimas; Courtés (1989, p. 97).

Verifica-se que as ordenações de anterioridade e posterioridade atuam somente no campo da *não concomitância*. Tais critérios estabelecem-se pela objetividade, dado que a *não concomitância* distancia-se do tempo, agora, da enunciação.

Barros (2002, p. 88), com a finalidade de demonstrar os mecanismos de debruagens espacial e temporal, recorre a dois trechos do conto *Livro de ocorrências* de Rubem Fonseca.

O investigador Miro trouxe a mulher à minha presença (p. 127).

Manhã quente de dezembro, rua São Clemente. Um ônibus atropelou um menino de dez anos (p. 129).

Nota-se que, no primeiro segmento do enunciado, a temporalização apresenta-se no tempo do *agora*, no momento inicial. Barros (2002, p. 88) sintetiza a organização da seguinte maneira: “a ação narrativa é localizada no tempo anterior ao agora e no espaço do *aqui* do narrador, no tempo passado”. No segundo trecho, consegue-se visualizar claramente a marcação do *então*, no enunciado, “manhã quente de dezembro”.

As operações de espacialização e temporalização endossam o processo de programações especiais temporais, que é definido pela “sintagmatização dos tempos e estabelece uma cronologia. O eixo das pressuposições, que representa a ordem lógica dos programas narrativos, é convertido em eixo das consecuições” (Barros, 2002, p. 89).

Pode-se afirmar, em síntese, que as vinculações enuncivas portam um caráter mais objetivo no enunciado, enquanto as enunciativas estabelecem proximidades que culminam, na maioria das vezes, na subjetividade.

A seguir, constam algumas ponderações das particularidades acerca da enunciação em meios digitais, uma vez que o *meme* é, fundamentalmente, um gênero discursivo digital.

3.2 Enunciação em meios digitais

Os estudos que permeiam os modos de enunciação não são recentes, sobretudo, quando se trata da enunciação em espaços digitais. Já na virada do milênio, é possível encontrar autores, inclusive brasileiros, que dedicaram tempo e direcionamentos à compreensão dos modos enunciativos na esfera digital.

Neste item, pretende-se destacar as particularidades dos processos enunciativos em ambientes digitais, além de, sumariamente, apresentar um percurso dos estudos que versem sobre as conjunturas de enunciar em suportes digitais.

Objetiva-se dar conta das inquietações advindas com a popularização e difusão dos meios de comunicação em espaços digitais, bem como do estabelecimento da nova forma de

enunciar e da reestruturação teórica dos estudos semióticos relativa à temática, tendo como base as discussões inaugurais, os avanços e as disposições teórico-metodológicas atuais.

Para apresentar as discussões teóricas realizadas na virada do milênio, utiliza-se o interessante percurso delineado por Xavier (2002), em sua tese de doutorado sob a orientação da professora Dra. Ingedore Grunfeld Villaça Koch. Apesar de Xavier (2002) apresentar como objetivos centrais do trabalho a observância dos processos de leitura interpretativos com a mediação dos recursos constitutivos do hipertexto, as discussões propostas no estudo permitem compreender como era investigado um objeto tão contemporâneo à época, e perceber sob qual prisma era disposta a enunciação em meios digitais.

Desde já, as questões da enunciação e do hipertexto são colocadas: “o Hipertexto multimidiático como a tecnologia enunciativa que viabiliza a emergência de uma nova forma de acessar, produzir e interpretar informações de maneira multissensorial que se constitui no modo de enunciação digital” (Xavier, 2002, p. 97). É importante lembrar que o modo de enunciação investigado pelo autor é acompanhado, em paralelo, por outros modos já existentes. Reconhece-se, por sua vez, as tecnologias enunciativas a partir dos diversos recursos disponíveis para a enunciação.

Outro aspecto que pede particular menção é o conceito posto pelo autor no que se refere à conceituação dos modos de enunciação, os quais são entendidos como “formas de expressão, comunicação e interação desenvolvidos e aperfeiçoados pelos homens ao longo da história, para se relacionar comunicativamente com os outros e com o mundo” (Xavier, 2002, p. 97). Em uma acepção mais ampla, o conceito estaria relacionado à linguagem em sua organização mais pragmática e assentada socialmente para atender aos diversos contextos convencionados de comunicação.

A comunicação, aliás, está intrinsecamente associada aos seres humanos que, para tanto, atualizam e ressignificam os modos de interação social. Além do mais, suportes são instituídos para “ecoarem os dizeres na história” (Xavier, 2002). Os suportes servem, acima de tudo, para estabilizar os modos de enunciação em um espaço e tempo, que são sociais e históricos.

Xavier (2002, p. 98) exhibe uma lista exemplificativa do funcionamento das tecnologias enunciativas (Quadro 3), bem como seus respectivos suportes.

Quadro 3 – Tecnologias enunciativas

Modos de Enunciação	Tecnologias Enunciativas	Suportes
---------------------	--------------------------	----------

Verbal	Escrita	Pedra, argila, metais, papiro, pergaminho, papel, livro, projetor elétrico, monitor de TV e tela digital de computador
Visual	Imagens estáticas (desenho, quadros, gravuras, fotos, gráficos, tabelas); Imagens dinâmicas (animações, filmes, vídeos, etc.)	Pedra, argila, metais, papiro, pergaminho, papel, livro, projetor elétrico, monitor de TV e tela digital de computador
Auditivo	Sons naturais (voz humana, ruídos de fenômenos da natureza e cantos de animais); Sons artificiais (músicas, efeitos sonoplásticos e significativos, etc.)	Corrente de ar, equipamento de gravação eletrônicos, analógicos (fitas magnéticas) e digitais (CD, DVD)
Digital	Hipertexto (<i>on-line, off-line</i>)	Tela digital de computador multimídia

Fonte: Adaptado de Xavier (2002, p. 98).

No atual cenário, novos suportes surgiram e os antigos redesenharam-se, a partir da expressiva evolução tecnológica e das novas demandas sociais. Logo, a coluna na qual estão dispostos os suportes passou por ampla atualização, sobretudo, no que tange aos suportes concernentes ao âmbito da enunciação digital.

O autor pontua, acertadamente, que os modos enunciativos interagem em grau de complementaridade. Vale ressaltar que os modos verbal, visual e auditivo coadjuvam, em maior ou menor porção, na efetivação do modo enunciativo digital, numa espécie de sinestesia.

Evidentemente,

Os demais modos são amalgamados no digital, todos se fundem nele, preservando cada um a sua própria singularidade e teor enunciativo. Essa intersecção entre modos enunciativos acarreta uma grande carga cognitiva, quando da apreensão da significação pelo hiperleitor, pois todos os modos são, simultaneamente, apreendidos durante o processamento da hiperleitura. Todos contribuem para a construção global do sentido (Xavier, 2000, p. 99).

Em nosso estudo, há considerável quantidade de imagens, na construção do sentido. Os *memes* possuem, consubstancialmente, uma relação associativa entre a parte imagética e

verbal. Xavier (2002) valeu-se dos estudos inaugurais acerca da enunciação em ambientes digitais. Transportamo-nos, agora, para os estudos mais próximos da contemporaneidade.

Os modos enunciativos atuais apresentam um grau de dinamicidade mais elevado, em face dos expostos por Xavier (2002). Teixeira, Faria e Azevedo (2017, p.123), semioticistas, denotam essa dinamicidade como complexa, porque “os enunciados veiculados pela *web*, que não só se apresentam como unidades sincréticas, mas sobretudo como textos em movimento, que não podem ser medidos em número de páginas, tempo de execução ou suportes espaciais delimitados”.

O enunciado e a enunciação digital instauram um novo modo de interação entre enunciadore e enunciatários. A linha tênue que demarcava esses dois espaços torna-se cada vez mais custosa de ser observada. Por exemplo, “na publicação impressa, o leitor também interage, mas em menor intensidade. Lê e pode opinar, mas, para isso, terá que enviar carta ou *e-mail* para a redação e aguardar a publicação em edições posteriores” (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p. 124).

Todavia, do mesmo modo de operação de um jornal, porém assentado em um suporte digital, esse jornal *on-line* apresentaria devolutivas mais dinâmicas ante a estrutura procedimental da interação no jornal impresso, como bem pontuam as autoras. Para Teixeira, Faria e Azevedo (2017, p.124), a interatividade oportunizada no espaço digital provoca “não só o efeito de simultaneidade entre o tempo do acontecimento e o tempo do narrado, mas também um simulacro de que o enunciatário, ao construir o enunciado em conjunto com o enunciadore, alcança o estatuto de produtor do discurso”.

Essa conjunção possibilita, ao analista, diversos caminhos de análises a serem seguidos. Contudo,

As possibilidades oferecidas a partir de um hipertexto, embora surpreendentes, não são infinitas. Os nós e conexões são previsíveis e é isso que pode se tornar o objeto de descrição. Não se pode definir o texto a ser constituído pelo leitor, mas se podem examinar as conexões previstas, as digressões e retornos possíveis, os pontos de chegada e de dispersão (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p.124).

Na instância dos discursos originários dos ambientes digitais, percebe-se a relacionalidade dos *memes* com as características dos Tecnodiscursos orientados no Dicionário de Paveau (2021), quais sejam: deslinearização; composição; relacionalidade; ampliação; e imprevisibilidade.

As definições de Paveau (2021) ampliam as possibilidades de pesquisa e alinham-se diretamente ao *corpus* deste projeto: a construção discursiva que permeia os *memes*. Um campo relativamente novo, na Análise do Discurso Digital, as discussões gravitam em torno dos conceitos fundadores dos discursos essencialmente digitais.

Quanto à deslinearização, um conceito com múltiplos desdobramentos, representa a “intervenção de elementos clicáveis no fio do discurso, que direcionam o leitor-escritor de um fio do discurso-fonte a um fio do discurso-alvo, instaurando uma relação entre dois discursos” (PAVEAU, 2021, p.145). Uma forma prática de compreender esse processo é perceber os funcionamentos dos discursos nas redes sociais, em que não há uma linearidade, mas sempre um emaranhado de conexões que possibilitam, no mesmo discurso, percorrer caminhos distintos por meio dos *hiperlinks*.

A composição refere-se à imbricação do linguístico e o técnico, no qual a análise torna-se prejudicada com a dissociação desses dois mecanismos. Marie-Anne Paveau propõe a superação dos aspectos dualista das análises.

A ideia de um elemento linguageiro compósito faz parte de uma abordagem pós-dualista das produções verbais (Paveau, 2012b), que questiona a distinção binária entre linguístico e extralinguístico. Essa abordagem supõe vínculos entre o humano e o não humano, que vão além do uso simples de objetos para levar em conta realidades sociais relacionadas com híbridas; o compósito tecnolinguageiro é uma delas. Se quisermos dar conta dos discursos nativos da internet, devemos adotar uma perspectiva que vá além da ideia de uma separação entre o linguístico e seus exteriores, sobretudo técnicos, e modificar a concepção de língua para pensá-la como constituída com o outro (Paveau, 2021, p.120).

Apresentado o conceito de compósito, sobreleva evidenciar os aspectos da relacionalidade dos tecnodiscursos, os quais estabelecem os enunciados em uma relação material em variados níveis. Em destaque, Paveau (2021) apresenta a relação entre os tecnodiscursos em face da estrutura hipertextual; a relação entre o discurso e os meios de produção, em referências à vinculação entre enunciador e máquina; e a relação estabelecida entre os “escritores e os escreitadores, que passa pela subjetividade da configuração das interfaces de escrita e de leitura, e que torna os tecnodiscursos ideodigitais, isto é, dependentes do ponto de vista único do internauta” (Paveau, 2021, p. 311).

Posteriormente, tem-se a concepção de ampliação, a qual tem estreita relação com a evolução dos processos comunicativos. A autora pontua que a escrita digital amplia a capacidade expressiva e modifica as configurações discursivas. E atenta para a necessidade de adequação das teorias quanto aos processos enunciativos digitais.

Em continuidade, existem aspectos importantes, quanto à imprevisibilidade dos tecnodiscursos. Dado que, com base em Paveau, os agentes enunciativos, ao produzirem tais discursos, não têm controle quanto aos rumos e às proporções da mensagem. Como exemplo, o professor Roberto Baronas, em uma conferência promovida pela Associação Brasileira de Linguística (Abralin), apresenta a placa de rua que carrega o nome da vereadora do Rio de Janeiro, ativista dos direitos humanos, Marielle Franco, a qual se tornou símbolo de luta e resistência.

Propunha-se que a placa fosse uma homenagem póstuma, todavia, o fator imprevisibilidade atuou no discurso e, após a quebra e satirização, com teores racista e homofóbicos, a placa tornou-se um símbolo de luta ante tais atitudes. Evidencia-se, desse modo, a impossibilidade de interferência quanto aos rumos dos discursos, e essa inexistência do controle acentua-se nos discursos efetivamente digitais.

Regressando aos estudos semióticos, vale demarcar que as características elementares da enunciação permanecem as mesmas, seja em ambientes digitais, seja em ambientes não digitais. Isso implica dizer que o estabelecimento de pessoa, espaço e tempo ocorre de modo congênere.

Devemos atentar, porém, no “que é próprio da enunciação – a pessoa, o tempo, o espaço – e naquilo que é próprio da internet – a imagem, o texto, o som, o ritmo marcado por incompletude e continuidade – é o desafio para uma semiótica que pretenda pensar a enunciação fora dos quadros da análise de textos verbais” (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p.123).

De acordo com esse pensamento, as características próprias da internet aparecem de forma um pouco mais dinâmica do que na enunciação em ambientes não digitais. Outro ponto a ser destacado refere-se a como as imagens, os sons, as cores revestem o discurso e compõem os enunciados. Tais atributos podem ser observados pela perspectiva semântica do nível discursivo, ou seja, pelos envolvimentos temático e figurativo.

Talvez, o diferencial destacável entre os ambientes enunciativos digitais e os enunciados fora desse contexto seja a compreensão de unidade textual. Enquanto os ambientes não digitais compreendem “fronteiras” nas quais os textos se encontram, nos espaços digitais, e a enunciação é ampliada pelo funcionamento próprio dos hipertextos.

Na *Web*, cria-se uma indefinição quanto à unidade textual, na medida em que um ponto qualquer do hipertexto pode acessar praticamente qualquer outro ponto de qualquer outro hipertexto, não importam suas diferenças em termos de gênero, estilo, enunciatário etc. Pode-se dizer que há uma intertextualidade constitutiva do

enunciado traduzida numa potencialidade aberta pelo enunciador a ser atualizada num determinado percurso de leitura pelo enunciatário (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p.123).

Essa sensação de incompletude na prática enunciativa acentua-se na esfera digital, enunciador e enunciatário estabelecem um contínuo de atualizações enunciativas e não consegue-se precisar a extensão dessas atualizações.

Coadunamos com a perspectiva de que os discursos essencialmente digitais formam um campo abrangente de investigação por parte de semioticistas, bem como estudiosos da linguagem de maneira geral. Destaca-se, uma vez mais, que nesta pesquisa trazemos os preceitos da SD para analisarmos a constituição do Ator da Enunciação.

Adiante, são estabelecidas discussões acerca do Percurso Gerativo de Sentido em seus três níveis: fundamental, narrativo e discursivo.

4 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Versar sobre o Percurso Gerativo de Sentido é, ao mesmo tempo, trazer abordagens sobre a constituição do sentido ou, ainda, tratar dos aspectos significativos que se apresentam no texto. O constructo teórico-metodológico da Semiótica Discursiva fornece subsídio para diversos pesquisadores, sobre os mais variados objetos de investigação. Cumpre destacar que

[...] a Semiótica Greimasiana preocupa-se em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo e procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido. Esse percurso, nomeado por Greimas “Percurso Gerativo de Sentido”, é estruturado em três níveis, que vão do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: o Fundamental, o Narrativo e o Discursivo, cada um deles dotado de uma sintaxe e de uma semântica (Santiago, 2006, p. 405).

A disposição gerativa dessa teoria constitui-se em face da concepção do “processo de produção do texto como um percurso gerativo, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, num processo de enriquecimento semântico” (Fiorin, 1999, p. 2).

Barros (2005, p. 13) esquematiza, em alíneas, o domínio do Percurso Gerativo de Sentido.

- a) o percurso gerativo do sentido vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto;
- b) são estabelecidas três etapas no percurso, podendo cada uma delas ser descrita e explicada por uma gramática autônoma, muito embora o sentido do texto dependa da relação entre os níveis;
- c) a primeira etapa do percurso, a mais simples e abstrata, recebe o nome de nível fundamental ou das estruturas fundamentais e nele surge a significação como uma oposição semântica mínima;
- d) no segundo patamar, denominado nível narrativo ou das estruturas narrativas, organiza-se a narrativa, do ponto de vista de um sujeito;
- e) o terceiro nível é o do discurso ou das estruturas discursivas em que a narrativa é assumida pelo sujeito da enunciação.

Destaca-se que o percurso constituinte do sentido se rege, com evidência, no plano do conteúdo. Apesar disso, Fiorin (2005, p. 44) aponta que “não há conteúdo linguístico sem expressão linguística, pois um plano de conteúdo precisa ser veiculado por um plano de

expressão, que pode ser de diferentes naturezas: verbal, gestual, pictórico, etc.”. Alinharmos, pois, a esse entendimento.

Para compreender a estrutura teórica, é preciso remontar de forma abreviada o percurso teórico que lhe deu ensejo. Na SD, pode-se pleitear o seguinte percurso teórico: em Ferdinand de Saussure, o Estruturalismo como fonte de vários desdobramentos teóricos, além da Semiótica; em Louis Hjelmslev, a Glossemática, com positivas contribuições à Semiótica, em especial, no plano da expressão e do conteúdo; e em Algirdas Julien Greimas, a SD, por ser, o autor, o expoente da teoria, da qual serão abordados, com ênfase, o Percurso Gerativo de Sentido e os níveis fundamental, narrativo e discursivo.

As ideias dispostas na teoria Semiótica possuem imensa aplicação prática, com ênfase nas relações analíticas. Isso porque “a semiótica discursiva ultrapassa os limites da frase e concebe o texto como unidade de sentido e considera, portanto, que o sentido da frase depende do sentido do texto” (Soares, 2020, p. 69).

Cumprir destacar que, nesse percurso, se provou ser necessário “romper as barreiras estabelecidas entre a frase e o texto e entre o enunciado e a enunciação. Sem derrubar essas demarcações, não se pode realizar nenhum estudo satisfatório do sentido” (Barros, 2005, p.11).

Fiorin (2000) apresenta-nos como recurso elucidativo dessa última abordagem o texto intitulado *Apólogo dos dois escudos*, no qual é desenvolvida uma narrativa quanto à formação de um escudo, com dois homens questionando-se, um em frente e o outro atrás do escudo, se tal objeto é de ouro ou prata. Há, nessa atmosfera de desentendimento, um terceiro, que medeia a discussão e apresenta a solução para o conflito, qual seja: o escudo tem duas faces, uma de ouro e outra de prata.

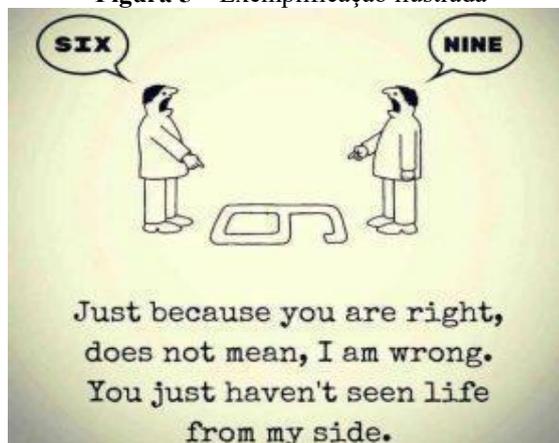
Esse terceiro consegue abstrair e se distanciar para saber, de fato, de qual material constitui-se o escudo. A participação desse terceiro apresenta-se como a forma mais concreta da percepção do sentido, assim dizendo, a percepção do que está apresentado e do que pode ser visualizado com um pouco mais de atenção.

Valemo-nos das reflexões dispostas por Fiorin (2000) para ilustrar a ideia de que o conhecimento, para a SD, deve ser obtido de uma perspectiva menos parcial e mais totalizante.

Com o propósito de aproximar a discussão que se desenvolve, segue outro exemplo, de mesmo teor, no que tange às percepções parciais de sujeitos alocados em determinados pontos do espaço. Como este estudo está dedicado à investigação dos textos compostos pelo

sincretismo verbo-visual, nada melhor do que a possibilidade de visualizar a situação a ser discutida por meio da ilustração representada na Figura 5.

Figura 5 – Exemplificação ilustrada



Fonte: Beek (2018).

À semelhança do *Apólogo dos dois escudos*, aqui também há uma zona de discordância e o terceiro, dessa ilustração, apresenta-se como um texto verbal, cuja tradução, realizada por nós, equivale a: “*Só porque você está certo, não significa que eu esteja errado. Você apenas não viu a vida do meu lado*”. Na mesma conjuntura do exemplo anterior, dispõem-se dois personagens e as percepções são diferentes, pelo mesmo motivo do primeiro texto: a inércia contínua para não se dar conta dos outros eventos; dos outros ângulos pelos quais as coisas podem ser observadas.

Dessa forma, retomando a reflexão teórica proposta por Fiorin (2000), a superfície mais concreta para a percepção dos sentidos é contemplar um objeto pelos diversos ângulos possíveis, para se ter uma percepção aproximada da concretude; em outras palavras, significa dizer que, do lado esquerdo, tem-se o número seis e, do lado direito, tem-se o número nove, ou melhor, o 6 nada mais é do que o 9 invertido e vice-versa.

Inclinando-se a um nível mais abstrato, tanto o escudo como o algarismo seis podem ser aproximados da análise de qualquer objeto do conhecimento. Fiorin (2000, p. 16) destaca que “o saber de cada um a respeito do mesmo objeto é diferente, porque é condicionado pelo ponto de vista em que cada um se coloca para apreendê-lo, estudá-lo, analisá-lo”. Isso implica dizer que “cada um dos sujeitos atribui a seu conhecimento a marca da certeza e confere ao do outro a qualificação de equívoco”.

Para Fiorin (2000), entra-se em um limbo polêmico entre o saber e o não saber. Assim, uma concepção uma pode ser entendida como limitadora, impossibilitando a observância da

totalidade. Por exemplo, no caso dos cavaleiros e os escudos, e no caso dos personagens dos números seis e nove, pode-se concluir que eles não estão completamente certos, nem totalmente errados.

Em uma perspectiva unidirecional e metafórica, imagina-se que uma sociedade inteira não pode passar para o outro lado do escudo, ou do número seis, assim, a essa banda da sociedade resta a compreensão de que o escudo é de prata e o número só pode ser o seis. Por essa razão, essa reflexão pode ser abordada com vários outros objetos do conhecimento, uma vez que a sociedade é inundada diariamente desses corretos e não corretos, dos saberes e não saberes.

De acordo com Fiorin (2000, p. 16),

Considerar um objeto de várias perspectivas leva à conciliação, que é o bom entendimento com os outros a partir da aceitação de seus pontos de vista. A passagem da conjunção com um ponto de vista para a conjunção com múltiplos pontos de vista implica a substituição da polêmica pelo contrato, da confrontação pela conciliação.

De modo a sistematizar o que está sendo apresentado, é considerado o segundo nível do Percurso Gerativo de Sentido como um processo de transformação das categorias do nível fundamental, que é mais abstrato do que esse primeiro estágio, que se centra unicamente na constatação da existência de múltiplos ângulos pelos quais é admitido observar um objeto.

Fazendo, agora, alusão a um nível ainda mais abstrato, tem-se um desacordo semântico, causador da polêmica, entre parcialidade e a totalidade na percepção dos objetos do conhecimento. Isso envolve dizer que a parcialidade consiste na apresentação e defesa de um ponto de vista e, concorrentemente, negar a percepção do outro. Já a totalidade corresponde ao vislumbre dos outros pontos de vista possíveis, considerando-os integrativos à sua concepção. Isto é, atentar-se que o escudo tem duas faces e o número seis, se invertido, torna-se nove.

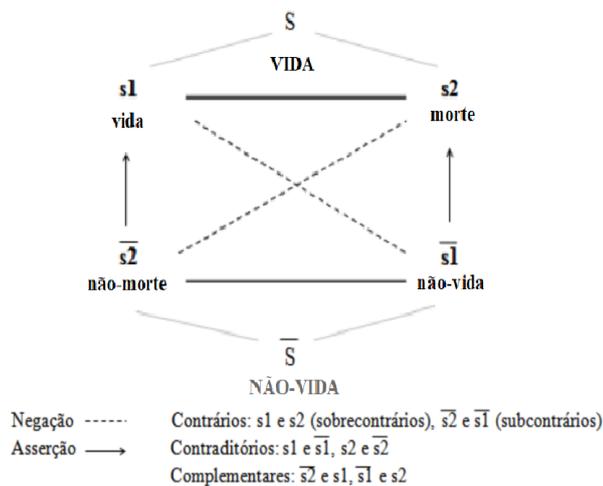
Em conformidade com os estudos semióticos, “o termo/parcialidade/é o elemento semântico que, no texto, é considerado disfórico, enquanto a /totalidade/ é vista como eufórica” (Fiorin, 2000, p.17). Evocar os termos euforia e disforia merece a atenção, pois leva ao instituidor das questões voltadas ao entendimento do Percurso Gerativo de Sentido e também do aporte teórico-metodológico denominado quadrado semiótico (Greimas, 1973), os quais têm relações próximos com o entendimento de eufórico e disfórico.

Para exemplificar, a euforia está relacionada à percepção positiva do objeto e a disforia à percepção negativa. Ressalta-se que o mesmo objeto pode assumir os dois lados, no

quadrado semiótico. Usa-se o clássico exemplo que constitui a oposição lógica /vida/ e /morte/, posicionando os termos ora do lado eufórico, ora do lado disfórico.

Projeta-se uma situação em que há um posicionamento desfavorável ao aborto, e são elencados argumentos com fundamento a favor da vida do embrião fecundado, ou seja, da não interrupção gestacional. Aqui, tem-se a percepção de vida do lado eufórico do quadrado semiótico, e uma aceção positiva. Essa situação hipotética pode ser representada da forma reproduzida na Figura 6.

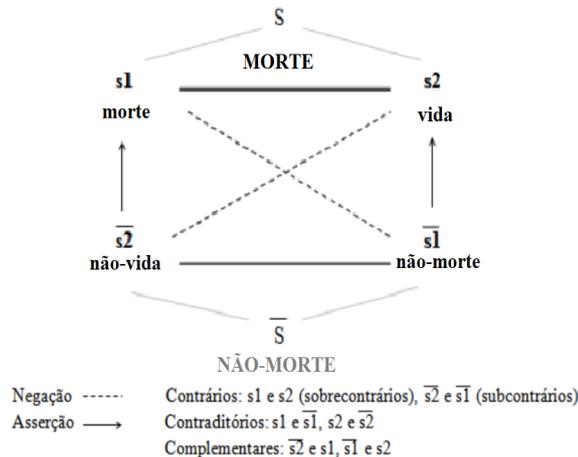
Figura 6 – Quadrado semiótico /vida/ e /morte/



Fonte: Adaptada de Domaneschi (2017).

Agora, se imaginar o inverso da situação anterior, tem-se, assim, uma construção discursiva em que são evidenciadas as vantagens do aborto, principalmente para as classes menos favorecidas. Resguardando à mulher o direito de escolha e controle sobre o próprio corpo, nessa ocasião, a morte está do lado positivo do quadrado, como se observa na Figura 7.

Figura 7 – Quadrado semiótico /morte/ e /vida/



Fonte: Adaptada de Domaneschi (2017).

Os dois exemplos ajudam a perceber que a construção do sentido compreende uma gama de possibilidades. Embora não dê conta da integralidade das possibilidades de compreensão dos sentidos, a relação de oposição binária do quadrado semiótico contribui para o entendimento lógico.

Outra importante reflexão diz respeito à formação do sentido sistematizada por Fiorin (2000). O autor propõe um quadro no qual estão dispostas as estruturas semionarrativas e as estruturas discursivas, o qual subdivide-se em componente sintático e componente semântico. Esses, por sua vez, instituem as categorias profunda, ou fundamental, e de superfície, ou narrativa, nas estruturas semionarrativas sintáticas. Ainda nesse mesmo componente, tem-se a sintaxe discursiva responsável pelos processos de discursivização conciliados à actorialização, temporalização e espacialização.

Os níveis fundamental, narrativo e discursivo, são dotados de uma semântica e de sintaxe, as quais serão abordadas com maior domínio em tópicos particulares. Reproduz-se o esquema proposto pelo autor no Quadro 4, para que a visualização do que foi percorrido seja mais nítida.

Quadro 4 – Esquema do percurso gerativo de sentido

	Componente Sintático		Componente Semântico
Estruturas semionarrativas	Nível profundo	Sintaxe fundamental	Semântica fundamental
	Nível de superfície	Sintaxe narrativa	Semântica narrativa
Estruturas discursivas	Sintaxe discursiva Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)		Semântica discursiva Tematização Figurativização

Fonte: Reproduzida de Fiorin (2000, p. 17).

Como se pode notar, entender o cerne da composição do sentido não é tarefa simples. Cada uma dessas categorias pode ser abordada separadamente e suscitar extensas linhas de reflexão. Por esse motivo, são apresentados, de modo sumário, os níveis dos componentes semântico e sintático, com o intuito de expor a totalidade da proposição de Fiorin (2000); contudo, especial atenção é dedicada ao nível discursivo, o qual contempla os aspectos de figurativização e tematização tão caros a este estudo.

Dito isso, sintetiza-se, com as palavras de Fiorin (2000, p.17), a que se propõe o Percurso Gerativo de Sentido. Para ele, esse dispositivo “é uma sucessão de patamares, cada

um dos quais suscetível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo”.

4.1 Nível fundamental

Explica-se, este item, a partir de dois autores: Fiorin (2000) e Barros (2005), que versam sobre o mesmo assunto, para apresentar reflexões a partir das intersecções das duas escritas, bem como nosso entendimento da temática.

O nível das estruturas fundamentais acha-se na base da formação do sentido; é nele que se apresentam as compreensões preambulares de um texto, isto é, os aspectos identificáveis na superfície textual. Para Barros (2005, p. 82), esse nível situa-se no “ponto de partida do percurso de geração do sentido de um texto e, nele, determina-se o mínimo de sentido a partir de que o discurso se constrói”.

A construção lógica, no nível fundamental, pode ser visualizada a partir da evidenciação de categorias marcadas no texto. Em Fiorion (2000), essas categorias estabelecem-se em posições antagônicas, portanto, em polos opostos.

O nível fundamental caracteriza-se pelas relações de oposições fundamentais; é nele que se apresentam as compressões preambulares de um texto, isto é, os aspectos identificáveis na superfície abstrata do texto; por exemplo, pode-se identificar em textos as relações opostas, as quais se organizam no seguinte esquema: *liberdade – não liberdade – dominação* ou, em outra possibilidade, *vida – não vida – morte*.

A partir das duas construções textuais utilizadas no tópico anterior, explana-se com mais clareza sobre essas oposições. Tanto o *Apólogo dos dois escudos*, quanto a imagem envolvendo a contemplação dos números seis e nove, constituem uma oposição semântica entre /parcialidade/ e /totalidade/. Sublinha-se que essas oposições de categorias semânticas são concretizadas na materialidade textual. Desse modo, se uma construção aborda morte sobre vida, em oposição à morte; ou liberdade, em relação à opressão, julgam-se, consequentemente, categorias em oposição.

Com esse modo de pensar, apresenta-se um demonstrativo de como podem ser observadas as estruturas fundamentais de um texto. Optou-se por apresentar um *meme*, cuja temática coincide com nosso objeto de estudo para que, no momento de apresentação das análises seja possível ter uma visão panorâmica do funcionamento analítico de cada nível do Percurso Gerativo de Sentido.

As ilustrações em *memes* sintetizam bem o funcionamento do nível fundamental, o qual, necessariamente, dispõe-se em campo comum de categorias semânticas e é nesse campo que se estabelecem as diferenças. Fiorin (2000, p. 19) demonstra que não se pode opor “/sensibilidade/ à /horizontalidade/, pois esses elementos não têm nada em comum”. Isso posto, pode-se opor, por exemplo, /horizontalidade/ à /verticalidade/, ou /sensibilidade/ à /indiferença/. Reforça-se que essas oposições são estabelecidas a partir de objetos discursivos instituídos.

Na Figura 8, reproduz-se o *meme* sobre um cenário comumente difundido por professores.

Figura 8 – Meme sobre carreira do professor



Fonte: UOL Educação (2014) – matéria sobre o Dia dos Professores.

As estruturas fundamentais do sentido determinam-se, sobretudo, na oposição, ou melhor, nas oposições semânticas. Na Figura 8, a categoria fundamental pode ser estabelecida pela oposição /juventude/ e /velhice/ e, de forma mais abstrata, /preservação/ e /desgaste/. Essa oposição pode ser constatada na parte verbal do texto e também na imagética, com base na representação dos personagens em cada quadro.

No primeiro quadro do *meme*, a atriz Patrícia Pillar representa os professores em início de carreira; conclusão tirada em virtude da legenda que acompanha a primeira parte da imagem. No segundo quadro, após cinco anos, um tempo relativamente curto, demonstra-se o desgaste exagerado de exercício da profissão docente; esse entendimento parte também da parte imagética e verbal do *meme*, em que a atriz Angelina Fernández representa a senhora Clotilde, do seriado Turma do Chaves.

O sincretismo das linguagens do texto possibilita fazer inferências sobre as oposições em sua totalidade, inclusive, relacioná-las entre os outros níveis do percurso gerativo.

simula o fazer do homem que transforma o mundo”. E, para a autora, a compreensão desse movimento deve orientar-se pela descrição do espetáculo, a determinação dos participantes e o papel representacional desses que simulam as relações no mundo.

Exemplificando, nessa mesma linha, o nível narrativo, que pode ser percebido como uma *performance* estabelecida no plano narrativo, e também pode ser verificada como um “espetáculo”, como aduz Barros (2005). Nesse nível é que são construídas as relações de conjunção e disjunção com os objetos valores; as modalizações; os papéis actanciais; as noções de sanção e competências, bem como as inúmeras particularidades constantes nesse nível, as quais serão manifestadas mais à frente.

Esse conceito performático, que pode ser auferido em Greimas e Courtés (1989), não dá conta propriamente de ações materiais, mas de uma *performance* estabelecida consoante o plano narrativo. Em vista disso, o objeto da Semiótica Narrativa consiste na “análise das ações narradas que lhe permite reconhecer os estereótipos das atividades humanas e construir modelos tipológicos e sintagmáticos que as descrevem” (Greimas; Courtés, 1989, p.10).

Em verbete específico acerca da Semântica Narrativa, os autores atentam para a relevância de compreender a unidade de vínculo entre os níveis fundamental, narrativo e discursivo. A tese constituída nessa teoria é de que todos os níveis podem ser acessados na materialidade discursiva, isto é, no discurso posto para análise. Assim, em uma perspectiva narrativa, busca-se a composição dos valores acessíveis no texto.

Frisam, nesse ponto, que o nível disposto anteriormente mostra-se em um preceito

axiológico suscetível de servir de base à geração de um leque tipológico de discursos possíveis, o nível narrativo da semântica é o lugar das restrições impostas à combinatoria, em que se decide em parte o tipo de discurso a ser produzido (Greimas; Courtés, 1989, p. 400).

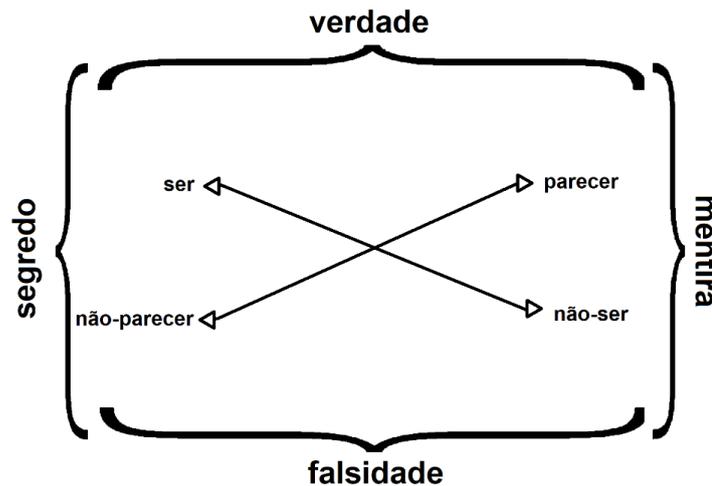
Apresenta-se que, nesse nível, se estabelecem relações entre os aspectos semânticos e os sujeitos que compõem a narrativa, concedendo espaço à inscrição de valores no percurso enunciativo. De modo instrutivo, Barros (2005) alude que as relações com os sujeitos se instauram pelas determinações modais do ser e do fazer articuladas essencialmente em: o querer, o dever, o poder e o saber.

De início, demanda-se a observância de dois ângulos ante a modalização do ser, quais sejam: “a modalização veridictória, que determina a relação do sujeito com o objeto, dizendo-a verdadeira ou falsa, mentirosa ou secreta, e o da modalização pelo querer, dever, poder e

saber, que incide especificamente sobre os valores investidos nos objetos” (Barros, 2005, p. 46).

Essa formatação pode ser consultada tanto em Barros (2005) como em Greimas e Courtés (1989) e ser projetada em quadrado semiótico, como consta no Quadro 5.

Quadro 5 – Modalização do ser



Fonte: Greimas; Courtés (1989, p. 488).

Com o disposto, verifica-se que as modalidades veridictórias organizam-se nos núcleos do ser e parecer. Esse tipo de articulação altera diretamente a configuração modal do sujeito. Mais adiante, utiliza-se o exemplo apresentado no nível anterior, o fundamental.

Na sintaxe do nível narrativo, constam as transformações perpassadas, muitas vezes, por toda a estrutura canônica de uma narrativa, quais sejam: (i) **manipulação**, é o processo pelo qual um sujeito exerce uma ação com o intuito de instaurar um *dever fazer* ou um *querer fazer*. Esse processo pode estabelecer-se por meio da *tentação*, que constitui um *querer fazer* em troca de uma compensação, e por meio da *intimidação*, essa, por sua vez, gera um *dever fazer* ancorado a um castigo, perda ou limitação; há também a possibilidade da manipulação por meio da *sedução*, na qual instaura-se um *querer fazer* com vistas a atender o que foi pactuado com o manipulador e, por fim, a manipulação pela *provocação*, que gera um *dever fazer* de forma negativa. Para melhor ilustrar o disposto, apresentamos no Quadro 6, os tipos de manipulação, bem como os efeitos gerados de cada um deles.

Quadro 6 – Tipos de manipulação

Tipos de Manipulação	Modalizações Constituídas
----------------------	---------------------------

Tentação	Querer Fazer
Intimidação	Dever Fazer
Sedução	Querer Fazer
Provocação	Dever Fazer

Fonte: Baseado em Fiorin (2005).

A (ii) **competência** refere-se à qualificação do sujeito que realiza as ações no Programa Narrativo; a competência compreende um *poder fazer*, *saber fazer* ou *querer fazer*, isto é, se detém competência, o sujeito pode operar transformações no percurso narrativo; (iii) a **performance** tange às transformações oriundas dos processos de manipulação e/ou competência, possibilitando que o sujeito entre em conjunção ou disjunção com os objetos presentes na narrativa; (iv) por fim, em uma estrutura investida por todos esses valores, consta a **sanção** reservada ao reconhecimento das ações desenvolvidas pelo sujeito, a qual pode ser de teor positivo ou negativo, ou seja, o sujeito é gratificado ou descreditado.

Bellomo-Souza *et al.* (2018, p. 4) sintetizam que

a semântica do nível narrativo ocupa-se dos valores inscritos no objeto, havendo dois tipos destes: 1) objetos modais: querer, dever, o saber e o poder fazer – elementos necessários para realizar a performance principal; 2) objetos de valor: objetos que entram em conjunção ou disjunção na performance principal, cuja aquisição é necessária para realizar a performance principal.

Demonstra-se, agora, a marcação das categorias antes dispostas a partir do *meme* apresentado no nível fundamental. Enquanto na ilustração disposta no nível fundamental, em que se constitui a oposição semântica /juventude/ e /velhice/, criam-se conceitos de forma mais lógica, aqui, tem-se a atuação do fazer interpretativo para evidenciar as classes sintáticas e semânticas do nível narrativo.

Retoma-se o *meme* sobre os professores no início da carreira e cinco anos depois desse início. Se o texto em questão contiver os quatro elementos do programa narrativo, será, pois, de sequência canônica. Vale lembrar que essa sequência “não é uma fôrma onde se faz caber a narrativa. Ao contrário, inúmeras possibilidades devem ser levadas em conta, para permitir desvelar a forma específica que a narratividade assume num texto particular. Em primeiro lugar, é preciso notar que certas fases podem ser pressupostas” (Fiorin, 1999, p. 5).

Ao falar em pressupostos, o autor pontua que algumas informações podem não estar na superfície verbal ou imagética do texto, mas, sim, estabelecidas na construção lógica de

um texto. Pode-se pensar no *meme* sobre o professor e sua carreira. Para estar no início da carreira, o professor precisa ser dotado de uma **competência** que pode ser uma formação básica mínima exigida para o exercício de suas funções como professor.

Além disso, podemos sugerir que o sujeito que optou pela docência quer obter a realização pessoal, ou financeira, por exemplo. Elenca-se, pois, essas duas possibilidades como objeto modal e objeto de valor dessa narrativa, respectivamente. Quando se fala em objetos, trata-se de elementos com os quais o sujeito deseja entrar em conjunção ou disjunção. Os objetos modais apontam para um *querer*, um *dever*, um *poder* e um *saber* (Fiorin, 1999). No caso em tela, trata-se de um objeto modal *querer ser* professor. No objeto de valor, caso o retorno financeiro seja estabelecido como tal, tem-se o objeto dinheiro com o qual o sujeito pretende entrar em conjunção.

Do mesmo modo, Fiorin (1999, p. 6) exemplifica “quando se narra a história da compra de um apartamento, o dinheiro que se juntou não constitui um objeto valor, mas um objeto modal, porque ele é o poder comprar”.

A *performance* seria a própria atividade laboral para atingir a realização pessoal, o retorno financeiro, e a **sanção** poderia ser figurada como o desgaste decorrente do desenvolvimento de atividades enquanto professor. Nesse exemplar, não foi possível identificar processos de manipulação.

Como se verifica, as possibilidades de análise são inúmeras e cada modalidade pode ser profundamente discutida em variados textos. Como o intuito, neste trabalho, não é estabelecer análises reflexivas, em face do eixo semântico narrativo na construção do sentido, essas ponderações devem permitir a percepção de um todo, embora parcial, da teoria gerativa do sentido.

4.3 Nível discursivo

Converge-se, nesse momento, ao interesse principal do presente estudo. O nível discursivo merece uma incursão mais atenta e detalhada, em virtude do advento de categorias valorosas na constituição do Ator da Enunciação. Nessa classe, por exemplo, é que se fundamentam as noções de tematização e figurativização, as quais, sob nosso entendimento, serão tratadas em seção específica adiante.

Dada a abrangente proporção da teoria gerativa do sentido, é inevitável implementar recortes que atendam aos objetivos de cada pesquisa. Quanto a isso, conferimos ênfase aos papéis figurativos e temáticos assumidos pelo sujeito da enunciação ou como propõem

Greimas e Courtés (1989), actantes da comunicação que equivalem às inscrições temáticas e/ou figurativas dispostas nos discursos.

Há, no nível discursivo, forte relação com o conceito investigado apresentado neste trabalho, pois no discurso é que existem as marcas temáticas e figurativas capazes de fazer-nos chegar ao Ator da Enunciação. Outro ponto destacável é perceber a interrelação entre os níveis, assim como o nível das estruturas fundamentais estabelece relações com as estruturas narrativas e, estas, no que lhes diz respeito, associam-se ao nível discursivo, conforme alude Barros (2002, p.72), quando diz que a análise discursiva se vale dos elementos disposto no nível narrativo, porém acentuando “as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário, a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos”.

Convém, para finalizar esta exposição, pontuar que todos os níveis do percurso gerativo são revestidos sintática e semanticamente. De modo abrangente, a sintaxe do nível fundamental encontra-se na marcação das oposições fundamentais, as quais podem ser observadas, comumente, no quadrado semiótico; a sintaxe do nível narrativo rege-se sob a definição dos sujeitos de estado e do fazer, é aqui, pois, que se estabelecem os programas narrativos; no nível discursivo, a sintaxe apresenta-se nas marcações espaciais, temporais e actanciais, por meio dos processos de debreagem e embreagem.

Cabe, a propósito, situar como são fundados os atributos semânticos em cada um dos níveis. No nível fundamental, a semântica manifesta-se nas relações eufóricas e disfóricas dos semas dispostos em oposição; a semântica do nível narrativo é “a instância de atualização dos valores” (Barros, 2002, p. 45), aqui, portanto, são dispostos os valores desejáveis e indesejáveis entre sujeito e objeto; no último nível, o discursivo, temos a organização semântica em torno de valores disseminados no texto sob forma de temas e figuras.

Naquilo que interessa ao nosso exame, observam-se os aspectos variacionais arrumados nos temas e figuras favorecidos no discurso. Como bem coloca Fiorin (2005, p. 41), é no nível discursivo que se produzem “variações de conteúdos narrativos invariantes”. Aliás, implica dizer que é demandado do pesquisador um exame mais atento das situações discursivas.

Apontada em Barros (2005. p.53), a análise discursiva se materializa

sobre os mesmos elementos que a análise narrativa, mas retoma aspectos que tenham sido postos de lado, tais como as projeções da enunciação no enunciado, os recursos de persuasão utilizados pelo enunciador para manipular o enunciatário ou a cobertura figurativa dos conteúdos narrativos abstratos.

Supõe-se – e, com efeito, parece veraz – que o nível discursivo é munido pelas cargas semânticas dispostas em um movimento de troca entre língua, contexto e sociedade. É relevante apresentar de que forma se efetuam as organizações discursivas em atenção às estruturas narrativas.

Em exemplo análogo ao proposto por Fiorin (2005), uma produção filmica, cuja classificação é suspense, possui uma ordenação fixa, e existem fatos geradores do suspense, momentos de tensão; em alguns casos, há quem sofra com a expectativa e há quem a provoque. Estamos diante, pois, de uma organização narrativa própria do gênero da produção.

Em se tratando dos aspectos discursivos do exemplo citado, há a ruptura das estruturas fixas, pois o suspense irrompe de várias possibilidades, porque a expectativa pode dar-se em face de assassino em série; de um personagem fantasiado de palhaço; de um suspense construído, de forma psicológica; e tantas outras alternativas.

Esse dado distintivo é crucial para uma percepção acessível das propriedades dos níveis de geração de sentidos. Fiorin (2005, p.42), firmado em um poema de Drummond, aclara mais ainda as nuances de cada instância. Apresenta-se, na íntegra, o poema *Balada do amor através das idades*, para favorecer a compreensão mais próxima do que propõe Fiorin (2005).

Eu te gosto, você me gosta
desde tempos imemoriais.
Eu era grego, você troiana,
troiana mas não Helena.
Saí do cavalo de pau
para matar seu irmão.
Matei, brigamos, morremos.

Virei soldado romano,
perseguidor de cristãos.
Na porta da catacumba
encontrei-te novamente.
Mas quando vi você nua
caída na areia do circo
e o leão que vinha vindo,
dei um pulo desesperado
e o leão comeu nós dois.

Depois fui pirata mouro,
flagelo da Tripolitânia.
Toquei fogo na fragata
onde você se escondia
da fúria de meu bergantim.
Mas quando ia te pegar
e te fazer minha escrava,
você fez o sinal da cruz

e rasgou o peito a punhal...
Me suicidei também.

Depois (tempos mais amenos)
fui cortesão de Versailles,
espírituoso e devasso.
Você cismou de ser freira...
Pulei muro de convento
mas complicações políticas
nos levaram à guilhotina.

Hoje sou moço moderno,
remo, pulo, danço, boxo,
tenho dinheiro no banco.
Você é uma loura notável,
boxa, dança, pula, rema.
Seu pai é que não faz gosto.
Mas depois de mil peripécias,
eu, herói da Paramount,
te abraço, beijo e casamos.
(Drummond, 1966 *apud* Fiorin, 2005, p.42)

Como marcado anteriormente, o nível narrativo imprime, de certa forma, estruturas fixas nas construções textuais. Os apontamentos desse exemplo, ditos fixos, ou melhor, invariantes, demonstram-se, nas quatro primeiros estrofes, no empenho em conjugar um amor em épocas “imemoriáveis” e em situações desajustadas para a efetivação desse amor. Na quinta estrofe, contrariamente, o amor estabelece-se pelas similaridades dos dois polos da paixão; há, inclusive, o realce dessas características, pois os dois remam, pulam, dançam e praticam boxe. (Fiorin, 2005).

Em Fiorin (2005, p. 42), identifica-se que a estrutura narrativa mantém-se similar, nas quatro primeiras estrofes, e se reveste, no nível discursivo, a partir de

personagens distintas (grego e troiana, soldado romano e cristã, pirata mouro e europeia cristã, cortesão de Versailles e freira), colocadas em espaços (Grécia, Roma, mares entre Europa e África, França) e tempos (Antiguidade no período da guerra de Tróia, Antiguidade na época da difusão do cristianismo, Idade Média, período da Revolução Francesa) diferentes. Varia também a natureza dos obstáculos à consumação do amor (diferença política, diversidade religiosa, variedade étnico-religiosa, disparidade de papel social).

O escopo de exploração no nível discursivo deriva do conteúdo patente na estrutura narrativa. Aqui, na categoria discursiva, cabe um destaque para o revestimento figurativo dos personagens da narrativa. Barros (2005) atenta para as possibilidades de análise do nível discursivo, as quais vão além da apreensão dos papéis figurativos e temáticos, porque podem ser pensados sobre as projeções enunciativas no interior dos enunciados, bem como pela ocorrência de manipulação sob o enunciatário.

Apesar da clareza firmada em Fiorin (2005) e Barros (2005), considera-se oportuno expor e conferir a adesão ao exemplo demonstrado em Fiorin (2008, p. 20); desse modo, “a mesma estrutura narrativa um sujeito que entra em disjunção com o objeto vida, pode ser tematizado como assassinato, suicídio, morte por acidente”. Há, ainda, a possibilidade de figurativização dessa situação, onde morrer se reveste de ir a um plano espiritual, ir ao paraíso, ou, simplesmente, deixar de existir temporariamente, à espera de um julgamento divino.

As projeções da enunciação, aliás, representam um eixo significativo nas análises sob o viés discursivo. Na Semiótica, são examinadas as múltiplas “projeções da enunciação com as quais o discurso se fabrica. A enunciação projeta, para fora de si, os actantes e as coordenadas espaciotemporais do discurso, que não se confundem com o sujeito, o espaço e o tempo da enunciação” (Barros, 2005, p. 54).

Ao processo antes descrito, dá-se, como já informado, o nome de *debreagem* enunciativa, que pode se estruturar nos processos actancial, espacial e temporal (eu, aqui, agora). Em relação a esse conceito, pode-se dizer que, com base em Greimas e Courtés (2011), é o meio pelo qual se projetam, a partir das instâncias eu, aqui e agora, as implementações do enunciado-discurso, ou seja, a enunciação.

De maneira completiva e reiterada, Leite e Farias (2017, p.179) aludem que

Por meio das *debreagens* enunciativa e enunciva, obtêm-se no discurso dois grandes efeitos de sentido: a) de subjetividade, quando os simulacros do ego-hic-nunc enunciativos instalados no enunciado geram um efeito de aproximação, de apreciação de fatos; e b) de objetividade, quando o apagamento das marcas da enunciação no enunciado produz um efeito de distanciamento, de imparcialidade.

Em um curto e paralelo esclarecimento sobre esses conceitos, vale destacar os praticáveis desdobramentos prescritos em volta da noção de *debreagem*. Em particular, destaca-se o contraste estabelecido entre a *debreagem* enunciativa e a enunciva, esta, no que lhe diz respeito, reúne as categorias do *ele-alhures-então* (Fiorin, 2002). Desse modo, existe um afastamento da subjetividade quando a enunciação se estabelece com base na *debreagem* enunciva.

Fiorin (2008, p. 24) reitera a composição de elementos que constituem a enunciação: “de um lado, pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos e advérbios apreciativos, dêiticos espaciais e temporais”. Cujo apagamento geraria textos caracterizados como enuncivos, e “[...] de outro, termos que descrevem a enunciação, enunciados e reportados no enunciado”.

Os semioticistas de linha francesa aludem à matriz de discussões a respeito da debreagem, a qual tem suas fundações em Benveniste, bem como em Jakobson, “o termo ‘*débrayeur*’ (debreador) parece-nos mais adaptado à abordagem gerativa que vai da enunciação ao enunciado” (Greimas; Courtés, 2011, p.113). Segundo os autores, cumpre perceber relações mais amplas do que a elementar concepção jakobsoniana que dicotomiza e focaliza tão somente nas oposições de debreagem e embreagem, esta que, em suma, atua na cisão ou no retorno às instâncias pessoa, espaço e tempo.

Com acerto, Fiorin (2006, p. 89) resume que “a embreagem, ao contrário da debreagem, que referencializa as instâncias enunciativas e enuncivas a partir de que o enunciado opera, desreferencializa o enunciado que ela afeta”. E exemplifica, por conseguinte, quando se usa a terceira pessoa, no lugar da segunda, é como se o interlocutor não falasse com o interlocutário, mas com outros sobre ele. Dessa forma, “desreferencializa-se a instância do tu”.

Pode-se afirmar que, em alguns dos *memes*, o processo de embreagem pode ser empreendido a partir de algumas estruturas prefixadas quanto à sua composição (Fig. 9). Digamos que um texto pautado na estrutura de um *meme* inicia a parte verbal, com a conjunção “quando” e, em seguida, com o pronome pessoal você (tu), em que a frase formada com a junção desses elementos é a seguinte: *Quando você vê um meme bom e sem querer atualiza a página e nunca mais vê ele*. Há, em um primeiro olhar, a percepção de um tempo indeterminado e o distanciamento da pessoa que enuncia. Agora, vejamos o funcionamento desse mesmo enunciado inserido no suporte *meme*.

Figura 9 – *Meme* para a representação de embreagem

quando vc vê um meme bom e sem
querer atualiza a página e nunca mais
vê ele



Fonte: Facebook: página Trago verdades. Acesso em: 27 nov. 2022.

Essa estrutura, típica dos *memes*, vale-se de um mecanismo de aproximação com os enunciatários que vivenciaram essa situação e, ao mesmo tempo, um distanciamento de quem não a vivenciou. Por exemplo, os enunciatários que vivenciaram a impossibilidade de recuperar o *meme* visto, estarão mais próximos do estado de ânimo do plano imagético; os que não tiveram essa experiência, provavelmente, não disporão do mesmo sentimento.

Assim, com base nessa conjuntura, consta uma enunciação que pode atuar de duas formas, segundo os conceitos de *debreagem* e *embreagem*. A primeira abordagem parte do pressuposto da vivência de quem publica e de quem visualiza o *meme*. E, portanto, mapeia o enunciado actancial e temporalmente, porque há a referencialização do /eu/ de quem publica e do /tu/ de quem recebe, ou seja, esse você, presente no enunciado, é, concorrentemente, /eu/ e /tu/. Ademais, o aspecto temporal pode ser recuperado pelo mesmo princípio.

Diante da *embreagem*, pode-se pensar no percurso inverso ao apresentado, a *desreferencialização* atua na falta de comunicação entre interlocutores e interlocutários, uma vez que tempo e sujeito se tornam imprecisos.

Com base nas premissas enunciadas nos parágrafos pregressos, concebe-se o discurso, ou melhor, a discursivização envolta pelas instâncias actanciais, espaciais e temporais, que tiveram considerações mais detidas no tópico 3.1 *Operações enunciativas e enuncivas de debreagem e embreagem*, além dos procedimentos de tematização e figurativização, os quais instauram a esfera variável das estruturas discursivas.

A seguir, constam as discussões propostas no nível discursivo; os aspectos da tematização e figurativização que envolvem a estrutura discursiva; bem como as isotopias temáticas e figurativas que recobrem o texto.

4.3.1 Tematização e figurativização

Como será apontado ao longo deste tópico, a estrutura semântica discursiva instala-se no revestimento dos percursos narrativos, por percursos temáticos e figurativos, estabelecendo, de fato, uma organização discursiva. “A disseminação discursiva dos temas e a figurativização são tarefas do sujeito da enunciação, que assim provê seu discurso de coerência semântica e cria efeitos de realidade, garantindo a relação entre mundo e discurso” (Barros, 2002, p.113).

Faz-se importante apresentar como a composição de temas e figuras atuam na estrutura discursiva. Verifica-se que os discursos e os sujeitos que os compõem revestem-se de valores. Revisitando a situação simulada na seção em que foram apresentados os conceitos

circundantes ao Ator da Enunciação, na qual um professor apresentou-se em duas situações, a primeira como empático em relação à situação dos alunos e, a segunda, mais coercitiva, em face do mesmo problema. Daí tem-se a geração de valores, os quais se espalham no discurso, sob a forma de tematização.

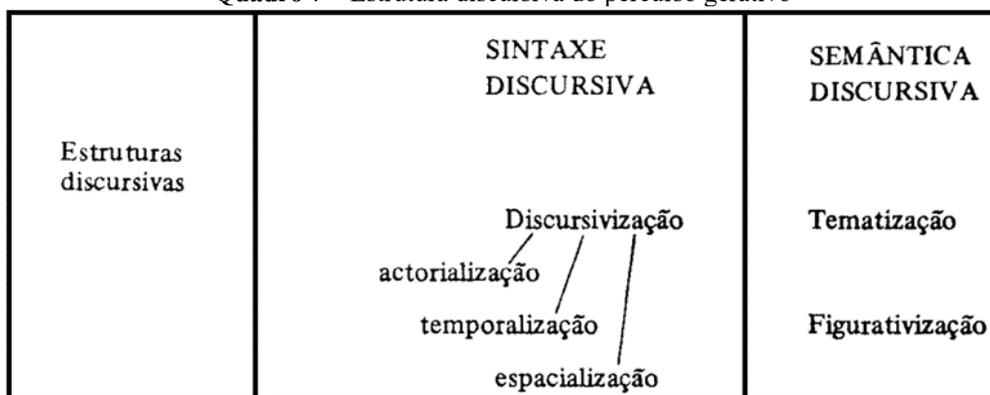
A figurativização, no que lhe concerne, “aponta para convenções sociais que materializam historicamente o discurso. Por sua vez, os temas que, abstratos, são figurativizados, suportam os papéis temáticos, que os condensam no circuito de um sujeito-ator” (DISCINI, 2018a, p.310). Assim, a figurativização atua recobrando semanticamente os temas e autentica, dessa forma, a imagem do Ator da Enunciação.

Em um estudo de releitura teórica da semiótica greimasiana, Discini (2018b, p.119) esclarece que “a tematização discursiva, na medida em que sustenta papéis temáticos, devolve o corpo, que é imanente, já que actancial, à transcendência histórica”. Vale sublinhar que os processos de instituição da pessoa do discurso /eu/ /tu/ decorrem dos mecanismos de debreagem e embreagem apresentados anteriormente. Aqui, fala-se dessas pessoas tematizadas e figurativizadas, as quais convertem-se em atores (Fiorin, 2002).

Como se pode notar, ao encontrar-se figurativizado “o ator do enunciado resulta de uma imagem, que, conceitual, está vinculada a interpretações do mundo feitas pelo enunciador. A mesma imagem também diz respeito às tensões e às emoções do sujeito que enuncia” (Discini, 2018a, p.310). Quanto à tensividade, não será abordada nesta discussão, porque, mesmo uma rápida incursão acerca desse conceito, alongaria demais esta seção, o que causaria incompreensão quanto aos limites teóricos desta pesquisa.

Diante dessa conjuntura, toma-se o nível discursivo como estruturalmente mais complexo do que os níveis fundamental e narrativo, dados os contornos a que pertencem. Remontando o último nível do percurso gerativo, revalidam-se, com acerto, no quadro semântico do nível discursivo, a tematização e a figurativização, as quais serão demonstradas no tópico da metodologia deste estudo. Ressalta-se que no capítulo destinado às análises haverá expressiva abordagem desses conceitos para a constituição dos resultados da pesquisa e as discussões provenientes de tais considerações. Verificou-se também que, na sintaxe discursiva, se processam as debreagens a partir da actorialização, temporalização e espacialização (Quadro 7).

Quadro 7 – Estrutura discursiva do percurso gerativo



Todavia, o foco deste item conduz-se para o esclarecimento teórico-metodológico de análise dos discursos em *memes* sobre professores revestidos temática e figurativamente. É nesse nível, pois, que se estabelecem as coberturas semânticas temática e figurativa.

Assim, os empreendimentos temáticos derivam das dimensões narrativas, as quais atribuem valores actoriais, espaciais e temporais, ao discurso. Todavia, “a recorrência de um tema no discurso depende, assim, da conversão dos sujeitos narrativos em atores que cumprem papéis temáticos e da determinação de coordenadas espaço-temporais para os percursos narrativos” (Barros, 2005, p. 67).

Por esse motivo, Barros (2005) relaciona a instância temática de um discurso aos procedimentos de aproximação ou distanciamento, este, referindo-se aos aspectos objetivos da enunciação e, aquela, aos subjetivos. Outro ponto destacável é a amarração da teoria gerativa do sentido, pois os níveis designam de forma muito determinada suas respectivas conjunturas.

A figurativização, por sua vez, relaciona-se aos efeitos de realidade dispostos no discurso. Ressalta-se, contudo, que esses efeitos não são a representação, de fato, do real, mas estabelecem proximidades com a realidade. Barros (2002, p.117) alude para o fato de o discurso não ser “a reprodução do real, mas a criação de efeitos de veridicção, pois se instala, entre mundo e discurso, a mediação da enunciação”.

Com o intuito de explicitar o funcionamento desses dois conceitos, traremos dois fragmentos textuais extraídos de Fiorin e Savioli (2003, p.71) que versam, justamente, sobre as ações temáticas e figurativas nos discursos.

- a) Um asno, vítima da fome e da sede, depois de longa caminhada, encontrou um campo de viçoso feno ao lado do qual corria um regato de límpidas águas. Consumido pela fome e pela sede, começou a hesitar, não sabendo se antes comia do feno e depois bebia da água ou se antes saciava a sede e

depois aplacava a fome. Assim, perdido na indecisão, morreu de fome e de sede (Fábula de Buridan, filósofo da Idade Média).

- b) Um indivíduo, colocado diante de dois objetos igualmente desejados, pode ficar de tal forma indeciso que acaba por perder a ambos.

Notem que a fábula e o texto subsequente transmitem, basicamente, a mesma mensagem, nos quais a indecisão provoca a perda de algo que queremos ou precisamos muito. Com esse pensar, Fiorin e Savioli (2003) atestam, em suma, os princípios básicos dos temas e das figuras. Enquanto no primeiro excerto o discurso reveste-se de categorias mais concretas, ou seja, mais próximas do mundo natural, o segundo atua de forma mais abstrata, genérica e carregado de subjetividade. Dispomos, então, de figuras e temas, respectivamente.

Para os autores, as figuras aparecem maiormente em: “asno, campo, feno, regato, águas, etc.” (mundo natural) e os temas em: “indivíduo, objetos igualmente desejados, indeciso.” (representações abstratas) (Fiorin; Savioli, 2003, p.71).

Ressalva-se, apesar disso, “quando se diz que um texto é figurativo ou temático, na verdade, o que se quer dizer é que ele é predominantemente, e não exclusivamente, figurativo ou temático” (Fiorin; Savioli, 2003, p.72). Por certo, encontram-se, na materialidade discursiva, figuras revestidas de temas e temas, em alguns casos, envoltos por figuras. Diz-se, portanto, que há textos temáticos sem revestimento figurativo, contudo, a figuratividade pressupõem sempre um tema, ou temas (Fiorin; Savioli, 2003).

Em síntese, é possível afirmar que um discurso tematizado mobiliza a inserção de valores tidos como abstratos. Dispondo-se, pois, de percursos temáticos (Barros, 2005). A outro giro, as figuras recobrem os temas aproximando-os da realidade natural.

Bem por isso, Discini (2018a, p.313) reconhece a figuratividade como uma formuladora de esboços de seu enunciador. Esse pensamento constitui-se em conformidade com a ideia de que “nada é solto na constituição do discurso, temos um sistema de valoração moral dos temas e figuras, o que funda o corpo do enunciador como um modo recorrente e organizado de dizer, base de um estilo”.

Para consagrar a importância das descrições citadas para o arranjo constitutivo do Ator da Enunciação, empreende-se que esse se localiza na organização discursiva temática e figurativa, a qual se desenvolve histórica, ideológica e socialmente.

4.3.2 Isotopias temáticas e figurativas

Existem, a propósito do conceito de isotopia, duas correntes que as norteiam. A primeira fundamenta-se na noção, proposta por Greimas (1973), de que as isotopias se instauram estritamente nos classemas, os quais são definidos por “categorias trânsfugas que constituem o liame entre os sememas diferentes que homogenizam a significação” (Bertrand, 2003, p.188).

A segunda, mais flexível, porém sob a base teórica da primeira, chancela as isotopias em ambiente mais amplo para a percepção do sentido. As dimensões isotópicas não mais se restringem aos classemas, os quais são unidades básicas de significação (Bertrand, 2003). Podem, agora, valer-se de diversos níveis das isotopias contidas na materialidade discursiva. Dentre elas, dois níveis de percepção destacam-se: os de superfície figurativa e os de superfície temática.

Naquela, há evidências dos atores, espaços e tempos marcados no discurso, por exemplo. Nesta última, instalam-se as marcações temáticas, as quais são mais abstratas, em detrimento das figurativas, e que se determinam a partir das disposições figurativas.

Sublinha-se o refino dado por Leite (2009) acerca das disposições teóricas de isotopia. Leite (2009, p.125) pontua, sob o prisma de Jean-Marie Klinkenberg, que “a isotopia reveste-se de uma importância decisiva na manutenção da coerência semântica intratextual, pelo fato de assegurar continuidade temática e figurativa ao texto por meio de elementos semânticos repetidos de uma frase a outra”.

Agora apoiado em Denis Bertrand, o autor destaca que “a isotopia se estabelece pouco a pouco, à medida que os semas se acumulam, se organizam e se hierarquizam” (Leite, 2009, p.125). É importante perceber o fato de existirem hierarquias no campo das isotopias, pois, a partir dessa marcação é que se finca a significação global.

Bertrand (2003, p.189) esclarece que “análise textual consiste precisamente em selecionar e justificar uma ou várias isotopias que comandam a significação global”. Diante do movimento de seleção das isotopias regentes, pode existir pluralidade no processo interpretativo.

A essa operação, Bertrand (2003, p. 189) atribui duas possibilidades de ocorrência. A primeira possibilidade pode ser definida como um mal-entendido, no qual “cada um dos interlocutores seleciona o núcleo isotopante do discurso do outro em função de seu saber ou suas disposições passionais”. É admissível, aqui, a sobreposição da subjetividade no processo interpretativo.

A segunda possibilidade alinha-se à polissemia dos termos e às decisões de leitura, com “cada leitor escolhendo e valorizando as isotopias capazes de reger ‘em profundidade’ as significações de superfície” (Bertrand, 2003, p.189). Nesse segundo caso, a ação interpretativa é mais limitada às balizas polissêmicas estabelecidas no texto.

Tais conflitos podem ser resolvidos, para o autor, a partir da negociação dessas isotopias. Dessa negociação podem-se estabelecer relações com as figuras de retórica sob o duplo sentido. A metáfora, a metonímia e a comparação constituem cabal exemplo para o entendimento dessa interpretação negociada.

Muitas vezes, os revestimentos temático e figurativo são lugares de ambiguidades, seja pela recorrência de percursos temáticos seja pela difusão de figuras distribuídas no texto. Logo, as distribuições isotópicas possibilitam suprimir tais ambiguidades.

Na Figura 10, expõe-se o funcionamento das isotopias em um exemplar de *meme* que versa sobre professores.

Figura 10 – *Meme* para a demonstração das isotopias



Fonte: Sindicato dos Docentes e Funcionários da Guiné-Bissau. (Disponível em: https://m.facebook.com/SINDEF.ULG/photos/a.1774943149286602/2004982609615987/?type=3&source=48&paipv=0&eav=Afb8fGw-D0SqwE2FgsHI_HNd0EFI3FCJ2NoFt7jqbj7uwtrlm8LCrKN0Vuet_sRwCPQ. Acesso em: 10 fev. 2023.)

As figuras do **pescador**, **tubarão**, **mar**, **peixe pequeno**, aparecem em primeiro plano como o cotidiano de um pescador e o entorno da prática pesqueira. Na integralidade do texto, encontra-se um ponto de ambiguidade; na verdade, o pescador representa metaforicamente um professor no seu exercício do trabalho; o tubarão concerne ao tamanho do esforço

desempenhado por esse sujeito; e o peixe menor associa-se à retribuição financeira pelo trabalho docente. Nota-se que a parte verbal faz esse direcionamento, para que, no campo da leitura, seja possível visualizar os desafios do trabalho dos professores e, de certo modo, a exploração desses profissionais.

Com essa demonstração, pode-se perceber a cobertura que as isotopias operam nos textos, seja pelas metáforas, metonímias, ou comparações. Desse modo, atinge-se um de nossos objetivos: verificar como se estabelecem as isotopias que agregam ao texto impressões referenciais, ou seja, os efeitos de realidade.

No item a seguir, com fundamento na SD, dedica-se, ainda, um espaço à abordagem dos aspectos evidenciados no conceito de Ator da Enunciação.

3.3 Ator da Enunciação

Nesta seção, é dedicada atenção ao conceito de Ator da Enunciação, proposto, em primeiro grau, por Greimas e Courtés (1989), bem como na perspectiva abordada por pesquisadores da linguagem no contexto brasileiro, firmada, especialmente, em Fiorin (2000; 2008); e Barros (2005; 2016).

O conceito de Ator da Enunciação é uma peça-chave na investigação sobre a dinâmica formação de sentido, sobretudo, na organização do nível discursivo. Dada a centralidade desse conceito, reserva-se um especial espaço para tratar mais especificamente dessa conceituação, antes mesmo de abordar o Percurso Gerativo de Sentido.

De início, apresenta-se o entendimento base de Greimas e Courtés (1989, p. 34) em que o Ator da Enunciação se constitui em torno de papéis actanciais e temáticos. E, dessa maneira, indicam: “O ator não é somente lugar de investimentos desses papéis, mas, também, de suas transformações, consistindo o discurso, essencialmente, em um jogo de perdas sucessivas de valores”.

Merecem referência as definições de papel actancial e papel temático, demonstrado por Barros (2005, p.84):

Papel actancial: cada um dos papéis assumidos pelos actantes da narrativa e que variam segundo se altere a posição dos actantes no percurso (ex.: papel de sujeito

competente, papel de sujeito realizador da ação) ou de acordo com suas relações com os valores (ex.: papel de sujeito do querer-fazer, papel de sujeito do saber-fazer).

Papel temático: é o papel assumido pelos actantes narrativos no interior de um tema ou de um percurso temático, quando então os actantes se convertem em atores discursivos. Em narrativa de busca do saber, exemplifique-se com o papel de pesquisador, no quadro temático da investigação científica. (grifos nossos).

Para melhor percepção, recorreremos aos verbetes Actante e Ator dispostos no *Dicionário de semiótica* (Greimas; Courtés, 1989). Como é possível notar, a relação sinonímica pode levar a incorrer em um equívoco conceitual, porque, na disposição teórica dos autores, há uma fragmentação categorial entre os termos.

A classificação de Actante aproxima-se da definição de personagem, enquanto seres ou objetos que assumem papéis actanciais e figurativos. Revelam, portanto, a possibilidade de assumir certos papéis actanciais, a respeito dos quais Greimas e Courtés (1989, p.13), sob o entendimento da Semiótica Literária, discorrem: “herói só o é em certas posições da narrativa: não era herói antes, pode não ser herói depois”.

Citando caso parecido e alinhado ao *corpus* deste estudo, pensemos em uma construção do gênero *meme*, no qual a figura de um professor pode assumir o papel de carrasco em períodos de avaliações da aprendizagem e, em outras cenas, apresentar-se como acolhedor às particularidades de aprendizagem de seus alunos.

Os autores, além disso, propõem sistematizações do funcionamento desses actantes, os quais podem ser dispostos prototipicamente em:

a) **actantes da comunicação** (ou da enunciação), que são o narrador e o narratário, mas também o interlocutor e o interlocutário (que participam da estrutura da interlocução de segundo grau que é o diálogo); b) **actantes da narração** (ou do enunciado): sujeito/objeto, destinador/ destinatário; do ponto de vista gramatical, oporemos aqui **actantes sintáxicos** (inscritos em um programa narrativo dado), tais como sujeito de estado e sujeito do fazer, e **actantes funcionais** (ou sintagmáticos), que subsumem os papéis actanciais de um determinado percurso narrativo; no que tange às duas dimensões discerníveis nos discursos, distinguiremos, por exemplo, sujeitos pragmáticos e sujeitos cognitivos (estes últimos surgindo quer em sincretismo com os sujeitos pragmáticos, quer como atores autônomos, no caso do informante por exemplo, quer reconhecíveis pelo menos como posições implícitas, com o actante observador). Levando-se em conta o papel que ele desempenha, ao nível da semântica discursiva, graças ao procedimento da figurativização, diremos

que o actante é **individual**, **dual** ou **coletivo** (Greimas; Courtés, 1989, p.13, grifos dos autores).

Como se pode notar, no seguimento dos discursos, os actantes oscilam entre os papéis actanciais disponíveis na disposição lógica da discursivização. Embora, nos estudos literários, reconheça-se a relação sinonímica entre os termos Ator e Actante; nos estudos semióticos, é fundamental pontuar as diferenças; afinal, o conceito que norteia este trabalho é de Ator da Enunciação.

A partir de tais ideias, Fiorin (2008, p. 81) ilustra que, “quando falamos em *eu* e *tu*, falamos em actantes da enunciação, ou seja, em posições dentro da cena enunciativa, aquele que fala e aquele com quem se fala”. De outro modo, infere-se que os actantes são, pois, enunciadores e enunciatários.

Também faz-se pertinente pontuar a distinção entre Ator e Autor da Enunciação, este refere-se a quem produziu, de carne e osso, o texto, por exemplo, Machado de Assis (Fiorin, 2016). Ator da Enunciação, por sua vez, deriva do efeito de identidade construído por certa totalidade de discursos, ou seja, em *memes* sobre professores, e pode manifestar-se um Ator explorado, ou Atores de outras correntes de significação.

Quanto à definição de Ator, é entendido como “uma unidade lexical, de tipo nominal, que, inscrita no discurso, pode receber, no momento de sua manifestação, investimentos de sintaxe narrativa de superfície e de semântica” (Fiorin, 2008, p.34). Com esse pensar, podem ser alcançados os aspectos constituintes do Ator, os quais perpassam o processo de individuação, mostrada, notadamente, pela substantivação das figuras sobre as quais os atores refletem.

Questão que é abordada por Greimas e Courtés (1989, p. 34) na seguinte disposição:

A individuação de um ator marca-se frequentemente pela atribuição de um nome próprio, sem que tal coisa constitua, em si mesma, a condição *sine qua non* da sua existência (um papel temático qualquer, "o pai", por exemplo, muitas vezes serve de denominação do ator). (grifo no original).

Ainda nas palavras dos autores, “o ator pode ser **individual** (Pedro) ou coletivo (a multidão), **figurativo** (antropomorfo ou zoomorfo) ou **não figurativo** (o destino)” (Greimas; Courtés, 1989, p. 34, grifos no original). Percebe-se, pois, que a articulação do Ator dá-se com as instâncias representacionais, que são constituídas com base em conjuntos de discursos em torno de determinados vocábulos, ora concretos, ora abstratos.

É fundamental frisar que “esse ator desempenha papéis semânticos (temáticos e figurativos) no interior de um texto e no intervalo entre um texto e outro de uma totalidade: assim, semanticamente, articulam-se os enunciados entre si” (Discini, 2016, p.18).

Em complemento, Barros (2002, p. 79) reforça que, na disposição discursiva, “o actante converte-se em ator, ao receber investimento semântico, temático e/ou figurativo. O ator resulta, assim, da combinação de papéis da sintaxe narrativa com um recheio temático e/ou figurativo da semântica do discurso”.

Vale sublinhar, aliás, outra definição emergente nos estudos sobre Ator da Enunciação, que é a de sujeito da enunciação que atua como “actante implícito logicamente pressuposto pelo enunciado” (Greimas; Courtés, 2006, p. 35). Essa noção é notadamente aprofundada por outros teóricos, como em Pêcheux (1983), com sujeito universal; sujeito assujeitado; e em Benveniste (2006), com a disposição *ego, hic et nunc* e a relação sujeito e linguagem. Ressalta-se, contudo, que nossos esforços se direcionam para a definição de Ator de Enunciação, constituído pela dinâmica Individuação, Identidade e Actorialização, em face de certa totalidade de seus discursos.

Terminologicamente, em sua maioria, os termos Ator e Sujeito da Enunciação são percebidos como sinonímicos. Autores como Barros (2005; 2016); Discini (2016; 2018a; 2018b) e Fiorin (1999; 2008) partilham dessa relação.

Essas distinções geram compreensões relevantes, uma vez que a abordagem desta pesquisa gira em torno de um conceito particular, mas que depende de outros conceitos para ser melhor entendido.

Retomando o exemplo do professor assumindo papéis actanciais de carrasco e compreensivo, está-se diante de um Actante, um *personagem* revestido de características

coerentes com a situação enunciativa. Tem-se, portanto, Actantes na figura dos professores carrascos ou compreensivos e enunciatários, que, nessa situação imaginada, podem ser os alunos ou o auditório.

No caso de imagem constituída pela totalidade dos discursos em torno do sujeito-professor, no segundo caso, do professor compreensivo, pode-se construir algo mais abrangente, compreendendo uma parcela da categoria de professores, os quais, em alguns casos, apresentam-se como detentores do futuro do país, com suas práticas de ensino, responsáveis integralmente pelo bom e/ou mau desempenhos dos alunos e, em outros casos, são vistos como mal remunerados, sem prestígio social e tantos outros temas que compõem o campo significativo em torno do professor. Logo, várias imagens podem ser constituídas, apoiadas em um conjunto de discursos.

Em síntese, Barros (2016) aponta para a relevância de compreender de forma esclarecida as ideias supracitadas. Isso porque, para determinar o Ator da Enunciação, é requerida a percepção de conjuntos, ou da totalidade dos objetos discursivos em volta do ator. No Actante, ou Sujeito da Enunciação, um e outro podem ser apresentados na unicidade discursiva.

Por derradeiro, importa pontuar algumas das considerações de José Luiz Fiorin sobre o tema. Fiorin (2000) projeta o Ator da Enunciação não como ser concreto de “carne e osso”, mas, sim, composto de imagens discursivas produzidas social, histórica e discursivamente. Com essa ideia, em estudo posterior, Fiorin (2004, p. 78) aduz que os Atores da Enunciação e as imagens que circundam enunciadador e enunciatário instituem simulacros de potenciais Autores e leitores do texto. Para ele, “são esses simulacros que determinam todas as escolhas enunciativas, conscientes ou inconscientes, que produzem os discursos”.

Tem-se entendido, em se tratando desse tema, que “o ator da enunciação, como base de um estilo, é contemplado no processo de seu ato de dizer, ao ser examinado no viés semântico e no viés sensível de sua observação de mundo” (Discini, 2016, p.19). Nesse último viés, estabelece-se a marcação tensiva entre o sensível e o inteligível, amplamente

explorada por Claude Zilberberg, a qual pretende-se operar em pesquisas futuras, mas não será nosso foco neste estudo.

É certo e incontroverso que as instâncias apresentadas aqui atuam efetivamente na constituição discursiva. Sobretudo nas escolhas e na integração de conteúdos semânticos, em se falando de Ator da Enunciação, o qual pode se estabelecer, na perspectiva semiótica greimasiana, em individual ou coletivo, e figurativo e não figurativo.

No capítulo a seguir apresentado, expõe-se o caminho metodológico da pesquisa, com demonstrações do funcionamento das análises; da seleção do *corpus*; e os métodos para a categorização dos dados.

5 CAMINHO METODOLÓGICO

Neste estudo, está proposta uma análise com abordagem de natureza qualitativa, baseada no simulacro metodológico delineado pela Semiótica greimasiana. A partir do Percurso Gerativo de Sentido, entende-se a prática discursiva como formadora e formada pelas dimensões relacionais de língua, sujeito e sociedade.

Comungando essa teoria com objetivos delineados neste estudo, propôs-se a abordagem sistemática dos discursos, observando os contextos de enunciação, e os discursos como ressonâncias das práticas sociais, destacando, por sua vez, o Ator da Enunciação constituído pelos *memes* que versam sobre professores. Merece destacar que os *memes* contemplados neste estudo são de natureza estática, ou seja, sem movimento e de composto sincrético verbo-visual. Na totalidade, 14 *memes* compõem o *corpus*, divididos nos tópicos de discussão: desgaste pessoal e profissional e excesso de trabalho; cotidiano escolar e relação professor/aluno.

Frisam-se, também, os três princípios que integraram o percurso metodológico: (i) os dados tiveram como fonte de coleta a rede social Pinterest, dedicada a reunir os *memes* que abordam a temática geral professor; (ii) os procedimentos que serviram para categorizar e organizar os dados estão fundados nas temáticas dos *memes*, ou seja, os textos que versam sobre avaliação ou desgaste profissional encontram-se no mesmo tópico de discussão; (iii) a conceitualização consistiu na submissão dos dados em graus de relação com a teoria semiótica, sobretudo, no exame dos temas e das figuras que integram esses discursos.

Nesse ínterim, o arcabouço teórico-metodológico oferecido pela Semiótica viabilizou uma investigação completa. Da categorização inicial dos dados, à análise dos conceitos elencados da teoria da significação, em nosso caso, o Ator da Enunciação.

Há, ainda, que se destacar a consideração do enunciador desses discursos que se estabelece pela noção de enunciador-coletivo, por entender que os dizeres nos *memes* carregam a fala de um grupo, especificamente, aqui, uma coletividade de professores. Assim, “este lugar de dizer coletivo, no qual a voz do grupo funciona como uma única voz” (Brandão, 2020, p.105).

De início, os critérios de coleta estabelecidos para a construção do banco de dados composto por *memes* estáticos foram que, de modo geral, abordassem a temática professor. Para efetivar esse processo, palavras-chave foram inseridas no recurso de busca do Pinterest, quais sejam: professor; vida de professor; professores; *memes* professores; professores

memes; vida de professora; e vida de professor. Cabe mencionar que a coleta dos dados ocorreu no período de 10 de novembro de 2022 a 10 de março de 2023.

Apesar da alta precisão do buscador da rede social, ainda foi possível observar discursos que se distanciaram do gênero textual investigado, como tirinhas; charges; imagens sem legendas; dentre outros, os quais foram desconsiderados para fins de composição do banco de dados.

Para estabelecer a categorização dos dados, partiu-se das temáticas abordadas nos discursos. Essa disposição facilitou a fluidez das análises; além disso, permitiu extrair tópicos mais genéricos para as discussões posteriores em torno dos níveis narrativo e discursivo do Percorso Gerativo de Sentido. Desse modo, os espaços de análise e reflexão foram estabelecidos com subdivisões orientadas pelos temas gerais abordados nos *memes*.

Nota-se, com a categorização inicial para o tratamento dos dados, que a segunda parte de análise foi facilitada, haja vista que as discussões se valeram dos dados mediante as disposições temáticas norteadoras dos tópicos de discussão. Com efeito, a categorização colaborou na organização inicial dos dados, pois os tópicos de análise foram dispostos por essa organização inicial. Neste estudo, em particular, há uma especificidade, em razão dos dados originarem-se de textos sincréticos. Desse modo, a categorização foi estabelecida linha por linha e imagem por imagem, haja vista que as asserções gerais decorrem da junção desses dois elementos, o verbal e o visual.

Bem por isso, a ideia foi que os dados expressassem e apresentassem suas categorias. O pesquisador deve se desvestir de preconceitos, que podem forjar a construção de categorias e enviesar o estudo. No mais, esse método traduz-se na sensibilidade do pesquisador em reduzir os dados em bases de significação que, de certo modo, simbolizam o todo.

Aderiu-se, portanto, ao dispositivo de análise que preza pela autonomia cedida ao pesquisador. Ressalvando, contudo, o equilíbrio entre sensibilidade e objetividade da análise, especialmente em textos tão dinâmicos como os *memes*.

Em lúcida síntese, Teixeira, Faria e Azevedo (2017, p.124) atestam que

as possibilidades oferecidas a partir de um hipertexto, embora surpreendentes, não são infinitas. Os nós e conexões são previsíveis e é isso que pode se tornar o objeto de descrição. Não se pode definir o texto a ser constituído pelo leitor, mas se podem examinar as conexões previstas, as digressões e retornos possíveis, os pontos de chegada e de dispersão.

Depreende-se, isso posto, que esses direcionamentos são primordiais no tratamento dos dados.

Ainda em relação à análise semiótica, buscou-se implementá-la com maior ênfase no nível discursivo do Percurso Gerativo de Sentido. Portanto, a regra base de análise deu conta de extrair as figuras e os temas para a estruturação do Ator da Enunciação. Todavia, reconheceu-se que os níveis fundamental e narrativo concorreram, ao mesmo tempo, para percepção desse ator.

No espectro da análise semiótica, Discini (2016, p.17) menciona que

Ao analista cabe descrever marcas da enunciação espalhadas recorrentemente num conjunto de textos, e isso pode ser feito a partir da análise de um único exemplar. No texto que se tem à mão está o enunciador como presença realizada. Se o analista comparar esse texto com outro e procurar elementos de algum modo afins entre eles, poderá confirmar, via descrição dos mecanismos de construção do sentido e no vai-e-vem entre um enunciado e outro, o estilo. Esses procedimentos configuram a percepção que se tem de uma totalidade, sustentada por uma unidade do dizer, projetadas ambas, totalidade e unidade, desde o primeiro texto lido.

Salienta-se, a título ilustrativo, o funcionamento da análise sob o manto da SD, como indicado a partir do *meme* reproduzido na Figura 11.

Figura 11– *Meme* sobre baixa remuneração.



Fonte: Sindicato dos Docentes e Funcionários da Guiné-Bissau. (Disponível em: https://m.facebook.com/SINDEF.ULG/photos/a.1774943149286602/2004982609615987/?type=3&source=48&paipv=0&eav=Afb8fGw-D0SqwE2FgsHI_HNd0EFI3FCJ2NoFt7jqbj7uwtrIm8LCrKNoVuet_sRwCPQ. Acesso em: 15 fev. 2023.)

Se esse *meme* fizesse parte do *corpus* deste estudo, estaria, após a categorização, no tópico da exploração profissional e má remuneração. O exemplar de análise vale-se, em todos os níveis, do Percurso Gerativo de Sentido, para que se possa ter uma noção de que modo

funcionaria a análise, valendo-se dos três níveis; todavia, esta análise teve foco no nível discursivo e foram pontuados alguns aspectos do nível narrativo que contribuem para a compreensão do sentido, sobretudo, a relação conjuntiva entre sujeito e objeto.

Registra-se que, no nível fundamental, esse *meme* se encontraria na base de oposição: *exploração* v. *moderação* que abordam a má remuneração dos docentes. Semioticamente, no nível fundamental, constata-se que podem ser evidenciadas as relações de oposição: *exploração* v. *moderação* ou, ainda, *valorização* v. *descrédito*. Essas oposições estão, dessa forma, na sintaxe do nível fundamental do percurso gerativo de sentido. Encontram-se, pois, na semântica das estruturas fundamentais, os termos *reforço* e *valorização*, do lado eufórico, ou seja, são observados positivamente no texto e, do lado disfórico, estão os termos *negligência* e *descrédito*.

No nível narrativo, o princípio disposto nesta etapa traceja-se sob as relações entre sujeito e objeto, em uma configuração de enunciado elementar. Basta, portanto, atentar-se ao sujeito posto no texto supra, bem como os objetos com os quais ele se relaciona.

O diálogo entre esses dois elementos deve ser observado em uma perspectiva de conjunção ou disjunção, e cumpre destacar que pode ser representado na teoria semiótica pelo símbolo \wedge e, aquele, pelo símbolo \vee . Salienta-se que as relações conjuntivas e disjuntivas, em uma narrativa, podem mostrar-se variadas, ou seja, há Programas Narrativos secundários, porém, há sempre uma construção principal, na qual é estabelecida a relação entre sujeito e objeto valor.

Na teoria gerativa, essa relação, de acordo com o *meme* da demonstração da análise, anuncia-se pela seguinte disposição: S (*professor*) U O (*valorização, reconhecimento*). Essa disposição, marcada por símbolos, é uma construção mais simples e didática. Salienta-se que a teoria gerativa do sentido, sobretudo no nível narrativo, dispõe de uma ordenação mais ampla e deve ser pautada pela seguinte disposição: PN = Programa Narrativo; F = função; \rightarrow = transformação; S_1 = sujeito do fazer; S_2 = sujeito do estado; \wedge = conjunção; \vee = disjunção; O_v = objeto-valor. Pontua-se, ligeiramente, que a transformação acontece quando o *sujeito do fazer*, na relação conjuntiva desse sujeito com um objeto valor, implementa uma transformação no *sujeito de estado*.

Além do registrado anteriormente, existem duas tipologias que integram os *programas narrativos*, quais sejam: os programas de competência, nos quais habitam sujeitos do fazer e sujeito do estado diferentes; e os programas de *performance* que se dispõem em torno de um

sujeito, ao mesmo tempo, do fazer e do estado (Quadro 8). Barros (2005) organiza melhor essa conjuntura, como apontado adiante.

Quadro 8 – Programas de competência e de *performance*

critérios	(a)	(b)	(c)	(d)
<i>competência</i>	aquisição	programa de uso	valor modal	sujeito do fazer e sujeito do estado realizados por atores diferentes
<i>performance</i>	aquisição	programa de base	valor descritivo	sujeito do fazer e sujeito do estado realizados pelo mesmo ator

Fonte: Barros (2005, p. 27).

Vê-se, desse modo, no *meme* sobre a remuneração dos professores um PN de *performance*, uma vez que o mesmo ator opera sobre ele mesmo em busca do objeto valor. Nesse cenário, o ordenamento, portanto, ficaria da seguinte maneira: PN de *performance* = F (ser valorizado), [S₁ (professor) — S₂ (professor) O_v (valorização, dinheiro, reconhecimento)]. O valor desse objeto é, então, descritivo.

Os valores modais apresentados no Quadro 10 são percebidos na posição semântica do nível narrativo do percurso. Uma vez que, nesse ponto, dispõem-se as percepções eufóricas e disfóricas observadas nas estruturas fundamentais e, agora, assumem valores a partir dos objetos com os quais o sujeito entra em conjunção ou disjunção. Esses valores podem manifestar-se, sobretudo, no *querer, dever, saber, poder* (Greimas, 1973). Existem, a propósito, fases, nas quais esses valores se constituem, a saber: a *manipulação, competência, performance* e *sanção*. No caso em tela, não são constituídas transformações, trata-se, assim, de um programa narrativo de base.

A instância discursiva do Percurso Gerativo de Sentido atrela-se às projeções actanciais, espaciais e temporais da enunciação, bem como aos temas e às figuras constituídos no discurso. As projeções assentam-se na sintaxe desse nível. Os temas e as figuras, por sua vez, referem-se à semântica do nível discursivo. Nesse nível, as estruturas narrativas são enriquecidas pelo sujeito da enunciação, que transforma as estruturas narrativas em discurso.

Isto é, na verdade, a apresentação de conceitos que ainda não tinham sido abordados nos parágrafos anteriores. Marca-se, aqui, o sujeito, espaço e tempo, no discurso, por meio da *debreagem* (Fiorin, 2005) ou *desembreagem* (Barros, 2005). O fato é que, quando se manifestam as instâncias actanciais, espaciais e temporais pelo *eu*, o *aqui* e o *agora*, tem-se uma *debreagem* enunciativa, cujas associações, em grande parte, caracterizam-se pela subjetividade. E, quando se situa um *ele*, um espaço *lá* e um tempo *então*, ou, de forma mais

canônica, *ele*, *alhures* e *então*, tem-se uma debreagem enunciativa, na qual, em suma, esse mecanismo cria o efeito de sentido da objetividade.

Os efeitos de sentido decorrentes das projeções no enunciado, sobretudo as noções de objetividade e subjetividade, relacionam-se às bases de distanciamento ou aproximação, respectivamente. De modo exemplificativo, percebem-se essas ações, pelo uso dos efeitos de objetividade, em notícias, reportagens, e a subjetividade pode ser melhor percebida em biografias, relatos pessoais. Cabe salientar a heterogeneidade desses gêneros, os quais podem ter o emprego dos dois tipos de debreagem.

Há, como linha teórica, o processo de embreagem, que consiste na neutralização das instâncias actanciais, espaciais e temporais. Restam duas possibilidades de observância desse processo, nos discursos: a) A neutralização balizada pela suspensão das categorias sujeito, espaço e tempo; e b) a denegação dessas instâncias enunciativas, ou seja, valer-se de outros mecanismos para marcar o sujeito, espaço e tempo (Fiorin, 2022).

Assim como a debreagem, a embreagem constitui-se de três instâncias: embreagem actancial; embreagem espacial; e embreagem temporal. O primado básico da suspensão é correspondente a “utilizar uma pessoa, um espaço ou um tempo com o valor de outro” (Fiorin, 2022, p.18). Acredita-se que, no texto prototípico analisado, os aspectos da embreagem são manifestados, sobretudo, no que diz respeito à manifestação actancial. Em nosso olhar, o enunciador, ao compartilhar um *meme* cuja marcação do actante está na classe do profissional professor, há um /eu/ no lugar de um /ele/ (professor).

Cogita-se, em verdade, trazer uma abordagem analítica que dê conta de expressar o Ator da Enunciação construído nos discursos selecionados. Isso implica fazer uma verificação mais aprofundada, no nível discursivo, muito embora seja reconhecida a relação indissociável dos níveis do percurso gerativo.

São variados os modos através dos quais se faz a análise sob a perspectiva semiótica; por exemplo, pode-se destacar apenas um conceito, de um dos níveis, e desenvolver uma escrita analítico-reflexiva sobre tal pressuposto ou, ainda, abordar a integralidade do Percurso Gerativo de Sentido na construção de reflexões. Na semântica do nível discursivo, ocorre o revestimento semântico por meio dos temas e das figuras, os quais criam efeitos de realidade em torno do enunciado (Barros, 2002).

Aqui, os elementos semionarrativos constituem um corpo discursivo. Para Discini (2018a, p. 311) “acontece que, seja sincrético (verbo-visual, em nosso corpus), seja verbal, como um conto, ambos os textos remetem à imagem enunciativa, ou ao *ethos*, que é a voz, o

corpo e o caráter do enunciador”. O elemento central para a construção do conceito Ator da Enunciação advém de uma imagem concreta construída por uma totalidade de discursos.

Essa imagem muito se aproxima da noção de *ethos*, na teoria do discurso; na Semiótica, o Ator da Enunciação é, principalmente, em textos sincréticos, apreendida como

[...] uma imagem identificável como não circunscrita à plasticidade visual, esta que tem respaldo num plano da expressão que, equivalente ao significante saussuriano, atrela-se à materialidade visual do signo. Do texto verbal, a imagem emerge na figurativização do sentido imanente aos textos, como concretização dos temas, para tomar corpo semântico (Discini, 2018, p. 308).

Nesse demonstrativo de análise, destacam-se dois aspectos: as figuras provenientes do sincretismo verbo-visual do *meme* relacionado à remuneração do professor e o tema envolto nesse discurso. Cabe demarcar que as figuras dispostas na parte imagética do *meme*, são, em suma, as imagens que lá estão. Por exemplo, as figuras peixe maior, peixe menor e pescador associam-se à parte verbal, na qual se apresenta, metaforicamente, o sujeito-professor, bem como sua remuneração. Fazendo, assim, insurgir o tema da má remuneração e da falta de valorização da profissão docente. O ator do *meme* analisado é, pois, explorado, tendo em vista que trabalha muito e não é retribuído para tanto.

Se, supostamente, nosso estudo fosse composto integralmente de *memes* que abordassem, em sua essência, os temas da baixa remuneração e do desprovimento de valorização profissional, poder-se-ia concluir, com essa suposição, que o Ator da Enunciação é explorado, diante da insegurança financeira, e que precisa gerir os desafios do excesso de trabalho com pequena devolutiva monetária.

Vale destacar que essa projeção é hipotética, pois, diante do *corpus* constituído, tem-se uma heterogeneidade maior acerca dos temas e das figuras para a composição desse ator.

Soma-se, a isso, a constituição do *corpus* a partir da investigação de *memes* sobre o sujeito-professor que estão dispostos na rede social Pinterest. Em virtude de a rede social citada não delimitar as datas das publicações, o acesso, portanto, ficou restrito aos períodos de publicação, evidenciados por meio dos comentários nas postagens, uma vez que a marcação temporal acontece somente nessas ocasiões.

Como o foco direcionou-se à análise do Ator da Enunciação em *memes*, as marcações temporais são dispensáveis e não acarretam perda de substância nas discussões estabelecidas.

A escolha por essa rede social fundamentou-se na possibilidade de criar um caminho percorrível por outros pesquisadores, em virtude da precisão dos buscadores da plataforma.

Neste estudo, por exemplo, foram utilizadas as combinações de palavras-chave apresentadas no início deste capítulo.

Em sua tese de doutorado, Eichler (2021, p. 45) bem pontua que

O Pinterest é uma rede social de cunho visual onde há compartilhamento de imagens. Assemelha-se a um quadro de inspirações, onde os usuários podem compartilhar e gerenciar imagens temáticas, como de jogos, de *hobbies*, de roupas, de perfumes, entre outros, de acordo com seu interesse. Cada usuário pode compartilhar suas imagens, recompartilhar (repin) as de outros utilizadores e colocá-las, armazená-las em suas coleções ou quadros (boards); além de poder comentar e realizar outras ações disponibilizadas pelo *site*.

Observou-se baixa interação nas publicações dispostas no Pinterest, visto que a plataforma se apresenta como um ambiente de difusão de conteúdos, porém, com sentido de armazenar imagens; frases; *memes*; dicas; atividades escolares; artesanato; e vários outros nichos; que podem ser filtrados na plataforma. Essa impressão dá-se pela disposição dos perfis, que possuem vasto grau de armazenamento de postagens e baixa interação entre os usuários da plataforma.

A situação descrita pode ser observada a partir do recorte da tela de uma página do Pinterest, na qual podem ser observados 9.600 seguidores, entretanto, não há comentários. (Fig. 12). Percebe-se, pois, que a plataforma se organiza, com mais intensidade, em divulgar e armazenar postagem, ao invés de interações, como comentários.

Figura 12 – Leiaute da rede social *Pinterest*



Fonte: página Gerar Memes, no Pinterest:

<https://br.pinterest.com/pin/621919029791670122/>. Acesso em: 22 fev. 2023.

Isso implica reconhecer que não se conseguirá, pelo menos neste estudo, ampliar as análises das materializações mais abrangentes de interação nos ambientes digitais, bem por isso não consideramos investigar as interações por comentários. Porém, dispomos de uma análise, com base nos *memes*, capaz de alcançar o Ator da Enunciação proveniente desses textos.

Assentes ao entendimento de Barros (2019, p.188), em que, do texto, pode decorrer “tanto um texto linguístico, indiferentemente oral ou escrito, quanto um texto visual, olfativo ou gestual, ou, ainda, um texto em que se sincretizam diferentes expressões como nos quadrinhos, nos filmes ou canções populares”. Embora o *meme* não esteja contido nesse rol exemplificativo proposto pela autora, entende-se que esse gênero discursivo sincrético se apresenta como material valoroso aos estudos semióticos.

Na teoria gerativa do sentido, Cardoso, Hanashiro, Barros (2016, p. 357) indicam, assentes em Greimas (1976), “que a significação manifestada por meio de discurso, resulta na visão de mundo por meio da qual as coisas são lidas ganhando uma existência dita semiótica”. Verifica-se, portanto, que estudar sob a teoria semiótica um objeto discursivo “é o mesmo que estudar como o mundo adquire sentido”.

Em virtude de os *memes* abordarem, frequentemente, temáticas cotidianas, espera-se a evidenciação dos aspectos relacionados aos professores, para assim identificar os fatores que favorecem a constituição do Ator da Enunciação, ou seja, os valores, modos de ser e fazer, decorrentes de papéis temáticos e figurativos (Barros, 2016).

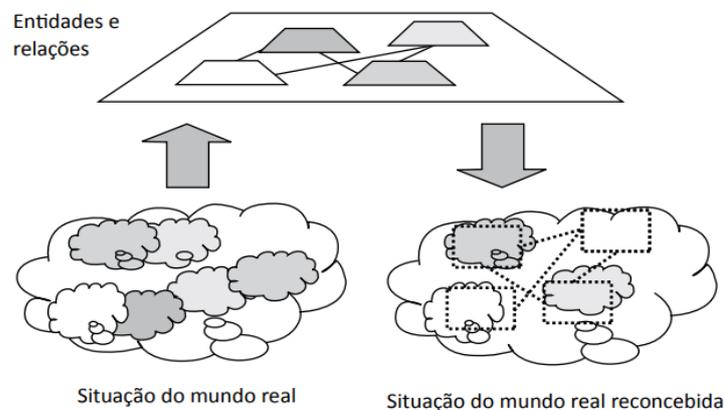
Há um aspecto constitutivo de temas e figuras relacionados ao Ator da Enunciação, pois muito pode ser dito sobre esses dois aspectos na formação semântica, não somente nos *memes*, mas na diversidade dos gêneros discursivos. Em acréscimo, os temas e as figuras revestem o enunciado, dando-lhe aspectos da realidade. Em Barros (2016), encontra-se o fundamento para a corrente reflexão, em razão dos temas e das figuras inserirem o ato da enunciação em referências sociais, históricas e ideológicas. Diante disso, no caminho analítico, foram reunidos esforços para a identificação e reflexão ante temas e figuras que integram o Ator da Enunciação em *memes* sobre professores.

Agora, em referência à estruturação da pesquisa científica, em sua formulação teórica, a pesquisa qualitativa caracteriza-se pela frutífera descrição dos dados e é predominantemente trilhada nos caminhos interpretativos do pesquisador. Respeitando as particularidades da abordagem qualitativa, Stake (2011, p. 41) demonstra que:

Não existe uma única forma de pensamento qualitativo, mas uma enorme coleção de formas: ele é interpretativo, baseado em experiências, situacional e humanístico. Cada pesquisador fará isso de maneira diferente, mas quase todos trabalharão muito na interpretação. Eles tentarão transformar parte da história em termos experienciais. Eles mostrarão a complexidade do histórico e tratarão os indivíduos como únicos, mesmo que de modos parecidos com outros indivíduos.

De modo ilustrativo, os dados podem ser percebidos, sob a ótica do pesquisador, da maneira representada na Figura 13.

Figura 13 – Ilustração do conhecimento geral



Fonte: Mislevy *et al.* (2008 *apud* Stake, 2011, p. 41).

Na ilustração, acentua-se ainda mais a atuação do pesquisador ante a interpretação dos dados, em uma tentativa de sistematizar as ocorrências do mundo real em conhecimento científico. Trata-se, também, de singularizar os casos, as atividades, os eventos e, em nosso caso, os discursos. Todavia, requer-se a compreensão de outros discursos, com a intenção de compreender as particularidades daquele (Stake, 2011).

Adiante, merece ser exposta a reflexão estabelecida pelo autor relativa aos níveis de conhecimento individual e coletivo. A constituição desses saberes permite estabelecer relações de mutualidade constituinte, esclarecida da seguinte maneira: no primeiro nível, o individual: “sabemos como muitas coisas funcionam. Podemos ter contato com o funcionamento na forma de episódios em uma situação. É fácil subir na árvore de meu quintal”. E direcionando-se ao conhecimento coletivo, o segundo nível pode ser apreendido com base nas “generalizações de episódios e situações. Coletivamente, sabemos que as árvores fáceis de subir possuem troncos baixos e fortes e com pouca distância entre os galhos.

É assim que minha árvore funciona. É assim que subir em árvores em geral funciona” (Satke, 2011, p. 27).

A propósito, retomando a ideia da interpretação na análise dos dados, reitera-se que o equilíbrio entre sensibilidade e objetividade nas análises conduziu esta pesquisa. Na análise, pois, de objetos discursivos digitais, “o analista não se prende mais a um texto materialmente delimitado, mas a textos possíveis, marcados por percursos, por adesões a certos programas de navegação e recusa de outros” (Teixeira; Faria; Azevedo, 2017, p. 124).

Essa dinâmica proporcionou, ao estudo, discussões mais próximas da realidade discursiva, em uma perspectiva de oportunizar ambientes de coleta a partir de situações reais de discurso. Houve, desse modo, o empenho em favorecer métodos de pesquisa estruturados, nas perspectivas teórica, crítica e reflexiva, no sentido de organizar as reflexões e considerações pretendidas nesse projeto.

6 DAS ANÁLISES

Neste capítulo, atua-se em proveito da análise do *corpus*, bem como pela produção de discussões concernentes à organização discursiva do Ator da Enunciação.

O primeiro ponto que abre a análise relaciona-se às marcações teóricas integradoras deste estudo. Tem-se como base para as análises a SD e os postulados greimasianos. Nesse particular, pode-se aderir às contribuições dos expoentes teóricos de estudiosos brasileiros, bem como demarcar as relações associativas da Semiótica e a organização discursiva do *meme*.

Naquilo que interessou a esta pesquisa, neste estudo, é evidente que analisar um *corpus* em constante transformação, sob influência da dinamicidade das redes sociais, circunscreveu-se aos limites da atuação do pesquisador. Bem por isso, constituiu-se um banco de dados valendo-se da categorização das temáticas abordadas nos *memes*

Certamente, esse critério analítico facilitou a disposição das discussões em torno das análises (Tabela 1).

Tabela 1 – Temáticas

Assuntos Abordados	Quantidade de Memes
Desgaste e exploração profissional	9
Cotidiano escolar e relação professor/aluno	5

Fonte: Elaboração própria.

A seguir, constam os tópicos que norteiam as análises.

6.1 Memes sobre desgaste, exploração, cansaço e excesso de trabalho

Algumas ocorrências de *memes* versam sobre o professor em situações desgastantes e, em alguns casos, circunstâncias que configuram exploração profissional. No *meme* 1, aborda-se uma transformação ocasionada pelo exercício do trabalho de professor, marcada, sobretudo, pelo desgaste (Fig. 14).

Figura 14 – Meme 1



Fonte: Pinterest.

Antes de iniciar a análise propriamente dita, faz-se importante demarcar o contexto que envolve a construção desse *meme*. Apesar de parecer uma consideração acessória, entender os pormenores da constituição do *meme* pode auxiliar na compreensão do sentido. No primeiro quadro, tem-se o ator Joaquin Phoenix, que interpretou o personagem Theodore Twombly no longa *Ela*, lançado em 2013. No segundo quadro, o mesmo ator interpreta o protagonista do filme *Coringa*, de 2019. O ator precisou de uma adaptação extrema para assumir o papel da segunda obra, chegando, inclusive, a perder 25 quilos.

Dito isso, seguem-se aos preceitos semióticos que embasam a análise. No nível narrativo, percebe-se a relação de conjunção e disjunção com objetos. No quadro um, o programa que se apresenta é o sujeito em conjunção com o objeto ser professor, modalizado por um *querer/ser*. Dessa conjuntura, evidencia-se uma competência marcada pelo *poder/ser* professor.

Se o *meme* fosse constituído somente pelo primeiro quadro, poder-se-ia supor uma sanção e, pela expressão facial do ator que representa o professor, essa sanção seria positiva. Porém, na integralidade do texto, surge outro programa narrativo, ainda dotado das modalizações do primeiro, todavia, com uma relação conjunta com o objeto desgaste pessoal/profissional. Nesse último caso, uma sanção negativa sobrepõe-se.

A *performance* do texto em questão acontece pelo modo como a ação docente efetiva-se, ou seja, ministrando e planejando aulas, além dos demais regimes procedimentais que

envolvem a profissão. Diante da materialidade textual, não se conseguiu recuperar os processos de manipulação, pois, no lapso temporal evidenciado pela parte verbal, *primeiro ano como professor e dez anos como professor*, não se conseguiu acessar de que modo o professor foi de um estado para outro, nesse período; todavia, o processo de transformação é nítido, de um quadro para outro.

No nível discursivo, observa-se, a partir da debreagem um, *ele*, configurando a debreagem actancial enunciativa. Quanto ao tempo, há uma relação enunciativa nos dois quadros do *meme*, e demonstra-se um tempo contínuo; apesar de não haver gerúndio, uma ação contínua e durativa é construída. Por outro ângulo, é como se estivesse estabelecida uma marcação temporal de modo durativo, mais visível se for acrescentado o verbo *ser* no gerúndio, na parte verbal do *meme* - *primeiro ano sendo professor; dez anos sendo professor*. Surge, dessa ordenação, um *agora*.

A debreagem espacial não está marcada; embora haja um cenário, em ambos os quadros, o foco dos dois está no personagem. No entanto, de forma implícita, o espaço refere-se ao ambiente de trabalho do professor. Seria, pois, um *aqui*.

Nos aspectos semânticos do nível discursivo, destacam-se as figuras que recobrem os temas envolvidos no *meme*. Os personagens Theodore e Coringa representam, metaforicamente, a figura do professor. No primeiro momento, as figuras de Theodore; Coringa; do cigarro; palhaço lunático; tempo de carreira e espaço escolar, instituem o tema do desgaste profissional, decorrente da atuação docente. Logo, a partir do *meme*, a profissão altera, drasticamente, o sujeito, corporal e psicologicamente.

Essas implicações podem ser estabelecidas pela relação intertextual do *meme* com as produções fílmicas. O primeiro personagem mostra-se como um sujeito comum, feliz e satisfeito. No segundo quadro, aparece um sujeito com vícios, sequelas e distúrbios, com base na produção fílmica, Coringa é um ser retraído e antissocial. Ressaltamos que não é necessário ter assistido aos dois filmes para constituir tais assimilações, porém, essas informações impulsionam a constituição do sentido. Visivelmente, pela cobertura imagética, percebe-se uma alteração extrema entre o professor no primeiro ano e o professor dez anos depois de sua atuação como docente.

A cobertura isotópica é metafórica, visto que os personagens de um filme representam o professor em um estágio inicial e em um estágio intermediário de sua carreira. Ademais, o segundo quadro demonstra as sequelas advindas do exercício da profissão - o cigarro; a situação psíquica do Coringa; recobrem hiperbolicamente o desgaste proveniente da atuação

como docente. Logo, os temas que emergem dessa conjuntura são o desgaste profissional; as consequências negativas de atuar como docente.

Diante do princípio de que o Ator da Enunciação resulta de crenças; valores; modos de ser e fazer; concebidos a partir das organizações temáticas e figurativas, o Ator da Enunciação, nesse *meme*, dispõe de um tom crítico. Esse Ator enfatiza parte da comunidade docente e seus dilemas. A organização metafórica do texto instaura uma questão que encontra amparo cotidiano dos professores, o desgaste profissional.

Para contribuir com a visualização das figuras e dos temas disponíveis em cada *meme*, ao fim de cada análise, constará um quadro contendo essas informações, conforme o Quadro 9.

Quadro 9 – Temas e figuras do *meme* 1

Figuras	Tema
Theodore; Coringa; cigarro; palhaço lunático; tempo de carreira; e espaço escolar	Desgaste profissional decorrente da atuação docente

Fonte: Elaboração própria.

No próximo *meme*, anteriormente utilizado para demonstrar o funcionamento do nível fundamental do Percurso Gerativo de Sentido, tem-se uma construção temática similar à vista no primeiro *meme* da análise (Fig. 15). A similaridade encontra-se, inclusive, na estruturação do *meme*. Há dois quadros, em que ocorre uma transformação. Ademais, os personagens que representam o professor também são diferentes. No primeiro quadro, consta a atriz Patrícia Pillar e, no outro, a atriz Angelines Fernández.

Figura 15 – *Meme* 2



Fonte: Pinterest.

Na Figura 15, faz-se menção ao estágio inicial da carreira de um professor e, depois, à passagem do intervalo de cinco anos. Iniciando a análise, percebe-se mais semelhanças com o primeiro *meme* analisado, sobretudo, nos aspectos do nível narrativo. Assim como no primeiro exemplo, no nível narrativo, a relação conjuntiva de um sujeito é modalizado por um *querer/ser* professor. Além disso, evidencia-se uma competência necessária ao exercício da profissão, assim, tem-se um *poder/ser* professor.

Seguindo os aspectos observáveis no nível narrativo, a sanção estabelecida na integralidade textual é de caráter negativo, visto que o envelhecimento precoce marcado no texto advém do exercício da profissão. Tal informação é evidenciada em decorrência da marcação visual disposta no *meme*. Pelo exagero, o texto constrói um envelhecimento descomedido, em apenas cinco anos. Infere-se, portanto, que a sanção se estabelece em torno do envelhecimento, representando o desgaste de professores.

O modo de operação do trabalho docente instaura a *performance* do texto. Assim, os aspectos constitutivos da profissão docente evidenciam a *performance* nesse Programa Narrativo. Barros (2005, p. 84) alude que a *performance* “é o programa narrativo que representa a ação do sujeito que se apropria, por sua própria conta, dos objetos-valor que deseja”.

À semelhança do primeiro texto analisado, aqui, não foi possível recuperar os modos pelos quais o professor passou de um estado para o outro e se existiram processos de manipulação para essa conjuntura.

Na disposição discursiva, os sujeitos do nível narrativo assumem concretude. As atrizes Patrícia Pillar e Angelines Fernández atuam como figuras recuperáveis, no mundo natural. Um ponto interessante na construção textual está no fato de o produtor do *meme* ter selecionado duas imagens que levam a crer se tratar da mesma pessoa.

Um leitor que desconheça os papéis desempenhados pelas atrizes, muito provavelmente, concluirá que é a mesma pessoa, representada em épocas diferentes. A coloração da roupa; o ângulo da imagem; e a referência textual, conduzem esse leitor a tal conclusão.

Em consideração aos preceitos teóricos, a sintaxe do nível discursivo marca as dimensões actorial, espacial e temporal. A marcação de pessoa, no *meme 2*, apresenta uma debreagem actorial enunciativa. O *Ele*, apesar de não marcado pelo pronome, está presente. É muito comum, na estrutura desse tipo de texto, constarem expressões que envolvem o *ele*

revestido pelo termo professor, por exemplo, “salário de professor”; “vida de professor”; “trabalho de professor”; dentre outras formas. Dessa relação, depreende-se que esse termo se move como um *ele* enuncivo.

Relativo à debreagem, no aspecto temporal, há um tempo marcado de 5 anos, entre o primeiro e o segundo quadro. Ainda que não haja uma disposição evidente de quando são desenvolvidas as transformações, de um quadro para o outro, recupera-se um tempo, contido no texto, em que o desenvolvimento contínuo das atividades como docente demarcam um tempo enunciativo.

Quanto à dimensão espacial do segundo texto, há um desfoque do fundo das duas imagens, evidenciando, assim, o personagem que representa o professor. Esse desfoque surge para indicar o espaço de atuação dos professores no exercício da profissão, e não o espaço marcado no fundo dos dois quadros. Por isso, alcançamos a debreagem espacial pela disposição implícita de que é na escola e sala de aula que se estabelece o arranjo espacial.

No que se refere à semântica do nível discursivo, duas perspectivas compreendem essa área do Percorso Gerativo de Sentido. Como expostos no decorrer da estruturação teórica deste texto, os temas e as figuras estabelecem estreita relação com a formação do sentido do texto e das intencionalidades estabelecidas pelo enunciador.

A figurativização desse texto está no panorama sensorial que é evidenciado, sobretudo, pela organização visual. A figura de uma mulher jovem; a figura de uma mulher com mais idade; as vestimentas similares; o chapéu; a cor do vestido; a figura do professor evocada pela parte verbal; e as coberturas imagética e verbal implantam, no texto, uma proximidade com o mundo concreto.

Todas essas figuras circundam alguns temas. Como exemplo, constam os temas: desgaste profissional; trabalho docente; e envelhecimento antecipado. A esse processo dá-se o nome de tematização, a qual orienta quais referências semânticas envolvem o texto (Quadro 12).

Em torno das orientações do sentido do texto, as isotopias demarcam quais as leituras possíveis. Isso posto, a leitura encontrada, na materialidade textual analisada, é que as figuras da mulher jovem apresenta, metaforicamente, o professor no início de sua carreira, e da mulher com idade um pouco mais elevada, representa o desgaste exagerado de um professor no exercício da profissão.

A isotopia coloca, portanto, a metaforização como um procedimento discursivo de constituição do sentido. assim, o plano textual funciona como um corredor isotópico

que possibilita a criação de sentidos metafóricos originais, refletores das práticas socioculturais de uma comunidade (Leite, 2009, p.131).

Esse texto pode ser observado, de forma mais geral, sob a isotopia figurativa da passagem da vida e, de modo mais restrito, sob o campo isotópico do trabalho docente. No domínio da isotopia temática, são construídos os efeitos de sentido relativos ao desgaste excessivo no trabalho como professor.

Há marcas isotópicas importantes, para a composição do Ator da Enunciação. A abordagem com indícios de humor revela, por meio de uma hipérbole, o quão desgastante é atuar como professor. Logo, esse Ator é crítico com os traços de humor em face da condição exaustiva que degradam os sujeitos que atuam como professor.

Quadro 10 – Temas e figuras do *meme 2*

Figuras	Temas
Mulher jovem; mulher com maior idade; professor; vestimentas similares; chapéu	Desgaste profissional; trabalho docente; e envelhecimento antecipado

Fonte: Elaboração própria.

No texto a seguir, é estabelecido um processo similar aos outros dois textos anteriores, porém, de forma inversa. No *meme 3*, apresentado na Figura 16, também existem dois quadros, no entanto, não constam mais referências temporárias relacionadas ao início de carreira do professor. O foco, agora, é no espaço ocupado pelo professor; e, em um deles, há mais desgaste do que no outro.

Figura 16 – *Meme 3*



Fonte: Pinterest.

Na estruturação narrativa, o texto apresenta uma relação entre sujeito e objetos modalizados. Nessa distribuição, no *meme 3*, é estabelecido como objeto o desejo de *querer* sair da sala de aula ou, ainda, *querer* pertencer à estrutura da secretaria de educação. O revestimento modal encaminha o sujeito ao objeto de valor qualidade de vida e trabalho.

No primeiro quadro, visualiza-se a disjunção com esse objeto. Não se consegue acessar os meios pelos quais ocorreu a transformação do primeiro para o segundo quadro, mas depreende-se que, para tal transformação, são necessários alguns parâmetros.

Um parâmetro destacável é a competência necessária para o desenvolvimento das atividades de professor. Surge, desse ponto, um *poder/ser* e um *saber* inerentes ao campo ocupado por esse sujeito. Além disso, observa-se o trabalho em sala de aula como um destinador, nesse Programa Narrativo, o qual atua pela tentação, instaurando um *querer* pertencer a um espaço com melhores condições de trabalho.

Presumidamente, a *performance* do texto analisado pode acontecer por inúmeros caminhos, quais sejam: aperfeiçoamento profissional; articulação com outros sujeitos que se encontram em conjunção com o objeto almejado; dentre outras formas. Não se consegue, porém, precisar por quais meios o sujeito entrou em conjunção com o objeto.

A sanção estabelecida no programa em tela é positiva, tendo em vista que o sujeito alcançou o objeto de valor qualidade de vida envolvido por melhores condições de trabalho.

De acordo com os atributos discursivos disponíveis para análise, consta uma debreagem enunciativa. O *ele*, no texto, é alcançado pelo termo professor, nos dois quadros. A debreagem espacial, dessa vez, está verbalmente marcada no texto: “sala de aula” e “secretaria de educação”; apresenta-se, pois, um *aqui*.

Diferentemente dos últimos dois textos analisados, que construíam um espaço de tempo marcado de um quadro para outro, no *meme 3*, não ocorre essa marcação explícita. Contudo, existem dois estágios e, pela disposição dos quadros, o primeiro momento relaciona-se ao quadro do professor em sala de aula, ou seja, um tempo anterior ao início das atividades na secretaria de educação.

Diante dessa organização, a lógica de análise adotada nos exemplos anteriores, também pode ser adotada no presente texto. Uma vez que se configura uma ação contínua, basta imaginar o texto investido do modo verbal gerúndio: “professor atuando na sala de aula” e “professor atuando na secretaria de educação”. Esse procedimento facilita o processo de visualização do espaço enunciativo.

As imagens que estruturam o texto são: cachorro sujo; cachorro limpo; rua; janela de carro; cachecol; professor; sala de aula; e secretaria de educação. Essas imagens, sozinhas e deslocadas do texto, dariam pouca sustentação para o sentido. Todavia, dispostas na materialidade discursiva analisada, implementam um sentido direcionado.

É possível notar que as figuras elencadas são envolvidas por temas relacionados à vida de professores. Dentre eles, estão o tema da exploração profissional; o cansaço no trabalho; e, ainda, as precárias condições de trabalho enquanto professor regente. Faz-se o destaque à regência em sala de aula, pois o texto marca essa diferença, visto que, nos dois quadros, há referência a professores, ou melhor, ao mesmo professor, em condições de trabalho diferentes.

Assim, pôde-se concluir que o desgaste advém da atuação em sala de aula. O cachorro sujo demonstra a exaustão do professor; e o cachorro limpo com cachecol demonstra que o professor melhora exponencialmente ao ser afastado de seu ambiente primário de trabalho, a sala de aula.

Outro fator existente no processo de construção de sentido relaciona-se à importância das isotopias na orientação das leituras possíveis em um texto. Convém salientar que a figura do cachorro sujo representa, metaforicamente, parte dos professores que desenvolvem suas funções sob exploração, ou excesso de trabalho.

A figura do cachorro limpo apresenta outra conjuntura na profissão docente, portanto, conclui-se, a partir do segundo quadro, que as condições de trabalho são melhores. Sem a compreensão da cobertura metafórica desenvolvida no texto, essa percepção seria prejudicada.

Tendo em vista os aspectos observados, pode-se fazer inferências em torno da constituição do Ator da Enunciação que envolve esse texto. O enunciador apresenta um posicionamento crítico relativo ao trabalho do professor em sala de aula. Os cachorros empregados nos dois quadros conferem um sentido humorístico e, ao mesmo tempo, crítico, ao enunciado (Quadro 11). Dessa forma, o Ator da Enunciação emana criticidade diante do tema abordado.

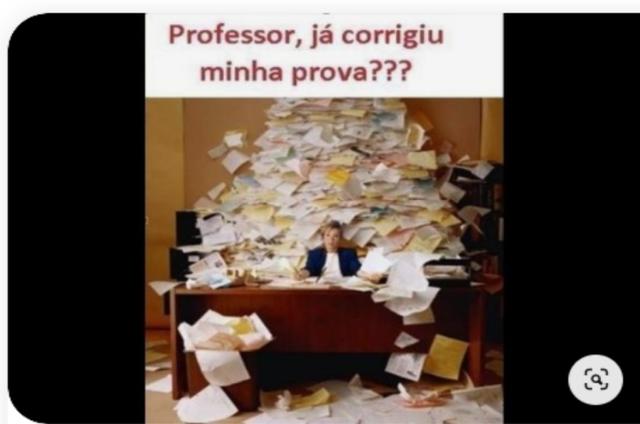
Quadro 11 – Temas e figuras do *meme 3*

Figuras	Temas
Cachorro sujo; cachorro limpo; rua; janela de carro; cachecol; professor; sala de aula; e secretaria de educação	Desgaste e exploração profissional; cansaço no trabalho; e precárias condições de trabalho enquanto professor, em sala de aula

Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao cansaço e excesso de trabalho. No *meme 4*, contido na Figura 17, nota-se outro dilema que envolve o cotidiano dos professores. Além de ministrar aulas, os professores mantêm outras atribuições, que subsidiam a estruturação do aprendizado. Uma delas é a elaboração e correção de provas, trabalhos e atividades relacionadas aos conteúdos previstos para determinada etapa de ensino.

Figura 17 – Meme 4



Fonte: Pinterest.

No *meme* apresentado, está em evidência uma das etapas constituintes do trabalho docente, que é a avaliação. No diálogo estabelecido, nota-se a participação de um sujeito característico da sala de aula, o aluno, que instaura o diálogo: “Professor, já corrigiu minha prova???” , o qual aparecerá em outros *memes* do *corpus* em análise.

Verifica-se, no nível narrativo, dois destacáveis Programas Narrativos. O primeiro é o sujeito aluno, em busca da conjunção com o objeto resultado da avaliação e, o segundo, é o sujeito professor, em relação com o objeto correção das provas.

Nas duas situações, há uma relação disjuntiva, pois nem o aluno nem o professor estão em conjunção com seus respectivos objetos de valor. Realçando o Programa Narrativo do sujeito professor, identificam-se alguns objetos modalizados, como um *poder* corrigir as provas e um *dever* corrigir as provas.

Essas modalizações apresentam-se na narrativa por meio da compreensão das funções que devem ser desempenhadas por professores. A partir da cobertura imagética, nota-se que o sujeito professor está em busca de estabelecer conjunção com os objetos modais para, por fim, entrar em conjunção com o objeto provas corrigidas.

Olhando agora para os fatores inerentes ao Programa Narrativo, a sanção, no *meme 4*, encontra-se em aberto, e se o texto estabelecesse mais desdobramentos poderia conter dois cenários: Um em que o sujeito professor não consegue corrigir a prova e os prazos encerram-se; nesse caso, provavelmente, a sanção seria negativa e, em outro cenário, o sujeito professor consegue corrigir todas as provas, o que, talvez, gerasse uma sanção positiva. No entanto, essas considerações são hipotéticas, pois o texto apresenta uma ação incompleta e, por isso, temos acesso apenas à relação disjuntiva entre sujeitos e objetos.

A *performance* é devida aos processos pelos quais os sujeitos desenvolvem suas ações para ir ao encontro dos objetos. No caso do sujeito aluno, os estudos e a realização da prova estabelecem a *performance*. No caso do sujeito professor, a *performance* está na elaboração e correção dos trabalhos avaliativos. O processo de manipulação não pôde ser acessado.

Considerando-se os aspectos discursivos, inicia-se a análise em torno das debruagens definidas no texto. Primeiramente, deve-se estabelecer dois caminhos de análise, tendo em vista os dois Programas Narrativos apresentados no *meme 4*. O primeiro programa indica a enunciação pelo sujeito aluno: “Professor, já corrigiu minha prova???”.

No excerto citado, mantém-se uma debruagem actorial enunciativa, um *eu* (aluno) dirige-se a um *ele* (professor). O espaço do extrato analisado configura-se como presumido, pois, diálogos entre alunos e professores, normalmente, são desenvolvidos em sala de aula ou na escola; há, desse modo, um *aqui*. O tempo também é enunciativo, haja vista que, ao dirigir a fala ao enunciatário, marca-se um *agora*.

O segundo Programa Narrativo apresenta-se pela imagem da representação do professor com uma pilha de provas para corrigir. Apesar de não serem expostas marcações verbais, há um texto que se desenvolve nessa conjuntura. Em um primeiro plano, trabalha-se com a perspectiva de que o professor está em sala de aula, ou na escola, com a pilha de trabalhos para corrigir. Nesse contexto, percebe-se um *eu* enunciativo que responde ao seu aluno pela configuração da sala com várias provas; no espaço tem-se o mesmo *aqui* do primeiro Programa Narrativo, assim, o tempo do *agora*.

Pode-se, ainda, em outra possibilidade de interpretação que o texto apresenta, deduzir que a parte imagética do *meme 4* trata de um pensamento do sujeito professor. Desse modo, o aluno pergunta e o professor lembra-se da quantidade de avaliações que precisa ser corrigida. Nesse caso, poderia subir um espaço *lá* enuncivo, que poderia ser a casa do professor, além de um tempo, também enuncivo, *então*.

Parte-se da primeira possibilidade, por acreditar que a primeira análise se aproxima com maior ênfase da construção de sentido pretendida pelo enunciador.

A construção semântica do nível discursivo forma-se por meio das figuras do professor; aluno; da mesa; e pilha de papéis. Tais figuras dão, ao sentido, uma estruturação no mundo concreto e possibilitam uma leitura acessível. Na composição dos temas, são evidenciadas as questões de excesso de trabalho; acúmulo de trabalho; e pressão por resultados (Quadro 13).

Nota-se, no *meme* 4, o uso da hipérbole, a pilha gigantesca de papel não retrata a realidade do provas a serem corrigidas. Esse recurso agrega, ao discurso, um tom crítico relacionado ao exercício de demandas que os professores precisam cumprir.

De modo similar ao visto nos *memes* anteriores, os quais representavam metaforicamente professores por meio de animais, ilustrações, ou personagens de filmes, aqui tem-se a figura de uma mulher, cuja profissão é desconhecida, representando a vida de professores e as demandas provenientes de seus ambientes de trabalho.

O Ator da Enunciação do *meme* 4 configura-se como carregado de demandas que não podem ser cumpridas, em virtude do excesso de trabalho. É, portanto, um ator explorado com um tom crítico às condições de trabalho.

Quadro 13 – Temas e figuras do *meme* 4

Figuras	Temas
Professor; aluno; mesa; pilha de papéis	Excesso de trabalho; acúmulo de trabalho; e pressão por resultados

Fonte: Elaboração própria.

Em prosseguimento ao processo de análise, constata-se uma temática que estabelece uma área de contato com os demais textos analisados. Até o momento, os *memes*, de modo geral, abordaram os desgastes pessoal e profissional dos profissionais da educação. Logo, se existe certa recorrência na abordagem desse tópico, houve também outro anseio dos professores marcado pelos *memes*, o descanso (Fig. 19).

Figura 18 – Meme 5



Fonte: Pinterest.

A ilustração do *meme 5* demonstra a necessidade de descanso da professora retratada. Essa situação encontra amparo na realidade, pois, diante dos variados officios dos professores, esse *meme* simboliza que todo esse trabalho carece de um descanso sem interrupções.

Conforme aplicado nos *memes* anteriores, a análise será iniciada sob o prisma do nível narrativo, para entender quais relações são estabelecidas entre sujeitos e objetos.

No *meme 5*, é possível observar três Programas Narrativos. O principal relaciona-se à personagem que representa uma professora em busca do objeto descanso. Nesse percurso, há uma modalização marcada por um *querer* dormir/descansar. Recupera-se essa modalização disponível no cartaz deixado, pela professora, na parede do quarto. No momento, o sujeito encontra-se em conjunção com esse objeto e busca manter essa relação.

Os outros dois programas aparecem de forma adjacente. Um deles apresenta o sujeito, marido da professora, em busca do objeto descanso da companheira. Dessa conjuntura, surge um objeto modalizado pelo *dever* manter a professora dormindo.

Conforme se nota, o sujeito marido, que também é pai, nessa narrativa, atua no programa narrativo do filho, por meio da manipulação, orientando-o a não fazer movimentos bruscos para que sua companheira não acorde. Elenca-se, como objeto do sujeito filho da professora, o *poder* estar com a mãe.

As *performances* apresentadas no texto são, respectivamente, dormir; manter a esposa/professora dormindo; e permanecer quieto sem fazer barulho. As sanções presumidas convergem para um campo positivo, já que, até o ponto em que o texto se apresenta, a professora terá seu descanso concretizado; o marido terá seu objetivo alcançado; e o filho, provavelmente, será gratificado pela ação de permanecer quieto. Tais sanções, são, porém, presumíveis, mas não foram efetivadas.

Com base nos preceitos do nível discursivo, foram obtidos os tipos de debreagens relativos aos Programas Narrativos. Nos fragmentos textuais dos cartazes fixados na parede e cama do quarto, consta uma debreagem enunciativa; a professora, apesar de estar dormindo, manifesta-se pelos cartazes; existe um *eu* instituindo a comunicação com os enunciatários.

Conforme a debreagem espacial, concebe-se um espaço também enunciativo, um *aqui*. Disponível na construção imagética do texto, pelo quarto da professora. O tempo, por sua vez, é marcado por dois processos: no primeiro, tem-se uma construção verbal no imperativo “não incomode”, o qual, pela completção dada pelo texto, estabelece um *agora*. Na segunda construção, tem-se também um *agora*, sinalizado pela ação contínua “professora dormindo”, que, ao associarmos à imagem, acessamos a informação de que a professora está dormindo, naquele momento. Conclui-se, dessa forma, que todos os processos de debreagem, dessa primeira parcela analisada, são enunciativos.

Nos outros dois Programas Narrativos, os do marido e filho da professora, são concebidos os mesmos processos de debreagem, um *eu*, um *aqui* e um *agora*. No entanto, por recursos discursivos diferentes, o marido instaura um *eu*, ao dirigir-se ao filho, e o espaço e o tempo são os mesmos compartilhados pela professora.

No arranjo semântico do nível discursivo, destacam-se as figuras mulher; homem; criança; professora; marido; filho; cama; arame farpado; e quarto, as quais fornecem concretude ao texto e aos seus temas (Quadro 14). Desse modo, os temas que recobrem essas figuras são o cansaço extremo ocasionado pelo trabalho como professora e a grande necessidade de descansar. Esse entendimento sobre a intensidade para a concretização do descanso pode ser alcançado pelo uso do arame farpado ao redor da cama.

Mais uma vez, a temática alinha-se, de certa forma, ao núcleo excesso de trabalho. A construção de cunho crítico também gera humor pelas marcas da amplificação da carência pelo sono, o que gera quase uma obrigação de não interromper tal ação. Verifica-se, desse modo, que o Ator da Enunciação constituído nesse texto possui tom crítico diante da situação de cansaço vivenciada por professores.

Quadro 14 – Temas e figuras do *meme 5*

Figuras	Temas
Mulher; homem; criança; professora; marido; filho; cama; arame farpado; e quarto	Excesso de trabalho; cansaço extremo ocasionado pelo trabalho como professor; e a grande necessidade de descansar

Fonte: Elaboração própria.

Na mesma linha de apreciação do texto anterior, o *meme* 6 apresenta o anseio de professores em obter descanso (Fig. 20). Como a análise está sendo feita em torno da categoria de professores, não se consegue precisar se, em outras profissões, a demanda por descanso também é frequente.

Figura 19 – Meme 6



Fonte: Pinterest.

No campo das estruturas narrativas, pode-se estabelecer praticamente o mesmo percurso do *meme* anterior (Fig. 19) em relação ao sujeito e objeto. Percebe-se que há um sujeito professora em busca da conjunção com o objeto descanso. Pela expressão facial apresentada na ilustração, a professora revela um *querer* descansar.

A modalização disponível revela, ainda, um *poder* oportunizado pelo feriado de carnaval. O feriado, portanto, atua como um destinador que atribui a competência do ato de *poder* descansar. A *performance*, nesse caso, fica pelo modo como a professora acessa o descanso, que é deitar-se, cobrir-se e dormir. A sanção encaminha-se para um retorno positivo atrelado a revigorar as energias para o retorno após o feriado.

Em síntese, o Programa Narrativo demonstra o modo pelo qual é possível acessar os objetos constituídos no texto. No próximo nível, sujeitos e objetos ganham concretude, por meio das figuras, temas e das marcações actancial, espacial e temporal.

Destaca-se, primeiramente, nos aspectos do nível discursivo, a debreagem actancial enunciativa. Existe, nesse texto, um *eu* que se dirige aos enunciatários. O tempo debreado faz-se pelo *agora* obtido pela ação contínua marcada pelo uso do gerúndio em “pulando”.

O tempo, porém, diferente do que vem acontecendo nos textos precedidos, no *meme 6* aparece de forma embreada, processo pelo qual se suspendem os efeitos primeiros de pessoa, espaço e tempo; no caso do *meme 7*, apenas o tempo encontra-se embreado. Por esses processos de suspensão, “neutralizam-se as diferenças constitutivas dessas categorias, o que leva à utilização de uma pessoa com valor de outra, de um marcador de espaço com sentido de outro ou de um tempo com significado de outro” (Fiorin, 2017, p. 981).

Diante disso, observa-se que o espaço marcado pelo enunciador é constituído de um valor diferente do corriqueiro. Pular carnaval associa-se, geralmente, a estar na rua festejando com um aglomerado de pessoas, o que acontece, de fato, é a apresentação de um *lá* atuando como um *aqui*.

Na concepção das figuras do *meme 6*, temos professora; carnaval; cobertor; e travesseiro, as quais orientam os temas da necessidade de descansar; da falta de tempo para descansar; e, de modo transversal, do excesso de trabalho (Quadro 15). Além disso, o repouso tem forte associação com repor as energias e, no caso dos professores, relaciona-se com deslocar-se um pouco da rotina intensa de trabalho.

Nota-se que é necessário um feriado com vários dias, o carnaval, para que a professora tenha um descanso pleno. Em vista disso, o tema trabalho, ou melhor, a demasia dele, surge novamente. Apesar de o tema marcado do texto ser o modo como a professora aproveita o carnaval para descansar, infere-se que esse descanso faz-se necessário em virtude do cansaço ocasionado pelo exercício da profissão.

No campo das isotopias, o ato de pular carnaval relaciona-se, metaforicamente, na materialidade discursiva, com o ator de dormir, descansar e recompor as energias. O Ator da Enunciação surge, desse arranjo, com um humor marcado pela suavidade e a sutileza da crítica ao excesso de trabalho. A ilustração pode apresentar o anseio de professores que carecem, além das férias anuais, de feriados prolongados para repousar.

Quadro 15 – Temas e figuras do *meme 6*

Figuras	Temas
Professora; carnaval; cobertor; e travesseiro	Necessidade de descansar; falta de tempo para descansar; e, de modo transversal, excesso de trabalho

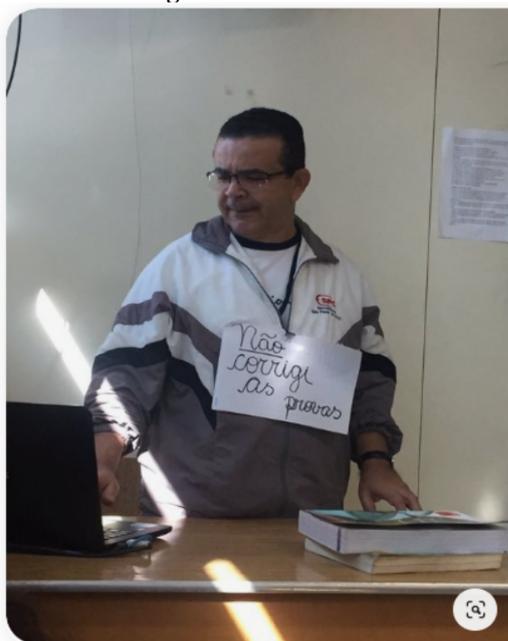
Fonte: Elaboração própria.

No texto seguinte, consta a abordagem de uma questão similar à abordada no *meme 5*. O tema avaliação torna-se recorrente, pelo fato de acontecer frequentemente no ambiente

escolar. Além disso, o outro participante desse processo, o aluno, fica sob a expectativa de ter acesso aos resultados.

No *meme 7*, apresentado na Figura 21, observa-se que o professor se vale de um instrumento incomum, mas que atende ao objetivo pretendido por ele de responder a um questionamento certamente constante de seus alunos.

Figura 20 – Meme 7



Fonte: Pinterest.

Outro ponto destacável, nesse *meme 7*, é o fato de a placa exposta pelo professor: “Não corrige as provas”, instaura um discurso anterior, que está disponível no texto, entregando que pode ser presumido.

No texto apresentado, a relação sujeito e objeto encontra-se na posição de disjunção. O sujeito professor necessita entrar em conjunção com o objeto “provas corrigidas”, no entanto, há uma barreira nesse Programa Narrativo que impossibilita a correção. Os motivos pelos quais o professor ainda não conseguiu acessar seu objeto de valor podem ser variados: por exemplo, a grande carga de trabalho; um número considerável de provas; a falta de tempo para concluir o trabalho; dentre outras diversas possibilidades.

Os alunos que atuam, de forma participativa, nesse processo, implementam, enquanto destinatários, um *dever* corrigir; todavia, o sujeito não se encontra em condições de corrigir. Há, pois, a ausência de competência; uma impossibilidade de *poder* corrigir as provas. A

sanção liga-se diretamente à finalização da ação. No caso da correção das avaliações concluídas, provavelmente, haverá sanções positiva, e negativa, caso o contrário aconteça.

No plano discursivo, cria-se uma conjuntura interessante, diante da instauração da pessoa, do espaço e tempo, no discurso. Tem-se claramente manifesto um *eu*, marcando a debreagem enunciativa. A placa pendurada no professor apresenta o *eu* que se dirige a seus enunciatários. “**Eu** não corriji as provas”.

Na esfera espacial, estabelece-se um *aqui* disponível pela sala de aula na qual o professor situa-se; além disso, o espaço marca também o grau de proximidade do enunciador e enunciado. Quando se criam disposições enunciativas, temos a aproximação de quem enuncia com o que está sendo enunciado.

Os aspectos temporais trilham um caminho diferente dos estabelecidos nas debreagens anteriores. Não se apresenta um *agora*, que é enunciativo, mas, sim, um *então*, enuncivo em sua constituição. Acessamos essa referência pelo fato de a conjugação verbal marcar o passado da ação. Logo, não é possível articular esse fragmento à debreagem temporal enunciativa.

Dentre as figuras inseridas no *meme 7*, constam o professor; a mesa; os livros; a placa; o computador; e a sala de aula. Essas figuras recortam uma situação, aparentemente, factual (Quadro 16). Tudo indica que seja, de fato, um professor e sua sala de aula respondendo, por meio da placa, aos seus alunos.

Nos demais *memes* vistos até o momento, constam, com mais frequência, textos que se valiam de ilustrações ou de terceiros para representar os professores. Entretanto, no caso em questão, o *meme 7* parece partir da realidade para construir o sentido.

As figuras acessadas no texto remontam aos temas da sobrecarga de trabalho; das várias atribuições que os professores possuem ; e da assimetria entre trabalhar e cumprir as exigências do trabalho. O professor do *meme 7* apresenta-se como saturado dos afazeres inerentes à profissão.

A placa “não corriji as provas” entoia o desgaste do professor por uma abordagem incomum e com uma camada de humor envolvendo o *meme*. Tem-se, no texto, a representação de um professor sobrecarregado que sabe lidar com as demandas da profissão de forma leve e descontraída. O Ator da Enunciação no *meme 7* caracteriza-se, sobretudo, pelo tom humorístico, em face das questões que permeiam o fazer docente.

Quadro 16 – Temas e figuras do *meme* 7

Figuras	Temas
Professor; mesa; livros; placa; computador; e sala de aula	Várias atribuições que os professores possuem; e assimetria entre trabalhar e cumprir as exigências do trabalho

Fonte: Elaboração própria.

No *meme* 9, apresentado na Figura 22, temos outro encargo inerente às pessoas que escolheram a profissão de professor para a vida, que é o planejamento. O *meme* apresenta uma cobrança e autocobrança, comuns nas escolas, acerca da elaboração de planos de aula.

Figura 21 – *Meme* 8

Fonte: Pinterest.

De forma cômica, é invocada a figura de um ser divino para intensificar o grau de cobrança para a realização dessa atividade. Geralmente, a função de acompanhar o planejamento dos professores fica a cargo do coordenador pedagógico. Inclusive, esperava-se a figura desse profissional nos *memes* coletados, porém, não ocorreu.

Sob amparo da análise do nível narrativo, constata-se uma relação de disjunção entre sujeito e objeto. O sujeito professor encontra-se em disjunção com o objeto plano de aula. Pelo modo como está disposto o *meme*, a ilustração mostra um sujeito em busca de conjunção com o objeto em questão.

Podemos inferir que Deus, marcado no texto, atua como destinador para instituir a manipulação pela intimidação e, conseqüentemente, surge um *dever/fazer* o plano de aula.

A *performance* instaura-se pela ação de elaborar o plano de aula. A sanção encontra-se truncada, em face de o texto não dar indícios se haverá reversão do estado inicial de

disjunção para a conjunção com o objeto. Há, porém, previsibilidade dos tipos de sanções que podem decorrer desse Programa Narrativo. A devolução positiva, provavelmente, ocorrerá caso a conjunção com o objeto plano de aula se efetive. De outro modo, se a disjunção permanecer, certamente, a sanção será negativa.

Na parte de análise orientada pelo nível discursivo, dispõe-se de uma debreagem actancial enunciativa. O trecho “Deus está vendo...” apresenta um *ele*, fundamentalmente, enuncivo. Ademais, o uso de um ser onipresente reforça a disposição espacial do discurso, Deus está no mesmo lugar onde se encontra o professor; por isso, demonstra-se a debreagem espacial enunciativa, um *aqui*.

Outro ponto perceptível, por essa estratégia de análise, relaciona-se à dimensão temporal marcada no discurso. No *meme* 9, a partir da ação contínua de ver direcionada pelo gerúndio, consta o tempo detrativo do *agora*. Dessa disposição, pode-se conferir certo grau de aproximação do enunciado com o enunciador.

Outro fator existente atrela-se às figuras que estabelecem ligação do discurso com o mundo natural, pois encontram-se, no *meme* 9, as figuras do professor; caderno; lápis; de Deus; da cadeira; mesa; e do plano de aula (Quadro 17). Esses recursos estruturam o sentido do discurso por meio da percepção e intencionalidade discursiva.

Das figuras apontadas, surgem os temas da autocobrança; do cumprimento de prazos; bem como das diversas tarefas exercidas por professores. Dessa conjuntura, pode-se estabelecer uma relação com o motivo dos prazos não cumpridos. Um dos fatores possíveis liga-se ao excesso de trabalho, impossibilitando a realização das atividades; outra hipótese relaciona-se ao descompromisso em desenvolver atividades dessa natureza.

A disposição isotópica do texto estabelece-se, sobretudo, na composição metafórica; a ilustração representa o professor no exercício da elaboração do plano de aula. A coalizão oportunizada pelos textos verbal e visual estruturam a camada inteligível; entender os processos pelos quais os sentidos se instauram é fundamental para a compreensão do texto.

Coadunamos com a primeira hipótese de que o professor tem seus planos de aula atrasado pelo excesso de demandas no exercício do seu ofício, então, o Ator da Enunciação, revestido pelo humor, demonstra a realidade de parte dos professores, que não consegue cumprir os prazos em virtude da condição em que se encontram, tendo incumbências da profissão.

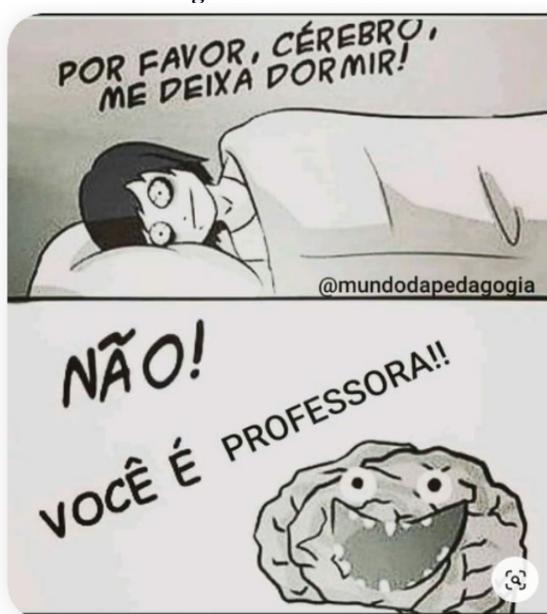
Quadro 17 – Temas e figuras do *meme* 8

Figuras	Temas
Professor; caderno; lápis; Deus; cadeira; mesa; e plano de aula	Autocobrança; cumprimento de prazos; e a variedade de tarefas exercidas por professores

Fonte: Elaboração própria.

No próximo texto, ressurge o tópico do descanso tão almejado pelos professores, de acordo com os *memes* analisados neste estudo. Ainda que esse tema tenha se apresentado nos *memes* 6 e 7, aqui, mostra-se uma abordagem distinta da contida naqueles textos. Vejamos no *meme* da Figura 23.

Figura 22 – Meme 9



Fonte: Pinterest.

O *meme* 10 expressa com mais intensidade o encadeamento descanso e profissão docente. A ilustração apresenta a relação conflituosa enfrentada pela professora para conseguir estabelecer um estado de relaxamento. O diálogo entre o cérebro e a professora demonstra esse conflito interno, e a ênfase na profissão corrobora que o causador desse obstáculo advém da profissão.

A partir da leitura dos diálogos, é possível reconhecer os dois Programas Narrativos disponíveis no texto. O principal deles está relacionado ao sujeito professora em busca da conjunção com o objeto descanso, marcado pela ação de dormir. No outro painel narrativo, tem-se o sujeito cérebro impossibilitando a conjunção do primeiro sujeito.

Pode-se classificar o segundo sujeito como destinador, ao instituir a barreira entre o sujeito professora com seu objeto. Surge, nesse processo, uma modalização para que a conjunção se efetive; há um *querer*, no entanto, o destinador ostenta um *não poder* ao sujeito professora. Daqui também surge a *performance* permeada pelas modalizações do *querer* e *não poder*. A sanção de cunho negativo é apontada pela impossibilidade de entrar em conjunção com o objeto, o qual certamente causaria um alívio.

As propriedades discursivas apresentam um funcionamento interessante, pelo fato de, no nível narrativo, conterem dois Programas Narrativos; assim, conseguem as marcações debreativas nos dois. O Programa Narrativo da professora apresenta uma debreagem actancial enunciativa, marcada pela proposição da enunciação “por favor, cérebro, me deixa dormir!”.

No segundo quadro, possui-se, similarmente, uma debreagem enunciativa. O *eu*, nessa ocorrência, pode ser recuperado, ao incluir o pronome *eu* na enunciação, para facilitar a visualização da marcação enunciativa, pode-se perceber a parte verbal da seguinte forma: “**Eu** não, você é professora!!”.

A distribuição espacial constitui-se pela instauração de um *aqui*, enunciativo, por excelência. O espaço do primeiro programa está marcado pela constituição verbal e a imagética, pois a professora encontra-se em um quarto para dormir. No segundo programa, tem-se também um *aqui*, disposto na cabeça do professor. Essa inferência dá-se tanto pelas disposições actancial, espacial, como temporal da enunciação.

Em referência ao tempo do *meme* 10, considera-se, nos dois programas, a disposição temporal *agora*. Observa-se essa ocorrência pelo tempo verbal referido no excerto “[...] me deixa [...]”, no quadro um, e, no quadro dois: “[...] Não [...]”. Importa destacar que se encontra, no quadro dois, a omissão de uma palavra, pelo fato de já ter sido proferida antes; a esse recurso sintático, dá-se o nome de zeugma. Próximo ao *não*, encontra-se um *deixo*.

A figurativização advém das figuras cobertor; travesseiro; cérebro; e professora, que embasam a construção de sentido. (Quadro 18). Dessas figuras, emergem os temas da insônia, perturbação, e do cansaço marcado pelo exercício da docência.

O cérebro, ao enfatizar o motivo pelo qual a professora não consegue dormir, demonstra que a principal causadora do problema é a professora. O tema dominante, no *meme* 10, associa-se ao cansaço e desgaste motivados pela profissão. A recorrência desse tema desperta-nos para um quadro de professores representado pelo cansaço, e que denunciam, pelo humor, esse cenário.

Ao abrigo da metáfora, a ilustração mostra que o subconsciente não permite que o professor descanse plenamente. A representação do cérebro equivale ao subconsciente, para expor quanto o professor não consegue descansar, até mesmo no momento destinado a isso.

O Ator da Enunciação desse *meme* é regido pelo humor de uma situação, ao que tudo indica, recorrente, no cotidiano dos professores. Percebe-se que a associação à profissão relaciona-se ao cansaço e, ao mesmo tempo, à iminência de descansar para ter a possibilidade de retornar às atividades.

Quadro 18 – Temas e figuras do *meme* 9

Figuras	Temas
Cobertor; travesseiro; cérebro; e professora	Insônia; cansaço; perturbação; e cansaço marcado pelo exercício da docência

Fonte: Elaboração própria.

A totalidade dos *memes* analisados neste tópico apresenta um cenário interessante, acerca dos aspectos que compõem o Ator da Enunciação. Primeiramente, é fundamental reconhecer que os processos de constituição de sentido carregam aspectos importantes quanto à intencionalidade discursiva.

Foram variados os usos dos tipos de *debreagem*, no discurso, sobretudo, na marcação actorial. A pessoa, no discurso, apresentou-se, ora como *eu*, ora como *ele*; apesar da variedade na construção, notamos que os dois recursos de *debreagem*, nos casos analisados, constroem um grau de interação estreito entre enunciador e enunciatário. Quem produz o discurso busca enunciatários que conhecem a realidade docente, sobretudo, nos aspectos relacionados ao excesso de trabalho e cansaço.

Então, ao mesmo tempo, que se instaura um *ele*, no discurso, tem-se um *eu* que aponta para *tu*, professores cheio de trabalho, e cansados, diante de tal condição. É dessa conjuntura que se origina o Ator da Enunciação, afirmando no e pelo discurso, uma representação coletiva de professores explorados e cansados do exercício da profissão.

Diante da totalidade dos discursos analisados, atingiu-se certa convergência entre os discursos. A partir da organização inicial dos dados, notou-se que os discursos se alinham, sobretudo, pelo desgaste e a exploração profissional.

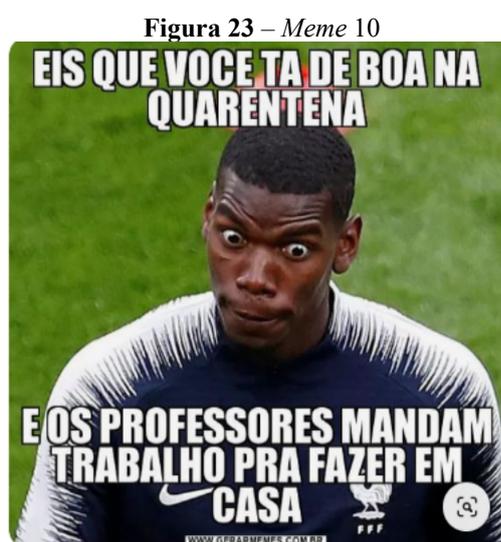
O Ator da Enunciação desses discursos, pela disposição em que estão organizados, estabelece um grau de identificação com os enunciatários, uma vez que quem compartilha, elabora e difunde esse *memes* partilha de vivências comuns às demonstradas nos textos descritos. Um coletivo de professores que, por exemplo, se identifique com as situações

apresentadas nos quatro temas analisados, são, pois, Atores partícipes da constituição do Ator da Enunciação.

No próximo tópico, serão abordados temas mais gerais do cotidiano escolar e como a relação professor/aluno é estabelecida nesse contexto.

6.2 Memes sobre o cotidiano escolar e a relação professor/aluno

No texto a seguir, apresenta-se uma temática manifestada com menos frequência, ou seja, os professores em período de pandemia. O *meme* 11 da Figura 24 permite entender, apesar de parcialmente, como foi retratada a relação entre professor e aluno no contexto da pandemia de Covid-19.



Fonte: Pinterest.

No *meme* 11, é demonstrado um modo muito comum de produzir textos desse gênero. Geralmente, juntam-se legendas às imagens com expressões faciais; nesses casos, as imagens de fundo atuam como intensificadores do sentido, os quais não poderiam ser alcançados somente no campo verbal.

Antes de iniciar as discussões em torno das organizações discursivas, abordam-se os fundamentos inerentes ao nível narrativo. Primeiramente, é preciso segmentar os Programas Narrativos que compõem o *meme* 11.

O texto possui dois programas - um referente ao sujeito aluno e o outro referente ao sujeito professor. Aquele busca entrar em conjunção com a tranquilidade de não realizar as

atividades propostas pelos professores e este pretende oportunizar a conjunção de seus alunos com o objeto trabalho escolar.

No caso desse *meme* 11, o programa principal destina-se ao sujeito aluno, diferente dos outros casos, em que os professores estavam presentes nos programas elementares; no entanto, o professor exerce função importante na conjuntura desse texto.

O aluno, em conjunção com o objeto tranquilidade em não realizar as atividades escolares, atua como um sujeito de estado. Nesse processo, o professor, sujeito do fazer, opera uma transformação no sujeito de estado, fazendo com que o aluno saia de um estágio de conjugação para o estágio de disjunção com o objeto anteriormente citado.

O sujeito do fazer pode atuar, ainda, como um destinador, instaurando o processo de manipulação. No *meme* 11, a manipulação indica ocorrer pela intimidação, modalidade por um *dever/fazer*. Tal conclusão é possível pelo entendimento do contexto que permeia o texto. O aluno deve se apoiar em processos avaliativos para efetivar a aprendizagem.

Na operação de manipulação propriamente dita, distinguem-se dois fazeres possíveis e dois tipos de manipulador. Há o manipulador que instaura o sujeito virtual, levando-o a querer ou a dever-fazer, e o que faz o sujeito atual, pela atribuição do saber e do poder-fazer (Barros, 2002, p. 95).

Além disso, o aluno deve apresentar essa devolutiva ao professor, para que possam ser direcionadas as ações docentes para suprir eventuais lacunas no processo de aprendizagem. A *performance* ajusta-se ao modo de operação tanto do professor quanto do aluno para terem as respectivas conjunções com os objetos.

A sanção não pôde ser recuperada, em virtude da inconclusão da narrativa. Todavia, existem dois caminhos possíveis: se o aluno realizar as atividades propostas pelo professor, certamente a sanção será positiva; se o aluno não realizá-las, há grande chance de a sanção ser negativa, como uma reprovação, notas baixas, ou a necessidade de fazer trabalhos complementares.

Na extensão do nível discursivo, depara-se com a marcação de pessoa relativamente comum na concepção de alguns *memes*. O uso do pronome *você* tem valor de outro. No fragmento “Eis que você tá de boa na quarentena [...]” tem-se o uso de uma pessoa, ao invés de outra; o sentido do *você* carrega um *eu*; o aluno do texto refere-se a ele próprio. Diante dessa conjuntura, tem-se uma embreagem enunciativa.

Tratando-se, ainda, da debreagem actancial, na continuação da parte verbal do *meme*, tem-se a disposição enunciativa, no trecho “[...] E os professores mandam trabalho pra fazer em casa”, realiza-se referência a *eles* (os professores).

Na organização espacial do texto, o enunciador estabelece aproximação com a debreagem espacial enunciativa, ou seja, um *aqui*. Pelo uso do “em casa”, é possível constatar a relação enunciativa. O tempo, por sua vez, também se forma por meio da debreagem enunciativa; os usos dos tempos verbais no presente indicam um *agora* na enunciação.

As figuras jogador de futebol; casa; quarentena; trabalho; e professores, revestem os temas relacionados ao contexto de ensino durante o período de isolamento social ocasionado pela pandemia, durante os anos de 2020 a 2023. (Quadro 19). O tema da crise sanitária em evidência permeia diversos setores da sociedade, inclusive a escola. Marca-se, ainda, a indignação, recuperada pela expressão facial do jogador, que representa metaforicamente os alunos.

Nesse ínterim, o *meme* 11 apresenta que parte dos alunos desconsidera a necessidade de permanecer em casa e não realizar as atividades escolares. Logo, o Ator da Enunciação desse *meme* aproxima-se mais da configuração de discursos que se referem a alunos do que a professores, propriamente. Assim, se o objeto de análise fossem os alunos, o Ator da Enunciação estaria acondicionado em uma situação de indisposição para realizar atividades inerentes aos estudantes.

Apesar disso, o *meme* 11 apresenta um aspecto interessante, em relação a como se configurava o trabalho do professor durante a pandemia de Covid-19. O professor é visto como diligente, na execução de seu ofício; e embora os alunos percebam esse processo de forma negativa, o professor está desenvolvendo seu trabalho, mesmo em um contexto atípico. O Ator dessa conjuntura demonstra ser um professor comprometido com a função profissional.

O assunto escola e pandemia apareceu uma única vez, no processo de coleta dos dados; talvez, a escassez de dados com esse teor refira-se ao fato de, à época da coleta, os casos de contaminação com o vírus tenham diminuído exponencialmente, em virtude da abrangência das vacinas, e pelo fato de as medidas restritivas não estarem mais em vigor.

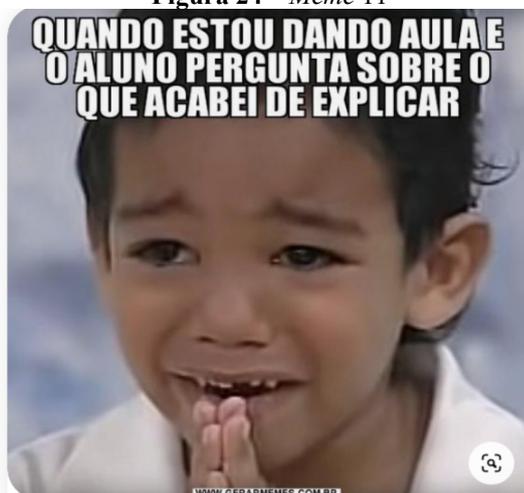
Quadro 19 – Temas e figuras do *meme* 10

Figuras	Temas
Jogador de futebol; casa; quarentena; trabalho; e professores	Isolamento social; Covid-19; crise sanitária; ensino remoto

Fonte: Elaboração própria.

Avançando nas análises, no *meme* 12, da Figura 25, é apresentada a relação entre professor e aluno sob a ótica do professor. No *meme* 11, consta uma percepção do aluno em face do professor. No *meme* 12, o olhar do professor direciona-se ao aluno.

Figura 24 – Meme 11



Fonte: Pinterest.

No contexto brasileiro, a imagem da criança que aparece no plano imagético do texto compôs vários outros *memes*. A título informativo, essa criança participou de um programa televisivo apresentado por Sílvio Santos. No programa em questão, o jovem busca encontrar um grupo de Samba do qual é muito fã, o Raça Negra. Com a reprise e o compartilhamento, nas redes sociais, das cenas engraçadas, a imagem do menino tornou-se artifício para a criação de humor em *memes* dos mais variados temas.

Pelo nível narrativo, pode-se estabelecer a relação de conjunção ou disjunção do sujeito com o objeto. No *meme* 12, essa estruturação é disjuntiva. O sujeito professor encontra-se em disjunção com o objeto aprendizado dos alunos. A falta de compreensão do aluno é marcada pela pergunta elaborada por ele sobre um assunto ministrado há pouco tempo.

Outro Programa Narrativo apresenta-se nesse quadro textual. Temos o professor atuando como sujeito do fazer sobre o sujeito de estado aluno. O sujeito aluno também marca uma relação disjuntiva com o objeto conhecimento. O educador busca operar uma transformação, nesse estágio inicial, que geraria uma conjunção mútua. O sujeito aluno, em conjunção com o conhecimento; e o sujeito professor, em conjunção com o ensino efetivado.

As modalizações situam-se na instauração de um *querer* ensinar. Além disso, irrompe a competência marcada pelo *poder* ensinar, haja vista que, para ser professor, são necessários

requisitos prévios. Entretanto, não foi possível recuperar os processos de manipulação e sanção, nesse texto.

Diante de uma disposição textual mais extensa e com mais requisitos, provavelmente, seria possível atingir os processos manipulativos pelos quais o sujeito professor valeu-se para, por exemplo, atingir o objetivo de ensinar e suas respectivas sanções, mas são apenas presunções. O texto que se tems, não oportuniza tal inferência.

No nível discursivo, evidenciam-se as figuras de professor; aluno; aula; e criança. A figura do professor é presumida, pela informação de que o sujeito está dando aula, a função primária de um professor. As outras figuras estão distribuídas nas partes verbal e imagética do *meme*.

É de fundamental importância apresentar os temas que recobrem essas figuras. Primeiramente, constata-se o tema da dificuldade de ensinar; o ato de fazer alguém aprender algo é o desafio, por excelência, e os professores enfrentam esse desafio diariamente.

De modo mais amplo, o tema dificuldade de aprender também se manifesta. É habitual termos discussões em torno dos entraves que permeiam o processo de ensino e aprendizagem. Talvez pelas frequentes exposições em artigos científicos, a sala dos professores; os cursos de formação continuada; dentre outros espaços possíveis para essa discussão; a temática tornou-se ponto de abordagem no *meme* 12.

Avançando nas análises, trata-se das debreagens instituídas no discurso analisado. Para começar, a pessoa deste discurso é marcada por uma debreagem actancial enunciativa; na transcrição da parte verbal, conseguimos recuperar a debreagem pelo *eu*: “Quando estou dando aula e o aluno pergunta sobre o que acabei de explicar”. O *eu* encontra-se oculto, enquanto sujeito da oração anterior. Essa disposição estabelece uma proximidade subjetiva de quem enuncia com o que é enunciado.

A dimensão espacial do discurso apresenta-se por um *aqui*, o qual é enunciativo. O professor apresenta, implicitamente, que o espaço ao qual ele se refere é a sala de aula e é onde se encontra, no decorrer da situação apresentada. O tempo, por sua vez, é enunciado. Embora ação durativa seja marcada pelo gerúndio do verbo dar, o advérbio temporal *quando* demonstra um tempo distante do anúncio, tem-se, assim, um *então* marcado pela enuncividade.

Vale destacar, ainda, que na cobertura isotópica disposta no texto, a figura da criança chorando representa, metaforicamente, o professor e a decepção ocasionada pela falta de entendimento dos alunos referente ao assunto apresentado na aula. A cobertura isotópica gera

humor, pela expressão da criança; a decepção é intensificada pelo choro e esse exagero confere humor ao texto.

O Ator da Enunciação proveniente da conjuntura apresentada demonstra um tom humorístico ao fato de os alunos não conseguirem aprender. Ainda que o assunto da aula tenha sido explicado há poucos minutos, o aluno não atinge as expectativas do professor (Quadro 20).

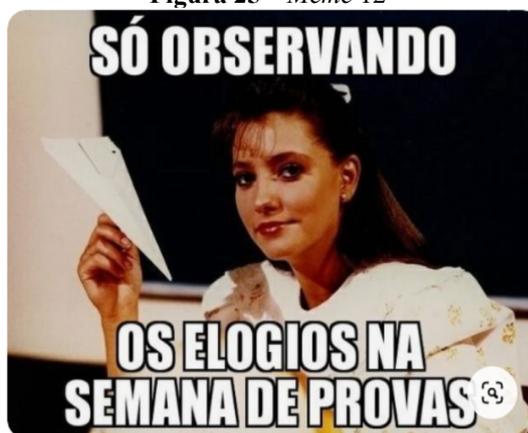
Quadro 20 – Temas e figuras *meme* 11

Figuras	Temas
Professor; aluno; aula; e criança	Dificuldade de ensinar e dificuldade em aprender

Fonte: Elaboração própria.

No texto a seguir, apresenta-se o *meme* 13, no qual o professor recebe elogios e é reconhecido por seu trabalho, porém, em uma condição bem específica: a semana de avaliações. (Fig. 26). Até o momento, em parte dos textos com humor e criticidade, algumas ocorrências relacionavam-se ao dia a dia de professores. O tema avaliação apareceu em três delas.

Figura 25 – *Meme* 12



Fonte: Pinterest.

O *meme* 13 exibe, com toques de humor, o recebimento de elogios pelo professor na semana de provas. Esses elogios partem de alunos com o fito de agradar ao professor e, ao mesmo tempo, ter uma correção das provas que considere os elogios como parte do processo avaliativo. Pela expressão facial marcada no texto, infere-se que haja descrença na veracidade dos elogios.

No nível narrativo, a relação sujeito e objeto é marcada pelo sujeito professor e o objeto avalia os alunos. A conjunção desse primeiro Programa Narrativo não pode ser identificada. No segundo programa, o sujeito aluno atua como destinador da narrativa, tentando convencer o professor, por meio dos elogios, a avaliá-lo de forma positiva. Nesse processo, a manipulação pela sedução instaura um *querer/fazer*.

A *performance* apresenta-se pelo modo como o professor estabelece, nesse caso, o processo de avaliação dos seus alunos. Além disso, presume-se a sanção, no *meme* 13, pois, caso os alunos obtenham um bom resultado no processo de avaliação, o professor terá atingido seus objetivos e a sanção terá disposição positiva. Nesse caso, até os alunos partilharão dos efeitos positivos desse processo. Do contrário, podem surgir aspectos negativos da sanção.

Verifica-se, no nível discursivo, a instituição de pessoa, espaço e tempo do discurso. No *meme* 13, a *debreagem* que marca a pessoa está implícita, mas pode ser facilmente identificada ao reestruturar a parte verbal do *meme*. Em vez de ler: “Só observando os elogios na semana de provas”, basta verificar que quem observa é a professora, ou seja, teríamos um “eu estou só observando [...]”. Desse modo, a *debreagem* actancial é enunciativa.

A dimensão espacial é presumida. A sala de aula marca-se no discurso pelas marcas contextuais do ambiente de encontro entre professor e alunos; além do lugar onde se realizam as provas. A professora encontra-se nesse ambiente, e instala-se, pois, um *aqui* que é enunciativo. O tempo, por sua vez, é marcado pelo presente e continua disponível pelo gerúndio do verbo observar. Embora seja um tempo relativamente longo, uma semana, compreendemos que a *debreagem* temporal é enunciativa, instalando um *agora*, no discurso.

A organização semântica no *meme* 13 contempla as figuras da professora; prova; semana; do elogio; avião de papel; e quadro branco (Quadro 21). A semântica do nível discursivo é identificada também na composição dos temas que envolvem as figuras. Em tal caso, os temas que circundam as figuras são: o cotidiano escolar; a avaliação escolar; e o enaltecimento pontual do professor.

Talvez seja difícil dizer o motivo pelo qual o discurso apresenta o elogio como prática escassa. Coaduna-se com duas vertentes: a primeira, diz respeito ao interesse do aluno em obter vantagem no momento da correção das provas a partir do elogio; a segunda pode estar associada à falta de reconhecimento do professor, durante o exercício da profissão e ele é lembrado pontualmente nos momentos em que fará as avaliações dos alunos. A materialidade permite filiar-se à primeira, mas alinhado mais à segunda disposição.

A cobertura isotópica advém das figuras que remetem ao professor e à sala de aula. As figuras prova; professora; e quadro branco, constituem a representação do professor e espaço em que se encontra. A mulher representa, metaforicamente, os professores, na semana de aplicação da avaliação. A origem da imagem, se é proveniente de produções filmicas ou de outros contextos, não é conhecida, no entanto, essas informações são complementares e não comprometem o sentido do texto.

O Ator da Enunciação do *meme* 13 rege-se por um tom sutil de humor e criticidade. Demonstra-se certo despreço ao processo no cotidiano escolar. A percepção criada é de que o professor recebe elogios somente em momentos nos quais sua decisão afetará diretamente outrem, como é o caso da avaliação de desempenho do aluno.

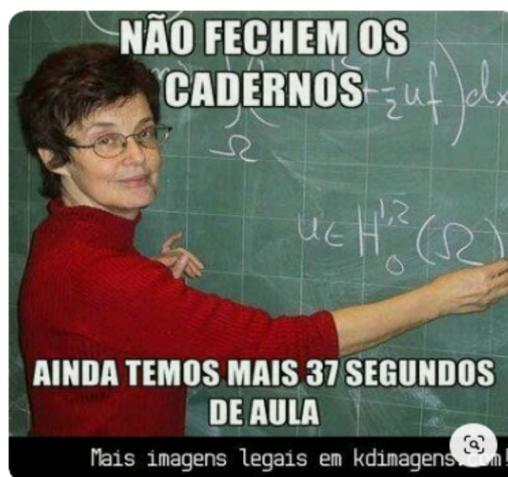
Quadro 21 – Temas e figuras do *meme* 12

Figuras	Temas
Professora; prova; semana; elogio; avião de papel; e quadro branco	Cotidiano escolar; a avaliação escolar; e o enaltecimento pontual do professor

Fonte: Elaboração própria.

No próximo exemplo, tem-se a representação de um professor que aproveita até os últimos segundos da aula, demonstrando certo grau de intransigência, como se observa na Figura 27.

Figura 26 – *Meme* 13



Fonte: Pinterest.

Na leitura inicial do *meme* 13, constata-se que apresenta uma parcela dos professores que aproveita todo o tempo de aula, não abrindo espaço para, por exemplo, descontrair com os colegas de classe ou, até mesmo, guardar o material de estudos.

Avançando no processo analítico do nível narrativo, verifica-se a relação entre sujeito e objeto em iminência de acontecer. O sujeito professora está prestes a estabelecer a conjunção com o objeto finalizar a aula. Os 37 segundos finais marcam essa iminência, a não ser que nesse curtíssimo tempo suceda algo que impeça a conjunção.

A *performance* é estabelecida pelo ato modalizado de *querer* e *poder* (competência) ministrar aulas. Ao observar a relação do sujeito alunos, pode-se dizer que a professora exerce uma manipulação marcada pela intimidação, que gera um *dever/fazer*. Os demais processos concernentes à narrativa são recuperáveis, devido à sucinta disposição.

Ao considerar o nível discursivo antígeno, a primeira ocorrência das debreagens actancial, espacial e temporal, é marcada pela pessoa enunciativa. No excerto: “Não fechem os cadernos, ainda temos 37 segundos de aula”, a professora fala aos seus alunos, formando um *eu/nós* enunciativo.

O espaço marcado nesse discurso é também enunciativo, visto que a professora se encontra no lugar e o indica na enunciação. Há, desse modo, um *aqui* estabelecendo uma relação de proximidade do enunciador com a enunciação. O tempo, no que lhe diz respeito, expõe um *agora* disponível; pela voz imperativa negativa do discurso, a ordem acontece no desenvolver da aula.

Vale destacar também as figuras disponíveis no discurso para estruturar o sentido. No *meme 13*, as figuras cadernos; aula; professora; tempo; quadro branco; giz; e expressões matemáticas, dão concretude ao discurso (Quadro 22). Os temas: cotidiano escolar; e irredutibilidade do professor, recobrem as figuras apresentadas. A irredutibilidade pode ser acessada pelo fato de a professora usufruir os últimos segundos da aula.

O Ator da Enunciação apresenta-se pela marca humorística inerente ao gênero *meme*, além disso, o humor encontra-se na inflexibilidade da professora. Os 37 segundos representam essa irritabilidade, e o que torna o *meme 13* engraçado é essa desproporcionalidade.

Quadro 22 – Temas e figuras do *meme 13*

Figuras	Temas
Cadernos; aula; professora; tempo; quadro branco; giz; e expressões matemáticas	Cotidiano escolar; e irredutibilidade

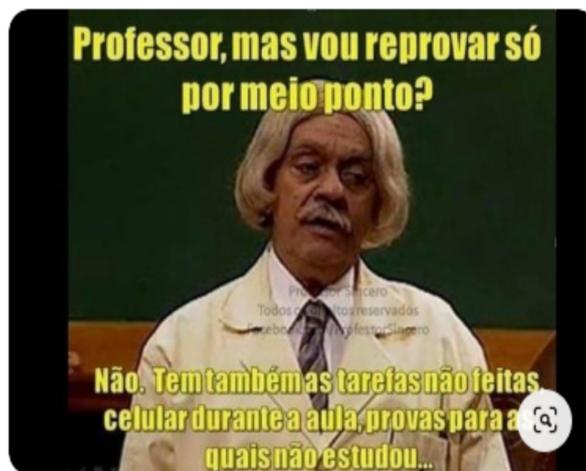
Fonte: Elaboração própria.

No último *meme* encontrado neste estudo, a análise da Figura 28 traz como referência o professor Raimundo, ícone da televisão brasileira interpretado por Chico Anysio. Antes dos

memes se difundirem em todo o mundo, o programa televisivo Escolinha do Professor Raimundo abordava, de forma cômica, situações cotidianas dos professores do Brasil.

Era de se esperar que essa figura aparecesse em algum *meme* que versasse sobre professores. O professor Raimundo representou, assim como os *memes* representam, um recorte, por meio do humor, da condição de inúmeros professores.

Figura 27 – Meme 14



Fonte: Pinterest.

No *meme* 14, consta uma relação dialogal entre professor e aluno. Ao fundo do *meme*, um recorte do programa Escolinha do Professor Raimundo, o uso do professor para constituir a base significativa do *meme* incorpora humor ao texto. O diálogo com o aluno traz à tona o assunto da reprovação escolar; mais uma vez, manifesta-se o assunto avaliação escolar.

No nível narrativo, alçam-se dois Programas Narrativos. Um, no qual o sujeito aluno empenha-se para entrar em conjunção com o objeto aprovação. O outro, refere-se ao sujeito professor em conjunção com o objeto avaliar. Compreende-se que o sujeito aluno, por meio da *performance* elencada pelo sujeito professor, não logrou êxito, pelo fato de não estar dotado dos requisitos básicos para a aprovação; falta, nesse caso, competência.

Ademais, a sanção, no *meme* 15, é atribuída pelo sujeito professor. A nota, abaixo da média necessária para a aprovação, efetiva-se após o professor exhibir os motivos pelos quais o sujeito aluno está recebendo essa sanção, quais sejam: “[...] tarefas não feitas, celular durante a aula, provas para as quais não estudou”.

Direcionando ao nível discursivo, constata-se duas *debreagens* actanciais enunciativas. O aluno, ao dirigir a pergunta ao professor, estabelece um *eu*. No fragmento do

texto: “Professor, mas vou reprovar só por meio ponto?”, recupera-se o *eu* pela conjunção na primeira pessoa do verbo ir no presente do indicativo.

Ao fazer uma análise do primeiro fragmento, consegue-se notar, na continuação do texto, outra marcação de pessoa, no discurso. Tem-se um *eu* enunciativo, que é o professor, representado pelo professor Raimundo, que descreve para o aluno os motivos da reprovação, por isso, tem-se uma debreagem actancial enunciativa.

O espaço da enunciação é depreensível pelo contexto intencional no qual os sujeitos estão inseridos. Tem-se um *aqui* instaurado pela sala de aula em que se encontram os sujeitos da narrativa. O tempo é apontado pelo uso do presente, na construção do discurso, estabelecendo, pois, um *agora*. Tanto a configuração de espaço, quanto a de tempo são enunciativas.

O arranjo semântico do nível discursivo proporciona o exame das figuras distribuídas no texto e como se relacionam com os temas. As figuras do *meme* 14 encontram-se dispostas em professor; alunos; provas; nota; tarefa; celular; e sala de aula. (Quadro 23).

Pode-se afirmar que os temas que envolvem essas figuras relacionam-se ao cotidiano escolar; à avaliação escolar; bem como a uma percepção de inflexibilidade do professor ao reprovar o aluno por meio ponto. Nessa última disposição temática, é preciso entender dois pontos fundamentais.

O primeiro é a visão que o aluno tenta construir do professor; o meio ponto tenta demonstrar que o professor é intransigente, em face da pequena quantidade de pontos que faltam para a aprovação do aluno. Por outro lado, o professor, ao elencar os motivos pelos quais vai reprovar o aluno, mostra-se criterioso com os processos avaliativos.

A cobertura humorística estabelece-se pela resposta imediata do professor ao aluno. Além disso, os leitores que conhecem um pouco o programa Escolinha do Professor Raimundo, alcançaram parte do humor por meio da relação intertextual do programa e do *meme*.

Quanto ao Ator da Enunciação, podem ser estabelecidas as duas leituras apresentadas. Uma relacionada à disposição do humor pela inflexibilidade do professor em aprovar o aluno; a outra, pela forma criteriosa estabelecida pelo professor para avaliar seus alunos, considerando vários aspectos, além da avaliação do conteúdo. Nesse ponto, aderimos às duas possibilidades, por entender que o humor e o sentido podem seguir as duas vertentes.

Quadro 23 – Temas e figuras do *meme* 14

Figuras	Temas
Professor; alunos; provas; nota; tarefa; celular; e sala de aula	Cotidiano escolar; avaliação escolar; e inflexibilidade

Fonte: Elaboração própria.

O Ator da Enunciação constituído nos *memes* sobre o cotidiano escolar e a relação professor e aluno estabelece uma identificação entre enunciador e enunciatário. A marcação *eu* enunciativo mantém uma relação com um coletivo, nos *memes* em análise; um coletivo de professores. Docentes alinhados a, por exemplo, critérios bem estabelecidos no processo de avaliação; ao aproveitamento máximo do tempo de aula; aos dilemas encontrados no ensino remoto; e às outras situações combinadas aos *memes*, constituirão o corpo enunciativo do Ator da enunciação.

O sujeito actancial convida os enunciatários que perpassam o discurso a comporem a enunciação. É como um *eu* dirigindo-se a outros *eus*, que se identificam com as abordagens dos *memes*. Professores enunciatários que, porventura, em algum momento de sua jornada, vivenciaram algum dos acontecimentos exibidos nos *memes* analisados, certamente demonstraram reconhecimento, por meio da interação nos ambientes digitais, seja pelo ato de comentar, curtir, compartilhar, seja por outros recursos característicos de cada rede social.

Em síntese, podemos que os *memes* analisados condessam anseios relacionados à falta. Manifesta-se, pois, sujeitos em disjunção com objetos desejáveis e fundamentais, Barros (2021). Essa falta apresenta-se na desvalorização, na ausência de descanso e de condições adequadas de trabalho.

7 DAS CONCLUSÕES

Aqui estão dispostas as considerações percebidas ao longo do processo árduo de construção da dissertação. Não é denominada de considerações finais, pois esse processo marcará o início de tantos outros processos investigativos. Estudar *memes* sob o manto da SD mostrou que cada teoria traz uma infinidade de possibilidades.

Na graduação em Letras, o *meme* apresentou-se como um recurso pedagógico para o ensino de Língua Portuguesa. Aqui, no mestrado em Estudos da Linguagem, os *memes* tornaram-se objeto de vasta reflexão em torno dos processos constitutivos do sentido. Acredita-se que, em qualquer teoria, seja linguística, pedagógica, social, esse gênero discursivo apresenta-se como objeto profícuo para diversas áreas de investigação.

É interessante perceber a abertura de novas perspectivas e possibilidades de pesquisa, ao longo desse processo. A escolha de estudar *memes* sob o enfoque da SD revelou a riqueza e complexidade desse fenômeno discursivo na era digital. As observações sobre como os *memes* podem transcender fronteiras disciplinares, tornando-se um objeto de estudo relevante em várias áreas, são valiosas.

Os *memes* desempenham um papel significativo, na comunicação digital contemporânea, influenciando a forma como as pessoas se expressam, compartilham ideias e participam de diálogos socioculturais e são uma forma marcante de disseminar humor e crítica

Por meio do humor e da crítica, os *memes* permeiam diversos setores sociais, disseminados rapidamente pelo novo modo de enunciar, nos espaços digitais. Discutiu-se a configuração dos *memes* no novo cenário de comunicação digital; observou-se sua estrutura na conjuntura que se apresenta, no crescente interesse em pesquisar *memes* sob profusos pontos teóricos.

Alguns trabalhos em Semiótica, que tiveram os *memes* como objeto de investigação, contribuíram para o entendimento dos processos inerentes ao contexto digital e compostos por uma disposição multissemiótica.

Entender um pouco da organização particular dos discursos eminentemente digitais oportunizou o entendimento dos desafios marcados pela análise de texto que estão em constante transformação e fluida passagem pela rede digital.

Os *memes*, muitas vezes, dissipam-se na internet e podem ser vistos ocasionalmente novamente por um ato de reconstrução, por exemplo, do caminho pelo qual chega-se a eles.

Por isso, a rede social Pinterest configurou-se como aliada, tendo em vista seus buscadores precisos, que facilitaram o processo de investigação de coleta dos dados.

Dentre as ressalvas em relação à rede social, citam-se a interação na plataforma, que é mínima; o ambiente digital serve como um depósito de imagens com um grau baixíssimo de interação, se comparadas às demais redes sociais. Todavia, como não era a proposta analisar as interações configuradas por comentários, curtidas, compartilhamentos, a rede social foi facilitadora do processo de levantamento de dados.

Nas disposições teóricas, constam os liames que permeiam a estruturação dos *memes* enquanto gênero discursivo digital. Surgiram, desses aspectos, percepções dualistas, que segregam significativamente, a interação em espaços físicos e digitais. Coadunam-se com a perspectiva de que a segregação estabelecida pela perspectiva do Dualismo Digital não se sustenta nas relações sociais reais e contemporâneas. Isso se deve ao intrincado vínculo existente entre o mundo digital e a organização social. Em outras palavras, a fronteira entre *on-line* e *off-line* é cada vez mais permeável e interconectada, desafiando a ideia de uma separação rígida entre essas esferas.

Para compreender esses espaços dinâmicos de interação oriundos dos ambientes digitais, breves reflexões foram formuladas em torno dos processos que culminaram na configuração atual da *Web*, de modo geral.

Especial espaço foi reservado à teoria da enunciação. Dentro desse escopo, Benveniste (2005; 2006) oferece discussões altamente relevantes sobre a organização enunciativa. A ênfase, aqui, recaiu na importância de compreender a estrutura da teoria da enunciação delineada por Benveniste, bem como pelos desdobramentos cujas implicações incidem na base teórica de construção de significados na SD.

Nesse contexto, ficou evidente que a organização enunciativa é intrinsecamente ligada à posição do sujeito enunciativo, durante o ato comunicativo. Portanto, o conceito central desta pesquisa, o Ator da Enunciação, surgiu das marcas fincadas na enunciação, sobretudo, a partir da interação entre temas e figuras.

Bem por isso, um tópico particular, os *posts*, serviu para tratar aspectos que envolvem o Ator da Enunciação em sua constituição discursiva. De acordo com Barros (2016), os temas e as figuras, na comunicação, carregam características que refletem a posição social, os aspectos históricos e ideológicos do enunciador, e que as figuras adicionam uma dimensão sensorial à mensagem. Isso sugere que a escolha de temas e figuras em um discurso não

apenas reflete a posição do enunciador na sociedade, mas também pode influenciar a experiência sensorial do enunciatário.

Como parte dos objetivos desta pesquisa foi analisar a configuração do Ator da Enunciação no *corpus* construído, buscou-se investigar as regularidades na representação do Ator da Enunciação, para identificar quais temas e figuras permanecem constantes, ou variam, nos enunciados do *corpus* estudado.

É importante destacar que os estudos semióticos têm aplicações práticas significativas na compreensão da organização discursiva. Conforme Barros (2016, p.14) afirma, "a análise dos atores da enunciação é a maneira pela qual os estudos semióticos buscam atribuir identidade corporal e sócio-histórica à enunciação".

À medida que fundamentou-se esta discussão, enfatizou-se que o conceito central desta investigação foi o Ator da Enunciação, com foco nos princípios teóricos do Percorso Gerativo de Sentido. Esse conceito ofereceu uma base sólida para a compreensão das complexas dinâmicas da enunciação e sua relação com a construção de significados.

Diante disso, há de se observar as configurações enunciativas em espaços digitais, assim, teceram-se breves considerações sobre essas disposições, a fim de ambientar minimamente os leitores sobre as particularidades desse modo de enunciar.

O arcabouço teórico-metodológico do Percorso Gerativo de Sentido que orienta de maneira clara o processo de conduzir análises semióticas. A teoria estruturada por Greimas (1973) e vastamente disseminada, no Brasil, por Diana Luz Pessoa de Barros e José Luiz Fiorin, demonstra que é possível estabelecer processos de análise a partir de variadas manifestações discursivas, inclusive os *memes*.

O Percorso Gerativo de Sentido demonstra ser um funcional recurso teórico-metodológico. Cada nível do percurso fornece ensejo para discussões notáveis no campo dos estudos da linguagem. Neste estudo, o olhar está ajustado, com mais atenção, ao nível discursivo e valendo-se de alguns aspectos importantes do nível narrativo.

O nível mais abstrato, o fundamental, não compôs o processo de análise, porque, dada a quantidade de textos, estabeleceria um processo complexo de classificação das abstrações nas oposições semânticas, além de ser prescindível, por ora, para a compreensão do Ator da Enunciação. Apesar de não ter abordado o nível mais profundo do Percorso Gerativo de Sentido, pretende-se fazê-lo em futuras investigações, em um *corpus* delimitado, com menos exemplares, para facilitar a análise sobre os pressupostos dos três níveis.

A percepção oportunizada pelo nível narrativo, sobretudo nas relações conjuntivas e disjuntivas, entre sujeitos e objetos, forneceram alternativas essenciais à compreensão do sentido. Haja vista que, em muitas vezes, os sujeitos estabelecidos nos Programas Narrativos tornam-se sujeitos da enunciação e, por isso, Atores da Enunciação.

Por essa percepção acessível no nível narrativo, a escolha foi apontar, brevemente, o modo pelo qual estão marcadas as conjunções e disjunções entre sujeito e objetos. Viu-se, por exemplo, que, em uma narrativa na qual o sujeito está em disjunção com o objeto valorização profissional, pode-se compreender que, no nível discursivo, existirão figuras que embasam o tema da desvalorização profissional, bem como as marcações pelo humor e pela crítica de um Ator da Enunciação que denuncia a situação de desvalorização profissional.

Como foi possível perceber, os níveis estabelecem, entre si, uma organização de complementaridade do sentido. As instâncias de um nível transformam-se em outras instâncias, nos outros, do abstrato ao tangível. Observar como sujeitos da narrativa estruturam, posteriormente, sujeitos do discurso, mostra que os *memes*, enquanto gêneros discursivos, criam uma relação de proximidade e identificação entre enunciadore e enunciatários.

Ora, dificilmente alguém compartilhará um *meme* no qual não se identifique com a crítica ou com o humor marcado no texto. Podem haver, dentro da conjuntura de um enunciador coletivo, pessoas que compartilham *memes* sobre professores, que não sejam professores, no entanto, é muito provável que compreendam os desafios que perfazem o fazer docente.

Supõe-se que potenciais enunciadore e enunciatários de *memes* sobre essa temática sejam professores de carreira; professores que desistiram da carreira; alunos de alguma licenciatura; alunos de modo geral; filhos e parentes próximos de professores, além de um coletivo de pessoas que acredita que, para estabelecer mudanças significativas na estrutura social, deva começar pela valorização dos profissionais da educação.

Os compartilhadore figuram como enunciadore do discurso e, por isso, muitas vezes, corroboram com o discurso de que professores são desvalorizados; estão desgastados corporal e psicologicamente; precisam descansar; desenvolvem atividades excessivas; têm muitas demandas que ultrapassam o ato de ministrar aulas; e tantos outros dilemas que permeiam a vida de professores nas mais diversas condições de trabalho no Brasil.

Não foram notados, aliás, *memes* que abordassem o lado bom de ser professor. Talvez pelo fato de o *meme* possuir características que envolvem a sátira, a hipérbole e crítica, e o

humor, a parte gratificante em atuar como professor deixou de aparecer, pois, dificilmente, geraria algum efeito dos citados acima.

Há de mencionar *memes* que abordam a convivência diária de alunos e professores. Era esperado que *memes* desse teor aparecessem, afinal de contas, em alguns modelos de escola, os alunos passam mais tempo com o professor do que com a própria família. Logo, evidências que demarcam essa relação foram mostradas em alguns *memes*.

No pequeno recorte composto por 14 *memes*, obteve-se um retrato aproximado da configuração da vida profissional de professores, sobretudo, no Brasil, tendo em vista que os contextos de enunciação se referem ao país.

Em termos semióticos, o Ator da Enunciação, ora crítico, ora hiperbólico, ora humorístico e, às vezes, tudo de uma vez, demonstra que a situação de parte dos professores é desgastante, maçante, cansativa e, em alguns casos, insalubre. Embora revestido pelo humor característico dos *memes*, o Ator da Enunciação revela um tom crítico ante a situação marcada nos textos.

Certamente, vale ressaltar que a estrutura discursiva peculiar dos *memes* estabelece um humor impregnado de críticas sutis, conferindo leveza ao texto e promovendo um tom humorístico com elementos críticos. Dessa forma, notou-se nos *memes* deste estudo a mitigação dos aspectos modais do sujeito, resultando na diminuição do tom crítico e na ênfase do humor como um catalisador da crítica.

Em investigações futuras, pretende-se considerar os *memes* conjuntamente às interações provenientes das publicações; para tanto, pretende-se acessar redes sociais mais interativas, para estabelecer tal relação. O Pinterest mostrou ser uma ótima rede de pesquisa e levantamento de dados através dos buscadores, porém, as interações, nesse ambiente, são mínimas, em termos de comentários, curtidas e compartilhamentos.

Além disso, análises mais aprofundadas, partindo dos três níveis do Percurso Gerativo de Sentido, serão constituídas. Entende-se que, para estruturar novos desdobramentos teóricos, são necessários empreendimentos de busca, leitura e amadurecimento, enquanto pesquisador, bem por isso as lacunas marcadas neste estudo servirão de incentivo para contemplá-las em outra fase de nossa trajetória acadêmica.

8 REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fernando Luis. Concept and dimensions of web 4.0. **International Journal of Computers & Technology**, v. 16, n. 7, p. 7.040–7.046, 2017. Disponível em: <https://rajpub.com/index.php/ijct/article/view/6446>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- ALTHUSSER, L. Aparelhos ideológicos do estado. In: ŽIŽEK, Slavoj (org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996, p. 105-142.
- ALVES, G. C. Estruturalismo linguístico. In: CARVALHO, C. I. C.; BARBOSA, J. R. A. (eds.). **Teorias linguísticas: orientações para a pesquisa [on-line]**. Mossoró: EdUfersa, 2021, p. 13-41. ISBN: 978-65-87108-25-4
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AZZARI, Eliane Fernandes. De tempos-espacos físicos aos digitais: memes, museus e a arquitetônica de paisagens linguísticas/semióticas na atualidade. In: V SIIMI – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INOVAÇÃO EM MÍDIAS INTERATIVAS, 2018, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: Midia Lab / BR, 2018, v. 1, p. 490-499.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 7–24, 2016. DOI: 10.20396/cel.v58i1.8646151. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8646151>. Acesso em: 24 maio 2022..
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.
- BARROS, M. Notas semióticas sobre os memes. **Fórum Linguístico**, v. 18, n. Esp., p. 5865–5876, 12 jul. 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BEEK, Marieke Van. **Verschillend perspectief 6:9**. Disponível em: <https://organiseerhetzelf.nl/2018/04/19/verschillend-perspectief-69/>. Acesso em: 4 jul. 2022.
- BELLOMO-SOUZA, Ana Paula *et al.* Percurso gerativo do sentido: uma análise do selo comemorativo do centenário do nascimento de Luiz Gonzaga e da composição Asa Branca (1947). XI SEMINÁRIO LEITURA DE IMAGENS PARA A EDUCAÇÃO: MÚLTIPLAS MÍDIAS , 7 nov. 2018, **Anais [...]**, p. 12. Disponível em: www.udesc.br/ceart/nest/anais/xiseminarioleituraeimagens. Acesso em: 24 out. 2022.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: Edusc, 2003.

BRANDÃO, Renata. Ortiz. Divisões nos sentidos de “mulher”. **Letras & Letras**, v. 36, n. 1, p. 97-116, 2020. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/50529>. Acesso em: 2 jun. 2023.

BRÉAL, M. **Ensaio de semântica: ciência das significações**. Trad. por Aída Ferrás *et al.* São Paulo: Educ, 1992.

BRITO, Gustavo André Táriba. **A construção semiótica do ator da enunciação nos memes verbovisuais de orientação política: o estilo de um gênero midiático**. 220. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Linguística Geral) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-18082020-172507/>. Acesso em: 29 maio 2023.

BRITO, Y. C. F. Pour une semiotique de la propagation : invention et imitation sur les reseaux sociaux. **Nouveaux Actes Sémiotiques** (en ligne), v. 121, p. 1-18, 2018.

CARDOSO, Marco Antonio Fernandes; HANASHIRO, Darcy Mitiko Mori; BARROS, Diana Luz Pessoa de. Um caminho metodológico pela análise semiótica de discurso para pesquisas em identidade organizacional. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, p. 351–376, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/cebape/a/CSrscSMTm8Rwdvv4PnrCDvH/?lang=pt>. Acesso em: 7 dez. 2022.

COSTA, Débora Pereira Lucas; NAEDZOLD, Simone de Sousa. Um percurso possível para o conceito de enunciação / A possible route to the concept of enunciation. **Pensares em Revista** [S.l.], n. 21, jul. 2021. ISSN 2317-2215. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/59790>. Acesso em: 20 jun. 2023. DOI: <https://doi.org/10.12957/pr.2021.59790>.

DASCAL, M. **Filosofía del lenguaje II, pragmática**. Madrid: Editorial Trotta, 1999.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. Tradução de Rejane Rubino. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos**. São Paulo, Contexto, 2003.

DISCINI, Norma. Éthos e estilo. *In*: LIMA, Eliane Soares de (org.). **Estilo, éthos e enunciação**. São Paulo: Unifran, 2016. p. 16-56.

DISCINI, Norma. Gêneros discursivos em diálogo: a configuração do corpo autoral. **Revista Linguagem & Ensino**, v.21, p. 305-358, 2018a. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15197>. Acesso em: 2 jun. 2022.

DISCINI, Norma. O estilo e o ator da enunciação: Greimas na contemporaneidade. **Estudos Semióticos**, v. 14, n. 1, p. 117-132, 2018b. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/144315>. Acesso em: 22 maio 2022.

DOMANESCHI, E. O quadrado semiótico greimasiano: herança e transformação. **Estudos Semióticos**, [S.l.], v. 13, n. esp., p. 51-58, 2017. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.140738. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/140738>. Acesso em: 5 jul. 2022.

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística** (dizer e não dizer), São Paulo: Cultrix, 1977.

DUCROT, O. Nota sobre a pressuposição e o sentido literal (posfácio). *In*: HENRY, P. A **ferramenta imperfeita**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 203-238.

EICHLER, Tatiana Zarichta Nichele. **Arte, estética, curadoria... e um pouco de semiótica na química**. 2021. Tese (Doutorado) - Instituto de Ciências Básicas da Saúde, Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

FARIAS, O.; LEITE, R. Enunciação e tensividade no discurso da mídia jornalística sobre a pandemia de covid-19. **Prolíngua**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 224-236, 2021. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n2.58832. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/58832>. Acesso em: 24 abr. 2023.

FERREIRA, Jéssica Roberta Araújo. **Memes sobre pós-graduação**: uma análise semiótica na rede social Instagram. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br>. Acesso em: 31 jun. 2023.

FIORIN, José Luiz. Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva. **Delta: Revista de Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/cgi-bin/fbpe/fbtext?got=last&pid=S010244501999000100009&usr=fbpe&lng=pt&seq=002-4450-005&nrm=iso&sss=1&aut=71981947>. Acesso em: 6 jul. 2022.

FIORIN, José Luiz. **A pessoa desdobrada**. n. 39, São Paulo: Alfa, p. 23-44, 1995.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2000.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz. O pathos do enunciatário. *In*: **Alfa, Revista Linguística**. São Paulo, v. 48, n. 2, p. 69-78, 2004.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. Enunciação e semiótica. **Letras**, [S. l.], n. 33, p. 69-97, 2006. DOI: 10.5902/2176148511924. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11924>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido**: estudos discursivos. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. **Gragoatá**, v. 22, n. 44, p. 970, 2017. Disponível em: <http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata/article/view/983>. Acesso em: 26 jul. 2023.

FIORIN, José Luiz. A respeito dos conceitos de debreagem e de embreagem: as relações entre semiótica e linguística. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, p. 12–38, 2022. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/8970>. Acesso em: 9 abr. 2023.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. 16. ed., 7. impr., São Paulo: Ática, 2003.

GREIMÁS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 1989.

GREIMÁS, A. J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2011.

GREIMÁS, Algirdas Julien. **Semântica estrutural**: pesquisa de método. São Paulo: Cultrix, 1973.

GIERING, E.; PINTO, R. O discurso digital nativo e a noção de textualidade: novos desafios para a linguística textual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 4, n. 27, p. 30-47, 2021.

JURGENSON, Nathan. When atoms meet bits: social media, the mobile web and augmented revolution. **Future Internet**, v. 4, n. 1, p. 83-91, 2012. Disponível em: <http://www.mdpi.com/1999-5903/4/1/83>. Acesso em: 28 jun. 2022.

JURGENSON, Nathan; RITZER, George. The Internet, Web 2.0, and Beyond. In: RITZER, George (org.). **The wiley-blackwell companion to sociology**. 1. ed. [s.l.]: Wiley, 2011, p. 626–648. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/9781444347388.ch33>. Acesso em: 1º jul. 2022.

LEITE, Ricardo Lopes. Isotopia e metaforização textual. **Gragoatá**, v. 14, n. 26, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33127>. Acesso em: 25 jun. 2023.

LEITE, Ricardo Lopes; FARIAS, Otávia Marques de. Estratégias enunciativas na produção do efeito de imparcialidade em notícias jornalísticas. **Galáxia** (São Paulo), p. 175–185, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/gal/a/rFbGm3Z3kLSCqrtdDRvnfkq/?lang=pt>. Acesso em: 1 mai 2023.

LEBLER, Cristiane Dall' Cortivo; SANTORUM, Karen. A teoria da argumentação na língua e a explicação do sentido do discurso. **Alfa: Revista de Linguística** (São José do Rio Preto), v. 64, p. e11459, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-57942020000100201&tlng=pt. Acesso em: 25 jul. 2023.

LOPES, L. F. de O.; FERNANDES, A. C. A. Uso de *memes* em aulas de português: um olhar voltado à inovação de práticas pedagógicas na área de linguagens e códigos. **Educação**,

Escola & Sociedade, v. 13, n. 15, 2020. Disponível em: <https://www.Periodicos.Unimontes.Br/Index.Php/Rees/Article/View/1986>. Acesso em: 10 abr. 2021.

LOPES, L. F. de O. Inovação de práticas educacionais: o uso de memes como recurso didático-pedagógico. *In*: SOUZA; MEDEIROS. **Educação em debate**: política, formação docente e inovações pedagógicas. João Pessoa: Ideia, 2019.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Trad. Freda Indursky. 2.ed. Campinas: Pontes, 1993.

MARINO, G. Semiótica da propagabilidade: uma abordagem sistemática de memes e virais de Internet. Trad. Cecília Almeida Rodrigues Lima. **Revista Ícone**, v. 16, n. 1, p. 9-41, 2018.

MEILI, A. M. Os memes no YouTube: uma aplicação da intertextualidade como categoria analítica. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 35, n. 2, p. 353-381, jun. 2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistasims/index.php/CSO/article/view/3325/4215>. Acesso em: 23 abr. 2021.

MERZEAU, Louis. Faire mémoire des traces numériques. 2012 Ina **EXPERT**. Disponível em: <http://www.ina-expert.com/e-dossier-de-l-audiovisuel-sciences-humaines-et-sociales-et-patrimoine-numerique/faire-memoire-des-traces-numeriques.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

MUSEU DE MEMES. Disponível em: <https://www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 15 fev. 2023.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed., Campinas: Pontes, 2005.

OXFORD. Dictionaries. Disponível em: <http://oxforddictionaries.com/?region=us>. Acesso em: 16 maio 2023.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. Trad. org. Julia Lourenço Costa e Roberto Baronas. Campinas: Pontes Editores, 2021.

PAVEAU, Marie-Anne. Technodiscursivités natives sur Twitter. Une écologie du discours numérique. **Epistémè: revue internationale de sciences humaines et sociales appliquées**, n.9, p. 139-176, 2013.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1983.

RIBEIRO, Elaine; GOULART BLANK, Julia Caroline; FREITAS, Ernani Cesar de. Do presencial ao digital em tempos de pandemia: o ethos revelado pelo professor em atividade remota. **folio – Revista de Letras**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2021. DOI: 10.22481/folio.v13i1.8326. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/8326>. Acesso em: 9 maio 2023.

SANTIAGO, Maria Magda de Lima. A construção de sentido a partir das isotopias temáticas e figurativas: análise semiótica de duas narrativas de Ítalo Calvino em ?As Cidades Invisíveis?. In: VI SEVFALE – SEMANA DE ATIVIDADES ACADÊMICAS ESPECIAIS DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG. **Anais** [...]. Belo Horizonte, 2006. CD-ROM VI Sevfales. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2006.

SARTINI POPOFF, Jorge Gabriel; CORTINA, Arnaldo. Teoria enunciativa de Benveniste e semiótica discursiva: contribuições para a análise de textos. **Revista do GEL**, v. 15, n. 2, p. 98-116, 13 nov. 2018. DOI: 10.21165/gel.v15i2.2120. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/2120>. Acesso em: 7 nov. 2022. ScienceFriday.com. **Science friday**. Disponível em: <https://www.sciencefriday.com/articles/the-origin-of-the-word-meme/>. Acesso em: 26 mar. 2023.

SHIFMAN, Limor. **Memes in a digital culture**. Cambridge: The MIT, 2014.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, p. 362-377, 2013.

SILVA, Carmem Luci da Costa. **A conversão da língua em discurso**: enunciar para significar. Antares, 2016.

SILVA, W. M. Estudando textos em redes sociais: do ensino de leitura à utilização de materiais didáticos. In: **Rev. Diacrítica**, v. 34, p. 26-40, 2020. Disponível em: <http://diacritica.ilch.uminho.pt/index.php/dia/article/view/321>. Acesso em: 28 abr. 2021.

SOARES, Cássia Lacerda. **Fé e sentido**: enunciação e éthos no discurso da homilia de freis franciscanos. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/3757>. Acesso em: 10 nov. 2022.

STAKE, Robert E. **Pesquisa qualitativa**: estudando como as coisas funcionam. Tradução: Karla Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.

TEIXEIRA, L.; FARIA, K.; AZEVEDO, S. T. de. Enunciação em meios digitais. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 122-135, 2017. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2017.141616. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/141616>. Acesso em: 18 fev. 2023.

TORRES, Ton. **O fenômeno dos memes**. Cienc. Cult. [online]. 2016, vol.68, n.3. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018&lng=en&nrm=iso>. ISSN 2317-6660. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602016000300018>. Acesso em: 18 fev. 2023.

Trago Verdades. Disponível em: <https://www.facebook.com/tragoverdadesmemes/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

XAVIER, Antônio C. S. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. 2002. Tese (Doutorado) – Unicamp, 2002, inédita.